

IGREJA BATISTA DO CAMBUÍ

ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL

TEOLOGIA SISTEMÁTICA I

Material preparado pelo

Pr. Isaltino Gomes Coelho Filho

*Para uso exclusivo na Escola Bíblica Dominical da Igreja Batista do Cambuí,
Campinas, S. Paulo. É proibida a reprodução e utilização fora da Igreja, sem a
autorização por escrito do autor.*



O estudo de Teologia Sistemática deve ser baseado na Bíblia. Por isso que, antes de começarmos um estudo sério da Teologia, é necessário deixar bem definida uma coisa: vamos estudar a Bíblia e vamos usá-la mais que qualquer outro livro. O fato de não seguirmos um determinado livro da Bíblia para estudar, como fazemos na Escola Bíblica Dominical, não significa ausência de Bíblia. Vamos estudá-la. Esta apostila, inclusive, é um roteiro do estudo bíblico, para facilitar uma visão sistemática da Bíblia, e não pretende ser um substituto dela. Por isso, logo de início, é necessário responder a uma pergunta: "como podemos ter certeza de que temos um documento confiável em mão, quando estudamos a Bíblia?". Sim, como é possível acreditar que, ao longo dos tempos não houve modificações feitas pela Igreja ou por pessoas interessadas em apresentar certos pontos de vista? Algumas pessoas costumam dizer que "papel aceita tudo", para negarem o valor da Bíblia. Então, como podemos crer que temos em nossa Bíblia exatamente o que foi dito em tempos remotos? Para responder a estas questões, transcrevo, a seguir, uma pastoral de boletim que produzi para responder este problema embora formulada em outras palavras:

"É POSSÍVEL LEVAR A BÍBLIA A SÉRIO?"

Um crítico ignorante do assunto alegou não poder levar a Bíblia a sério por não se poder provar a autenticidade dos seus manuscritos que deram origem aos livros bíblicos que temos. Ao longo dos tempos, segundo ele, os cristãos os modificaram, para impor suas doutrinas. A Bíblia teria sido mudada, segundo eles.

Tucídides, historiador aceito pelos estudiosos, viveu entre 460-400 a.C. Sua obra nos chegou com oito manuscritos de 900 a. D. (1.300 anos depois de sua vida). Os manuscritos de outro historiador, Heródoto, são mais raros, mas também aceitos, como os de Tucídides. Chegaram-nos em poucas cópias, bem depois da sua vida. As obras de Aristóteles, filósofo grego, foram produzidas em cerca de 330 a.C. O manuscrito mais antigo é de 1.110 d.C. (1.400 anos após sua vida). Nenhum filósofo impugnou Aristóteles por isso. As guerras gaulesas foram narradas por César entre 58 e 50 a. C., mas o manuscrito mais recente data de 1.000 anos depois de sua morte. No entanto, todos eles são aceitos pelos historiadores como dignos de confiança.



Ninguém negará o valor de *A Ilíada*, de Homero, que tem 643 manuscritos. Pois bem, do Novo Testamento temos cerca de 2.000 manuscritos, cópias de escritos dos anos 46 a 90 de nossa era, bem perto dos eventos, narrados por testemunhas oculares. Quanto ao Antigo Testamento, em 1947, nas cavernas de Qumram, descobriram-se centenas de seus manuscritos, alguns datando de 150 a.C. Até onde se pôde traduzir (e há lingüistas cristãos bem preparados) o texto bate, palavra a palavra, com o que temos traduzido. Não manuseamos uma invenção humana, mas uma revelação verbalizada e cristalizada em escrita há séculos.

Do ponto de vista bibliográfico, a Bíblia possui mais base manuscrita que qualquer outra peça literária da antigüidade. Só a má fé dirá que o texto foi modificado. Não aceitá-la alegando modificação do texto é ignorância ou má fé.

A questão é que a Bíblia incomoda as pessoas com suas exigências morais e espirituais, pedindo-lhes definição. Ela é, ao mesmo tempo, uma carta de amor e um ultimato da parte de Deus. Uma declaração de que ele nos ama, mas que nos chama a mudar a vida. Promessas as pessoas querem. Compromisso, não. Seu ceticismo e sua incredulidade não são intelectuais, mas morais. Como disse Mark Twain: "O que me incomoda na Bíblia não são as passagens que eu não entendo, mas sim as que eu entendo".

Não cremos em algo feito por espertalhões, mas numa verdade que Deus revelou e preservou através dos séculos. "Para sempre, ó Senhor, a tua palavra está firmada nos céus" (Salmos 119.89). "

(escrito, originalmente, como pastoral do boletim da PIB de Manaus)

Os manuscritos dos quais dispomos não são da época dos eventos. Mas de uma geração posterior. Esta é outra questão a levantar. Como podemos ter certeza de que relatam o que aconteceu? Duas respostas podemos dar para essas perguntas:

1ª) Embora seja histórica, a Bíblia não é um livro de história. Guardemos isso, também. Ela é a *interpretação da história*, considerando-se os atos que Deus efetuou na história dos homens. Como se lê em Êxodo 3.18, Deus entrou na história do seu povo, para libertá-lo. E toda ela mostra a história de Israel e a história da salvação que Deus oferece à humanidade. Por isso que a questão de não terem sido os manuscritos produzidos na mesma época dos eventos não é tão relevante. Mas mesmo assim, até mesmo o incrédulo



tem que reconhecer uma verdade: o relato bíblico não é uma invenção da Igreja, pois houve anotações escritas paralelas a muitos dos eventos, como se pode ler em Êxodo 24.4: "Moisés escreveu todas as palavras do Senhor". Houve, também, a consulta a documentos escritos que serviram de base na pesquisa feita pelo autor bíblico. No Novo Testamento, por exemplo, Lucas declara que investigou tudo "cuidadosamente" (Lc 1.3). Ficando na área do Antigo Testamento, é bom saber que cada vez que temos em Gênesis a expressão "eis as origens" ou "livro das gerações" ou ainda "estas são as gerações" (a palavra no hebraico é *toledôth*) temos o início de uma obra, provavelmente histórica na época, empregada pelo autor do livro. Ela aparece em 2.4, 5.1, 6.9, 10.1, 11.10, 11.27, 25.12, 25.19, 36.1 e 9 e 37.2. O autor de Gênesis pode ter se valido de relatos de genealogias, que são muito valorizadas e preservadas entre os orientais, para produzir o texto. Isto significa dizer que o texto tem historicidade e que não trata de histórias do arco da velha....

2ª) Existe, ainda nos dias de hoje, uma preocupação muito grande por parte dos orientais com a tradição oral. E isso era muito mais forte nos tempos antigos, quando a escrita era custosa. Eles preservavam a sua história e suas experiências, contando-a de geração para geração. As histórias e narrativas eram repassadas de pai para filho. Assim mantinham os fatos vivos na mente do povo. Preservada em sua essência, a tradição oral, até sua redução à escrita, manteve muitos dos eventos e muitas das históricas vidas na mente do povo. Em conversas à beira da fogueira, à noite, ou à beira do poço, os povos nômades passam suas tradições culturais para as gerações mais jovens. Em tempos de escrita rara, isto era feito muito mais forte, de maneira que o passado não se perdesse. Assim podemos dizer que muito do sucedido com Israel foi contado e recontado para as gerações seguintes. Vemos isso de maneira bem clara na instituição da páscoa, em Êxodo 12.25-27 (leiamos o texto), quando a experiência do passado, dramatizada em uma cerimônia, deveria ser passada para os filhos. Desta maneira, podemos dizer, com segurança, que aquilo que temos na Bíblia não foi inventado nem criado em um momento, mas contado, recontado e vivido por gerações, até que chegasse ao que temos em mão. Além disso, como cristãos, cremos na inspiração das Escrituras, conforme se pode ler em 2Pedro 1.21.



Introdução - Por que vamos estudar teologia? Por que complicar a Escola Bíblica Dominical? Por que não podemos estudar “a Bíblia somente?”. Estas perguntas podem ser feitas por algumas vezes, com sinceridade, mas revelam alguns equívocos bem profundos. O primeiro deles é que não existe uma coisa como “Bíblia somente”. Esta expressão já traz, em si, alguns pressupostos (idéias estabelecidas de antemão, antes de começar a conversa) teológicos. Por exemplo: ela presume que a Bíblia é um livro que deve ser estudado (e isso, obviamente, por ser um livro inspirado). Ela pressupõe que a Bíblia não deve ter nada nivelado a ela (ela é um livro singular). Nossa forma de nos aproximarmos da Bíblia, a maneira como a estudamos, o valor que damos a ela, tudo isso é produto de uma atitude teológica.

Estas perguntas também são um pouco preconceituosas. Elas mostram que a pessoa que as faz pensa que teologia é uma coisa complicada, rebuscada, sem valor algum para a vida, e que até mesmo nega a Bíblia. No entanto, a teologia é a essência da nossa fé. Em que cremos? A resposta a esta pergunta será sempre teológica. Ou seja, o que respondermos será teologia. Preguei numa reunião de jovens e a seguir, de forma pouco educada, o líder da reunião disse: “Não quero saber de doutrina. Quero saber de Jesus !”. Voltei ao microfone e perguntei: “Quem é Jesus , para você? Qualquer resposta que você dê, será uma resposta doutrinária!”.

Disse um teólogo chamado Gasque: “a teologia é coisa importante demais para ser deixada nas mãos de profissionais”. Tem verdade. A teologia cristã é uma propriedade de toda a igreja de Jesus . E veremos isso nos estudos a seguir.

1. *Definição* - *O que é teologia?* – Ditas estas coisas, vamos definir o que é “teologia”. “Teologia” é o termo advindo da junção de duas palavras gregas, *theos*, “Deus”, e *logos*, “razão, pensamento, palavra”. “Teologia” é, falando em termos de definição gramatical, um estudo sobre Deus. E a Teologia Sistemática pode ser definida como “a disciplina que busca fazer uma exposição coerente das doutrinas cristãs, fundamentando-se nas Escrituras, em diálogo com a cultura e a época de sua formulação e em conexão com a vida do teólogo”. Se a definição parece longa, vamos tentar explicá-la.
2. *Explicação* - O fundamento da Teologia Sistemática deve ser a Bíblia. Isto a distingue da Teologia Contemporânea que busca responder às questões atuais muitas vezes valendo-



se de explicações filosóficas. Distingue-a, também, da Teologia Patrística, que explica a fé cristã conforme formulada pelos chamados "pais da Igreja" (nome que se dá aos primeiros pensadores cristãos que procuraram formular nossas doutrinas). Mas ela não é apenas um estudo das doutrinas cristãs à luz da Bíblia. Ela deve ter algo a ver com a vida do teólogo. A verdadeira teologia não pode ser feita num "tubo de ensaio mental". Isto porque as doutrinas cristãs não são abstrações intelectuais, mas são a formulação, em pensamentos humanos, dos pensamentos de Deus conforme expostos na Bíblia. E Deus não pode ser compreendido como se fosse matéria intelectual. Numa frase de Helmuth Thielicke, "o pensamento teológico só pode respirar em uma atmosfera de diálogo com Deus" ¹. Na frase deste ilustre teólogo alemão se observa a idéia de que a verdadeira teologia pressupõe espiritualidade. Mais à frente em sua obra, diz-nos ele:

Tenha em mente que a primeira vez que alguém falou de Deus na terceira pessoa (falou sobre Deus, e não mais com Deus), foi no exato momento em que soou a famosa pergunta: "É assim que Deus disse?..." (Gn 3.11). Este fato deveria fazer-nos pensar. ²

Com isto quero dizer que não se pode ter um real proveito no estudo teológico quando este é feito de maneira acadêmica, profissional, sem sentimento. Poderá haver crescimento intelectual, mas devemos lembrar o que diz a Escritura: "Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque para ele são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente" (1Co 2.14). Uma atitude reverente e um espírito humilde diante de Deus e de sua Palavra são ingredientes necessários para um estudo teológico correto e proveitoso. Sem isto, poderemos ter muitas informações sobre Deus, mas não conheceremos a Deus. Por vezes, até mesmo numa classe de Escola Bíblica Dominical, a preocupação de alguns é com "pegadinhas" para mostrar inteligência ou embaraçar o professor. Há alunos da EBD que gostam de se mostrar espertos... Isso também não produz nada positivo. Uma das finalidades do estudo da Teologia é o crescimento espiritual. E isso se faz com seriedade, respeito e amor, nunca com esperteza. A verdadeira Teologia não produz enfermidade, mas saúde. Esta separação que se tenta fazer entre conhecimento teológico e espiritualidade é falsa. Por isso, com coração aberto e espírito reverente poderemos crescer teologicamente.

¹ THIELICKE, Helmuth. Recomendações aos Jovens Teólogos e Pastores. Recife: SETE e S. Paulo: SEPAL, 1990, p. 58.

² Ib. ibidem, p. 59.



3. *As possibilidades de termos uma Teologia Sistemática* - Isto não colocaria a Teologia Sistemática numa área subjetiva, em que cada um fará sua interpretação pessoal? Se a atitude de humildade e de reverência do estudante de teologia é indispensável, não está a ênfase sendo colocada no homem?

Respondemos que não. São condições essenciais, mas aludem à postura do estudante e não aos fundamentos da Teologia. Pelo menos três motivos nos mostram a possibilidade de uma Teologia Sistemática, de um estudo elaborado e profundo sobre Deus. São eles:

- (1) A existência de Deus e seu relacionamento com o mundo. A Bíblia não procura nos provar a existência de Deus. Dá-a como aceita e mostra-o como uma Pessoa, que se relaciona com as demais, que se comunica, que mostra sua vontade. Não é uma força ou uma energia cósmica impessoal, mas um Ser que busca relacionamentos. O Deus da Bíblia não é o Deus distante, mas o Deus relacional. Ou seja, é o Deus que busca se relacionar com o ser humano. Se ele se relaciona e se comunica, podemos ter uma teologia, ou seja, podemos estudar algumas verdades sobre ele.
- (2) A singularidade do homem, como "imagem e semelhança de Deus", com capacidade de se relacionar com ele. O homem é singular. Ele é de toda a criação, o único que pode olhar para fora de si, de sua existência, com pensamentos abstratos. Diz Eclesiastes 3.11 que Deus "pôs na mente do homem a idéia da eternidade". Ele é o único que pode fazer metafísica (pensar além das coisas físicas), que pode "teologar". Sendo inteligente, racional e tendo capacidade de entender, o homem pode fazer teologia.
- (3) A revelação. Cremos que Deus existe e que se revelou. Isto é dito de maneira bem clara em Hebreus 1.1-2. Ele se revelou na natureza (Sl 19.1 e Rm 1.19-20), na história (nos atos redentores a favor de Israel), pelos profetas e, por fim, em Jesus Cristo. A estas expressões de sua revelação, todas objetivas, há uma ainda, de caráter subjetivo: ele se revelou na consciência humana. "O espírito do homem é a lâmpada do Senhor" (Pv 20.27). Esta revelação na consciência pode ser entendida por esta expressão de Billy Graham: "Em sua *Crítica da Razão Pura*, Emanuel Kant dizia que apenas duas coisas lhe causavam assombro - os



céus estrelados e a consciência do homem".³ Podemos chamar ao conjunto de revelação na natureza e revelação na consciência de "revelação geral", isto é, elas pertencem a todos os homens. Não dependem de algo sobrenatural. Qualquer pessoa, mesmo que nunca tenha ouvido falar de Deus nem sequer visto uma Bíblia, tem em volta de si um mundo criado. Este mundo deve ser uma chamada à consciência: "quem fez isto? De onde surgiu isto?". Se Deus não tivesse se revelado, nada poderíamos saber dele. Mas como se revelou, podemos saber (João 3.27 esclarece este ponto). É possível, portanto, estudar sobre Deus.

Em nosso estudo vamos nos centrar, acima de tudo, na revelação que Deus fez na história, nos profetas e em Jesus Cristo. Isto porque esta revelação está contida nas Escrituras Sagradas, que consideramos como Palavra de Deus. Numa expressão que Francis Schaeffer gosta de empregar, ela é a "revelação proposicional de Deus", ou seja, é uma revelação que foi formulada em proposições verbalizadas. Simplificando: foi feita em expressões, em frases, de maneira que puderam ser ouvidas e podem ser lidas. Partimos deste ponto: a autoridade das Escrituras, reconhecendo-a como Palavra de Deus. A Bíblia é a Palavra de Deus e nela está tudo o que o homem precisa saber sobre Deus. Ditas estas coisas, centremo-nos mais um pouco na questão da revelação de Deus.

4. *A revelação de Deus* - Os tempos em que vivemos são tempos de negação de um Deus pessoal. O movimento nova era nos traz de volta o paganismo do passado e nos mostra Deus como sendo uma energia ou como uma força cósmica. É até intrigante que uma geração tão avançada tecnologicamente seja tão atrasada em matéria de conceitos espirituais. Em termos espirituais, voltamos ao passado pagão. O paganismo do movimento nova era se caracteriza pelo seu panteísmo. Este é o nome que se dá à doutrina de que Deus está em todas as coisas e todas as coisas são Deus. E uma das características do panteísmo nova era é levar as pessoas a acreditarem que existem duendes, que as pirâmides e os cristais têm energias, etc. Vemos isso até mesmo nos desenhos animados. E em todo tipo de entretenimento, desde o filme "Guerra nas Estrelas", com a expressão "Que a Força esteja com você". A mensagem passada por

³ GRAHAM, Billy. Mundo em Chamas. Rio de Janeiro: Editora Record, 1965, p. 124



este filme é de fácil entendimento: a divindade é uma energia cósmica, uma força, não um Ser Pessoal. A continuidade da idéia mostrada em "Guerra nas Estrelas" se deu com He-Man: "Eu tenho a Força". A idéia da despessoalização da Divindade continua (ou seja, Deus não é uma pessoa, mas uma coisa, uma energia, uma força ou um pensamento, ou, ainda, o próprio universo). As pessoas acreditam em si mesmas e em energia de cristais e pirâmides, mas não numa divindade pessoal. Do ponto de vista filosófico, esta postura é altamente incoerente. Foi abordada com muita consistência por Schaeffer em uma de suas obras, *He is There and He is Not Silent*⁴ (*Ele Está Aqui e Não Está Calado*). A questão que ele levanta é a seguinte: o ser humano se comunica. Pode um ente que se comunica, o homem, ter sido criado por um Ser que não se comunica? Se o criador do que se comunica não se comunica, o criador é inferior à criatura, o que, teológica e filosoficamente é, no mínimo, uma situação incomum. Um homem que se comunica (sinal de superioridade) não pode ter sido criado por alguém que não se comunica (sinal de inferioridade). Como cristãos que somos, cremos que Deus se comunica, que falou suas verdades ao homem através de outros homens, e que estas verdades nos foram legadas no que chamamos de "Bíblia". Então voltamos a este ponto, que nunca será repetido em demasia: a Bíblia é a Palavra de Deus. Nela está a comunicação que Deus fez, de si mesmo, aos homens. Ela é o ponto de partida de toda e qualquer discussão teológica que venhamos a fazer. Fora da Bíblia não se pode fazer Teologia Sistemática, ou seja, não se pode sistematizar os pensamentos sobre Deus. E é ela que deve ser o padrão para avaliar toda e qualquer idéia sobre Deus.

Mas isto nos traz um problema: o que queremos dizer com a declaração de que Deus se revelou? Para esta resposta, fiquemos com uma declaração de um teólogo chamado Thiessen:

Pascal falou de Deus como um *Deus Absconditus* (um Deus escondido); mas afirmou que este Deus escondido se revelou e portanto pode ser conhecido. Isto é verdade. Certamente, nunca poderíamos conhecer a Deus se Ele não se tivesse revelado a nós. Mas o que queremos dizer com 'revelação'? Para nós, é o ato de Deus pelo qual ele se mostra ou comunica verdade à mente; pelo qual ele torna manifesto às suas criaturas aquilo que não pode ser conhecido de nenhuma outra maneira.⁵

⁴ SCHAEFFER, Francis. *He is There and He is Not Silent*. Miami: Logoi, 1974

⁵ THIESSEN, Henry. *Palestras em Teologia Sistemática*. S. Paulo: Imprensa Batista Regular, 4^a ed., 1997, p. 10.



Guardemos bem isto: temos uma revelação porque Deus se revelou, não porque o homem a descobriu ou arrancou dele. Nas palavras, já citadas, de João Batista: "O homem não pode receber coisa alguma, se não lhe for dada do céu" (Jo 3.27). Nós não descobrimos Deus, como se ele fugisse de nós. Ele se mostrou à humanidade e tem procurado por ela, desde o éden, como vemos na frase: "Onde estás?". Ele nunca esteve escondido. A humanidade é que se esconde dele e às vezes se esconde dele nas dúvidas.

Como já foi dito, o homem tem a revelação geral, isto é, o conhecimento da natureza e a sua própria consciência, sendo que ambas que o levam a reconhecer a existência de um Criador. O texto de Romanos 1 e 2 trata desta revelação geral. Romanos 1.18-31 (que deve ser lido) trata da revelação natural e Romanos 2.14-16 (leiamos, também) discorre especificamente da revelação geral na personalidade humana. Sobre a revelação na consciência, é oportuno recordar as palavras do reformador João Calvino para quem os homens têm sentimento da Divindade por instinto natural, posto em seus corações. "Para que os homens não permanecessem ignorantes dessas verdades, Deus escreveu, bem dizendo, imprimiu, a lei no coração de todos".⁶ Isto significa dizer que cada pessoa tem, dentro de si, uma disposição para Deus. Quando não crêem na Divindade que se revelou na Bíblia, crêem em "deuses" que fazem para si, porque não podem ficar sem crer em alguma coisa.

Ao falar da revelação na natureza, Paulo é bem enfático em mostrar que ela é suficiente para dar ao homem um conhecimento sobre Deus a ponto de servir para sua condenação, caso ele não reconheça o poder de Deus (Rm 1.18-21). Alguns objetam que o testemunho da natureza não pode ser visto como um testemunho forte sobre Deus e se tornar um elemento indesculpável para o homem. Mas pensemos nas palavras de um outro teólogo, chamado Erickson:

A linguagem dessa passagem é clara e forte. É difícil interpretar expressões como 'o que de Deus se pode conhecer' e 'é manifesto' (v. 19) como uma referência a outra coisa, a não ser uma verdade objetiva, cognoscível acerca de Deus. De modo semelhante, 'porquanto, tendo conhecimento de Deus' (v. 21) e 'a verdade de Deus' (v. 25), indicam posse de conhecimento genuíno e exato.⁷

⁶ CALVINO, João. Institución de La Religión Cristiana. Buenos Aires: La Aurora, 1936, p. 29

⁷ ERICKSON, Millard. Introdução à Teologia Sistemática. S. Paulo: Edições Vida Nova, 1997, p. 48



Paradoxalmente, este conhecimento que a revelação natural dá ao homem é suficiente para condená-lo, como se observa bem no texto do apóstolo Paulo, mas não é suficiente para lhe mostrar o plano da salvação. Assim nos diz Paulo Anglada, professor no Seminário Equatorial, em Belém:

A revelação natural é, portanto, suficiente para condenar, mas não para salvar. Devido ao estado decaído do homem, a revelação natural não é clara nem suficiente para que as verdades necessárias à sua salvação sejam compreendidas⁸.

A pessoa pode olhar para um belíssimo por de sol e mesmo assim não se sentir espiritualmente tocada. Acha que é natural, sem qualquer significado espiritual. Não se sensibiliza. Quando o astronauta russo Gagárin foi ao espaço (foi o primeiro homem a fazê-lo) sua palavra, ao retornar, foi esta: "Estive no céu e não vi Deus em lugar algum". Um poeta batista, de São Paulo, Gióia Júnior, respondeu dizendo: "Uma pessoa que não vê Deus na sua própria vida não o verá em lugar algum". A própria vida humana é um milagre que exige um Criador inteligente. Quem não reconhece isso, pouca coisa reconhecerá. Mas de qualquer forma, olhando para o testemunho que a natureza dá, exigindo um criador, a pessoa deveria procurar por ele. Se a natureza não dá um testemunho claro do plano de salvação (nem poderia, porque o plano da salvação está na pessoa de Jesus) ela mostra que existe alguém maior que o ser humano e a quem este deveria reverenciar.

Corroborando a declaração de Anglada devemos lembrar a afirmação de Paulo: "Logo a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Cristo" (Rm 10.17).

O homem tem um conhecimento de Deus na consciência e na natureza, mas também o tem na história. Deus falou através dos profetas de Israel. Os profetas viram os eventos históricos e os interpretaram como sendo a ação de Deus. Eles anunciaram eventos históricos que aconteceram, e mostraram-nos como sendo ação de Deus. Deus age e fala na história, portanto. O texto anteriormente citado de Hebreus 1.1-2 nos mostra que ele falou de "diversas maneiras". Lendo este texto bíblico podemos compreender bem o esquema de Calvino mostrando o processo divino de comunicação ontem, a Israel, e a nós, Igreja, no presente:

ONTEM

1. Falou pelos profetas
2. Falou aos patriarcas
3. Falou em diversas ocasiões

HOJE

1. Falou pelo Filho
2. Falou-nos a nós
3. Falou no tempo do fim

⁸ ANGLADA, Paulo. Sola Scriptura - a Doutrina Reformada das Escrituras. S. Paulo: Os Puritanos, 1998, p. 28



O que este esquema nos mostra é o que chamamos de "revelação progressiva". Isto é, Deus foi se comunicando de maneiras diferentes, gradativamente, até que, por fim, na plenitude dos tempos (Gl 4.4) deu sua palavra final em Jesus Cristo. Sobre este grande final na revelação, vejamos as palavras do erudito teólogo alemão Joachim Jeremias:

Na sua carta à Igreja de Magnésia, Inácio fala de Cristo como o Logos de Deus: 'Jesus Cristo, que é o Logos de Deus, saiu do silêncio' (Magnésios 8.2). Inácio pressupõe que Deus estivera em silêncio antes de enviar Jesus Cristo. O silêncio de Deus é uma noção que provém do judaísmo, onde estivera ligada com exegese de Gn 1.3: 'E Deus disse: faça-se a luz!'. O que havia antes de Deus falar? - perguntam os rabinos. E davam a resposta: o silêncio de Deus. O silêncio que precedeu a revelação de Deus na criação precedeu igualmente a revelação da cólera contra o faraó e se reproduzirá antes da nova criação. No mundo helenístico, o 'Silêncio' tornou-se o símbolo da mais elevada divindade. Existe até mesmo uma oração ao Silêncio. No grande papiro mágico de Paris, chamado de 'Liturgia de Mitra', o místico, que na rota do céu é ameaçado por deuses hostis e por potências estelares, recebe o conselho de pôr o dedo na boca e pela oração pedir ajuda ao Silêncio:

Silêncio, Silêncio, Silêncio
- *Símbolo do Deus eterno e imortal* -
Toma-me sob tuas asas, ó Silêncio!

Prece comovente! Deus é silêncio. Está absolutamente longe e não fala. Diante deste silêncio imperturbável, o homem só pode levantar os braços e gritar: 'Toma-me sob tuas asas, ó Silêncio!'. É num mundo que considerava o silêncio como um sinal de sua indizível majestade que ressoa a mensagem da Igreja cristã: Deus não é mais silencioso - ele fala! De fato, ele já agiu; ele revelou o seu poder eterno através da criação, fez conhecer sua santa vontade, enviou seus mensageiros, os profetas. Mas, apesar de tudo isto, ele continuava cheio de mistérios, incompreensível, imperscrutável, invisível, escondido atrás dos principados e potestades, detrás das tribulações e angústias, atrás de uma máscara que era tudo o que se podia ver. Todavia, Deus não ficou sempre escondido. Houve um momento em que Deus retirou a máscara; de repente ele falou distinta e claramente. Isto se deu em Jesus de Nazaré; isto se deu sobretudo na cruz.⁹

Chegamos a este ponto: a revelação final, definitiva, de Deus se deu na pessoa de Jesus Cristo. Antes, tudo era um pouco nublado e apenas uma sombra do que viria. Em Cristo tudo se torna claro. Agora, prestemos atenção em algo que deve ficar bem claro. Revelação progressiva não significa sair do errado para o certo, como se alguma parte da

⁹ JEREMIAS, Joachim. A Mensagem Central do Novo Testamento. S. Paulo: Edições Paulinas, 3^a ed., 1986, p. 114-115



Bíblia fosse errada e depois se caminhasse para o certo. Significa, sim, ir do obscuro para o claro. Significa ir do bem simples para o mais profundo. E há uma implicação, aqui, que não pode ser deixada de lado: Jesus é a chave para se entender a Bíblia. Não é Moisés nem o Espírito Santo, mas a pessoa de Jesus. Tudo deve ser analisado e entendido à luz da pessoa de Jesus. Muita gente, hoje, tem trazido o Antigo Testamento para dentro de nossas igrejas e desejado que cumpramos suas recomendações e guardemos suas festas. Ora, não somos judeus. Somos cristãos. E não podemos analisar o Novo Testamento pelo Antigo, mas sim analisar o Antigo Testamento pelo Novo e este pela pessoa de Jesus.

Mas voltemos a Hebreus 1.2: "nestes últimos dias a nós nos falou pelo Filho". A expressão "últimos dias" não deve ser entendida em termos escatológicos, como se referisse ao fim do mundo, mas em termos messiânicos. São "os dias" na acepção teológica do termo "o dia de lahweh" nos profetas: um dia em que lahweh interveio na história. Jesus Cristo é a intervenção final e decisiva de Deus na história em termos de revelação. Jesus Cristo é a revelação plena e cabal de Deus, sua expressão máxima. Em Colossenses 1.15, Paulo diz "o qual (Jesus) é a *imagem* do Deus invisível". *Imagem* é o grego *eikon*, de onde nos vem "ícone", que além de "imagem" significa "gravura". Nesta palavra se pode dizer que Cristo é a figura exata de Deus. Quem quiser ver Deus deve olhar para Jesus porque nele, mais do que em qualquer outro nível, Deus se revelou. Por isso Jesus pôde dizer a Filipe: "Quem me viu a mim, viu o Pai" (Jo 14.9). Jesus é o melhor "retrato" de Deus que podemos ter. Uretta assim se expressou sobre este ponto:

Em Jesus Cristo revela-se, também, o que Deus é, não em termos de declarações e conceitos, mas em termos de uma pessoa concreta e tão real que "como em nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado" (Hb 4.15) ¹⁰.

O que há de mais profundo na revelação de Deus em Jesus Cristo é que Deus se revelou a si mesmo não de forma abstrata, em conceitos ou palavras, mas revelou-se concretamente, em forma humana, embora sem pecado. Foi o máximo em matéria de revelação porque é uma revelação altamente contextualizada, ou seja, no nível da existência do destinatário da revelação. A encarnação é a mais profunda contextualização da mensagem divina. Deus contextualizou a mensagem, o mensageiro e o meio de comunicar. Ele se comunicou tornando-se um como as pessoas que deveriam receber a mensagem. Só pode haver uma comunicação perfeita quando entramos no mundo da

¹⁰ URETTA, Floreal. Elementos da Teologia Cristã. Rio de Janeiro: Juerp, 1995, p. 21



peessoa com nos comunicamos. Deus entrou no nosso mundo, na nossa experiência, como homem, para ter uma comunicação perfeita conosco.

5. *Deus ainda se revela?* - Esta questão merece ser discutida e com bastante cautela. Se dissermos que ele ainda se revela, estaremos dando oportunidade para revelações adicionais às Escrituras, além de dizer que elas são incompletas. E não podemos aceitar nem uma nem outra posição. Se dissermos que não se revela, corremos o risco de dizer que ele não mais se comunica. O que também não podemos aceitar. Um dos postulados da Reforma Protestante foi *Sola Scriptura* (Só a Escritura), no sentido que ela era guia suficiente para a humanidade em seu relacionamento com Deus. cremos que "toda a Escritura é inspirada por Deus" (2Tm 3.16). O termo grego usado para o adjetivo "inspirada" é *theopneutos*, composto de duas palavras gregas: *Theós*, "Deus" e *pnéo*, "soprar". A idéia é que Deus soprou suas verdades para dentro do escritor bíblico. cremos também que "homens santos falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo" (2Pe 1.21). Mas a questão a ser considerada agora é a seguinte: cremos que toda a Escritura é revelação, mas toda a revelação é Escritura? Toda a revelação de Deus foi "escriturizada" (reduzida a Escritura)? "Embora as Escrituras sejam, na sua totalidade, a Palavra de Deus, nem toda a Palavra de Deus está nela", afirmam alguns. Esta afirmação está correta? Mais uma vez, uma declaração do Prof. Anglada nos ajuda no rumo desta discussão:

Isto não significa que as Escrituras sejam exaustivas. As Escrituras não contém toda a vontade de Deus. O conhecimento a respeito de Deus e da obra são ilimitados. Muitas coisas a respeito do ser de Deus, dos seus atributos, da criação, do homem e dos propósitos eternos de Deus não foram reveladas. As próprias Escrituras afirmam que 'As coisas encobertas pertencem ao Senhor, nosso Deus; porém as reveladas nos pertencem a nós e a nossos filhos para sempre, para que cumpramos todas as palavras desta lei' (Dt 29.29) [...] Nas Escrituras também não nos são fornecidas todas as informações concernentes à vida e ao ministério de Jesus na terra. Na verdade, elas não registram quase nada sobre os primeiros trinta anos da sua vida. O apóstolo João encerra o seu Evangelho testificando quanto à veracidade do seu conteúdo, mas reconhecendo: 'Há, porém, ainda muitas outras coisas que Jesus fez. Se todas elas fossem relatadas uma por uma, creio que nem no mundo inteiro caberiam os livros que seriam escritos' (Jo 21.25)¹¹

¹¹ ANGLADA, op. cit., p. 74



Como entender, então, este problema? Elas são exaustivas ou não? Exaustivas quer dizer exclusivas? Elas não são exaustivas no sentido de terem guardado dentro delas toda a revelação de Deus, mas ela é autoritativa (portadora de autoridade) em matéria de religião. E é exclusivamente autoritativa, ou seja, nenhuma outra revelação pode competir ou se ombrear a ela. Nenhum livro, palavra alguma de pregador algum, por mais culto e santo que seja, pode se nivelar à Bíblia. Deus pode falar ao homem de muitas maneiras, ainda hoje, mas em termos de revelação, a palavra dele final está na Bíblia. É neste sentido que dizemos que ela é a nossa única regra de fé. E neste sentido, ela é exclusiva de qualquer outra obra. Os mórmons têm *O Livro do Mórmon* e *a Pérola de Grande Preço* como regras de fé, particularmente o primeiro. Da mesma forma os adventistas têm suas fontes auxiliares de revelação. O ex-adventista Ubaldo Torres Pinheiro, convertido à graça, em uma igreja batista, escreveu o seguinte em uma obra sua:

Na última assembléia da Igreja Adventista do Sétimo Dia, realizada em Dallas, Estados Unidos, no mês de abril do ano passado, foi aprovada uma resolução onde se diz que Ellen White é “inspirada no mesmo sentido em que o são os profetas da Bíblia” e que “como mensageira do Senhor, seus escritos são uma continuação e fonte autorizada de verdade”¹²

Não podemos colocar escrito algum de pessoa alguma ou documento algum de denominação alguma como regra de fé ou como digna de aceitação sem contestação. Por exemplo, como batistas, não aceitamos que a *Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira* seja um documento digno de fé. É um documento muito bem feito, e, podemos dizer, sem qualquer erro doutrinário. Mas é apenas um documento que expressa o que os batistas crêem, e que não pode ser equiparado à Bíblia. Ele pode ser um documento *indicativo* do que cremos, mas nunca pode ser *normativo* do que cremos. Ou seja, ele mostra o que cremos, mas não é uma regra de fé para nós. Indica a nossa fé, mas não é nossa norma de fé. Por isso que esses documentos devem sempre ser tidos como relativos e temporais, ou seja, não são palavra última e estão restritos a uma época, a um tempo histórico determinado.

Deus ainda fala à humanidade, mas em termos de se revelar, a revelação cessou. Não confundamos falar com revelar. Se disséssemos que Deus não fala aos homens, por que pregaríamos? Por que oraríamos pedindo a Deus que nos orientasse em decisões a

¹² ARAÚJO, Ubaldo. *O Adventismo*. Edição do autor, sem mais dados, 1981, p. 96.



tomar? cremos que Deus fala, mas não cremos que Deus se revela mais. Isso parece confuso? Vamos explicar. Para se entender bem o que queremos dizer com esta declaração é preciso entender uma coisa: Deus não revelou verdades ou fatos, na sua Palavra. Não falou sobre alguns assuntos. Falou sobre si. Ele revelou-se a si mesmo. É neste sentido que dizemos que Jesus Cristo é a palavra final de Deus. É a revelação climática (o clímax) de Deus aos homens. Tudo o que Deus tinha para mostrar de si aos homens foi mostrado em Jesus. O neo e o baixo pentecostalismo têm dado muita ênfase "à Palavra", mas parecem agir como os neo-ortodoxos (um grupo teológico liberal): usam o termo sem a conotação conservadora. Nas mensagens de Valnice Milhomens, observei que várias vezes ela se referia "à Palavra", mas não havia nenhuma citação bíblica. Descobri que quando Valnice fala de "Palavra" está falando da palavra *dela*, da mensagem dela. Muitos pregadores confundem a *Palavra* com *uma palavra*. E muitas vezes colocam sua *palavra pessoal* como sendo a Palavra de Deus. É fácil de explicar: tanto o neo como o baixo pentecostalismo têm dado muita ênfase à revelação, mas usando o termo no sentido de uma revelação pessoal para a vida do indivíduo, geralmente vinda pela instrumentalidade do pregador. Então o pregador se sente muito "inchado", se julgando um porta-voz de Deus acima da maneira como se deveria ver. A Bíblia, em alguns círculos, tem deixado de ser normativa para ser apenas um livro de milagres que não é autoritativo em matéria de doutrina. É um registro de milagres, mas não autoritativo, porque a autoridade fica com o pregador que têm revelações especiais de Deus¹³. Neste sentido, temos uma aberração teológica: ela lhes dá autoridade, mas não é, em si mesma, autoridade. A autoridade é a palavra deles. Isto é muito perigoso, além de ser uma heresia. A Bíblia passa a servir para justificar a posição que essas pessoas dão a si mesmas.

Um outro problema neste conceito de revelação no neo e baixo pentecostalismo é a ênfase que é colocada na experiência, na subjetividade. Por isto que neste trabalho não abordo a questão que muitos teólogos, como Strong e Thiessen, entre outros mais, seguem, a do testemunho do Espírito Santo junto a nós para confirmar a validade das Escrituras. Não nego a obra do Espírito em nos confirmar as verdades divinas, até mesmo porque esta é uma de suas missões (Jo 16.13). O problema, para mim, é que esta atitude torna a discussão relativa por colocar no subjetivo, na experiência, o elemento que valida a

¹³ Veja, a propósito deste processo hermenêutico, o livro [Igreja Universal do Reino de Deus - Sua Teologia, Sua Prática](#), da Comissão Permanente de Doutrina da Igreja Presbiteriana do Brasil



autoridade. Porque qualquer pessoa pode emitir sua opinião alegando o testemunho do Espírito Santo. Um mórmon, por exemplo, argüido por um pastor batista sobre a duplicidade de fonte de autoridade em sua confissão religião, tendo que conviver com a Bíblia e com o Livro do Mórmon, argumentou que "sentia que o Espírito lhe mostrava que a obra de Joseph Smith era inspirada". Por isso, precisamos estabelecer desde já uma verdade teológica que deve ser imutável: *toda e qualquer discussão a respeito de postulados teológicos deverá ter a Bíblia como regra infalível de fé e elemento autoritativo sobre qualquer outra fonte*. Nunca deve ser o que pessoa sente, mas o que a Bíblia diz. As pessoas podem sentir emoções erradas. Neste sentido, a base de toda a nossa argumentação teológica neste estudo será a crença na autoridade das Escrituras. Esta crença na sua autoridade nos vem da crença em sua inspiração (ela é soprada por Deus) e sua inerrância (ela não contém erros), termo que iremos caracterizar mais à frente. É por esta razão que a *Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira* tem como seu primeiro tópico "As Escrituras Sagradas". O pressuposto é que não é possível elaborar uma Declaração Doutrinária sem uma base proveniente das Escrituras. Primeiro se deve caracterizar o que se crê sobre as Escrituras Sagradas para depois se discutir o restante. Ela é a fonte e a base para qualquer discussão teológica. Guardemos isto também: tudo estudo teológico deve começar pelas Escrituras, seguir pelas Escrituras, e terminar com as Escrituras. A Bíblia é o início, o meio e o fim de nosso estudo. Não é o que a pessoa sente ou que a pessoa acha, mas é o que a Bíblia diz. Ela é que é a Palavra de Deus e não o que achamos ou o que sentimos.

Por todas estas coisas é que vamos entrar, agora, na unidade II, que trata da Bíblia.



1. *A questão* - Nesta altura do nosso estudo teológico se presume que o estudante da Escola Bíblica Dominical já tenha informações suficientes sobre a Bíblia como Palavra de Deus e o porquê de sua validade para nós. Se é um aluno antigo, já sabe o que significa a palavra "Bíblia", de onde vem, etc. São aspectos bem simples que já ficaram para trás. Isto deve ter sido visto em muitos outros estudos de EBD. Desta maneira vamos discutir agora três aspectos: (1) os conceitos de inspiração, revelação e iluminação; (2) o conceito de inerrância; (3) o critério hermenêutico para interpretação da Bíblia. E vamos explicar o que é "critério hermenêutico". Que ninguém desanime pensando que as coisas vão se tornar difíceis. Nosso trabalho é tornar as coisas que parecem ser um pouco difíceis o mais claro possível. E, propositadamente, como já dissemos, deixaremos de lado questões como "o que significa a palavra *Bíblia*". Isso é matéria já estudada pelo aluno da EBD quando foi junior. Estamos estudando Teologia.

2. *Inspiração, revelação e iluminação* - Estes três conceitos caminham bem juntos, mantendo uma estreita ligação entre si, e são muito necessários para se compreender bem o ensino da Escritura. Algumas vezes, pela estreiteza de sua proximidade, confundem-se um com os outros, na maneira de nossos crentes se expressarem. "O Pastor estava inspirado hoje", diz alguém ao ouvir o sermão do pastor e gostar do que foi dito. Entende-se o que o irmão quis dizer, mas do ponto de vista teológico seria mais correta a declaração: "O Pastor estava iluminado hoje". Isto não é discussão ociosa nem perda de tempo. Vamos esclarecer o sentido de cada palavra. Desde o início, uma declaração de W. C. Taylor, um dos maiores missionários batistas pioneiros no Brasil, nos ajudará a entender a relação destes conceitos entre si e o sentido de cada um:

Três doutrinas vão sempre juntas, na inteligente apreciação do valor da Escritura: revelação, inspiração e iluminação. Para o autor (do texto bíblico) veio a REVELAÇÃO; para a Escritura que ele transmite veio a INSPIRAÇÃO; para o leitor que busca saber por meio dela a verdade e a vontade de Deus, virá, nas condições de espiritualidade, a ILUMINAÇÃO. O profeta e o apóstolo foram MOVIDOS. Suas Escrituras foram INSPIRADAS. Nós somos ILUMINADOS ¹⁴.

Feita esta observação, bem necessária, analisemos agora cada um dos conceitos mencionados.

¹⁴ KASCHEL, Werner. "Revelação e Inspiração no Velho Testamento", in Revista Teológica, ano VI, no. 11, janeiro de 1955, p. 81. O trecho entre parêntesis é meu, para esclarecer a citação de Kaschel.



(1) *Inspiração* - O termo nos vem do latim *inspiro*, que significa "soprar para dentro". "Inspiração" significa que Deus soprou para dentro do autor bíblico a sua verdade (reveja a definição de "inspirada" de acordo com o termo grego). Obviamente que isto não é literal, como se o escritor bíblico fosse um balão de encher com sopro, mas sim que Deus colocou sua verdade na mente do autor. Com isso queremos dizer que as Escrituras são inspiradas no sentido de que Deus soprou para dentro delas o que tinha de dizer ao homem. O conteúdo das Escrituras não é uma especulação ou uma descoberta humana após uma longa e cansativa pesquisa filosófica. Deus até poderia usar este método. Afinal, muito dos livros históricos podem ter sido produzidos após pesquisa (a citação de O Livro dos Justos e O Livro das Guerras do Senhor mostram isso) e os livros de Provérbios e de Eclesiastes podem ter sido produto de uma longa reflexão. E, sem dúvida, Moisés usou material de outras fontes ao escrever suas obras, se ele é o autor de Gênesis. Mas seja qual foi o método que o autor usou ou que Deus usou com o autor, isto é *inspiração*. Foi Deus quem colocou na mente e no coração do escritor bíblico a capacidade de apreender e de registrar sua Palavra. Assim dizemos que a Bíblia nasceu no coração e na mente de Deus. E ele soprou suas idéias para o homem. Isto é *inspiração*.

Mas creio que ainda é necessário mais uma observação nesta área. Ela nos vem de Estevan Kirschener:

A autoridade delegada, porém, reside especificamente na Palavra, pois é a Palavra de Deus. Neste sentido, também há uma certa confusão quanto ao conceito de inspiração. Na realidade, o que é inspirado não é o escritor humano, mas sim o texto bíblico; "Toda Escritura é inspirada". O termo "inspirada" (*theopneustos*), de 2 Timóteo 3.16, expressa, mais do que qualquer outra coisa, que o "produto final" de todo o processo, a *Escritura*, é o que possui a qualidade de ser Palavra de Deus e, portanto, autoridade divina. Os escritores humanos foram "conduzidos" (*pheromenoi*) pelo Espírito Santo para que registrassem o texto 'soprado por Deus', o qual possui a autoridade de Palavra de Deus e cuja prerrogativa é ser obedecido (2Pe 1.21, cf. 1.19)".¹⁵

(2) *Revelação* - O termo significa "tirar o véu" e mostrar algo que estava encoberto. Neste sentido, "revelação" é o conteúdo registrado pela inspiração. A relação entre os dois termos pode ser definido assim: a *inspiração* é o automóvel e a *revelação* é o passageiro. Quando dizemos que "Deus se revelou" estamos dizendo que ele tirou o véu que o encobria

¹⁵ KIRSCHENER, Estevan em artigo "O papel normativo das Escrituras", in *Vox Scripturae*, vol. Ii, número 1, março de 1992, p. 7.



diante dos homens (lembre-se da citação de Joachim Jeremias sobre Deus ter dado sua última palavra em Jesus) e se deu a conhecer à humanidade. O propósito da Bíblia é trazer a auto-revelação de Deus aos homens. Ele não revelou fatos ou o futuro ao homem. Estes são acidentais. Também não revelou questões pessoais, sobre o que comer ou o que não comer. Há regras alimentares no Antigo Testamento, mas elas fazem parte de um contexto que passou. O propósito da Bíblia é falar de Deus. Ele revelou-se a si mesmo. Esclareçamos a questão com a própria Bíblia. Já sabemos que Jesus é o clímax da revelação de Deus. Então podemos entender bem este ponto com o texto de João 1.18: "Ninguém jamais viu a Deus. O Deus unigênito, que está no seio do Pai, esse o deu a conhecer". Jesus é a maior revelação de Deus e a finalidade da revelação é tornar Deus conhecido dos homens. Nele, o Pai se dá a conhecer aos homens.

Devemos, antes de considerar *iluminação*, deixar bem clara a conexão existente entre *revelação* e *inspiração*. Pensemos, então, nestas palavras de um teólogo chamado Chafer:

Revelação e inspiração estão estreitamente ligadas., mas distinguem aspectos da verdade bíblica. Nas Escrituras, ambas, inspiração e revelação, se combinam para nos assegurar que a Bíblia é a Palavra de Deus e revela fatos sobre Deus com completa acurácia. A revelação foi o ato da divina comunicação aos escritores da Escritura. Inspiração foi a obra de Deus em guiar e dirigir os escritores da Bíblia para que o que eles escrevessem fosse absoluta verdade mesmo quando estivesse além do seu entendimento. A inspiração foi limitada à Bíblia em si, e é mais adequado dizer que as Escrituras foram inspiradas do que dizer que os escritores foram inspirados¹⁶

(3) *Iluminação* – Esta palavra significa "fazer a luz brilhar". Nós não somos *inspirados* simplesmente porque não recebemos a revelação, mas somos *iluminados* para conhecê-la. Entendemos mais isto à luz de uma palavra de Paulo: "sendo iluminados os olhos do vosso coração, para que saibais qual seja a esperança da vossa vocação, e quais as riquezas da glória da sua herança nos santos" (Ef 1.18). A iluminação é para que os crentes descubram as grandes verdades reveladas por Deus na sua Palavra e sua aplicação para as suas vidas.

A conexão entre estes três conceitos nos possibilita compreender um pouco mais como Deus se revelou e como podemos receber, hoje, essa revelação.

¹⁶ CHAFER, Lewis. Systematic Theology. Wheaton: Vicotr Books, 1988, vol. I, p. 63.



3. O conceito de *inerrância* - O conceito de inerrância pode ser bem descrito nas palavras da Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira sobre a Bíblia: "seu conteúdo é a verdade, sem qualquer mescla de erro, e por isso é um perfeito tesouro de instrução divina" ¹⁷. A Bíblia não tem erros, portanto. Mas uma questão deve ser levantada: em que sentido seu conteúdo é a verdade? A Bíblia é toda a verdade? Isto é diferente de perguntar se toda ela é verdade. Cremos que tudo o que ela diz é verdade. Mas só existe verdade nela? Ela é toda a verdade? Ela está sempre certa, mesmo quando faz declarações que não podem ser sustentadas e são até refutadas? O episódio do sol e da lua detidos por palavra de Josué (Js 10.12-15) refletem uma visão geocêntrica (a Terra seria o centro) do universo, antes de Copérnico e que não pode ser sustentada por ninguém, nem pelo crente mais fiel. Sabemos hoje que o universo é heliocêntrico (o Sol é o centro). Como entender isto? Outro aspecto: a visão do mundo conforme o pensamento dos hebreus do Antigo Testamento é a de um edifício com três pisos, um subterrâneo, o *xeol*, o nosso nível que seria o térreo, e o espiritual, que é o pavimento superior. É possível harmonizar estas idéias com o nosso conhecimento hoje? Para alguns vultos cristãos do passado, a inspiração das Escrituras produziu uma inerrância absoluta e de acordo com eles e seus seguidores, hoje, a resposta seria "sim". Veja-se esta declaração de Boice:

O estudioso mais erudito da igreja primitiva foi Orígenes. Para ele, a inspiração se estendia até aos *iotas* das Escrituras e às letras. As Escrituras não continham falha alguma, sendo inspiradas pelo Espírito Santo. Acrescentou ele que esta doutrina da infalibilidade era ensinada em todas as igrejas. ¹⁸

Não podemos, no entanto, insistir nesta postura de Orígenes. Crer que Deus inspirou as palavras e as letras da Bíblia pode nos trazer mais dificuldades do que pensamos, à primeira vista. Como fazer, por exemplo, com as diferenças textuais que temos, que evidenciam um erro no manuscrito? Um exemplo: em Isaías 9.3, o Texto Massorético (o texto escrito em hebraico), em vez de "a alegria lhe aumentaste" traz "a alegria não aumentaste". Em vez de *lw* (para ele), o TM traz *lô* (não). O copista cometeu uma homofonia, isto é, trocou palavras homófonas, palavras que têm sons parecidos. O sentido do texto ficou sendo completamente diferente. O texto hebraico não faz sentido por

¹⁷ Declaração Doutrinária da CBB, artigo I.

¹⁸ BOICE, James. O Alicerce da Autoridade Bíblica. S. Paulo: edições Vida Nova, 1982, p., 30. A declaração de Orígenes está na sua *Homília* sobre Números 27.1.



causa do erro do copista. A Versão Revisada traduziu diferente do texto hebraico e traz "lhe aumentaste". A Versão Matos Soares traduziu o texto hebraico e traz : "não aumentaste".¹⁹ O versículo ficou sem sentido. E teríamos um problema: qual das duas versões estaria correta?

A contra-argumentação é que Deus inspirou o autógrafo (ou manuscrito) original, aquele produzido pelo escritor bíblico, e não as cópias que dele se fizeram. Mas desde que não temos acesso a esses autógrafos ou originais, que diferença isso fará? Por isso que devemos definir esta questão: a inerrância é textual ou conceitual? Ou seja, é literal ou plena? É inerrância dos conceitos ou das palavras? Voltando ao ponto anterior: quando a linguagem científica enfocada pela Bíblia mostra estar equivocada, como proceder? Vejamos esta declaração de Lindsell:

A inspiração está inextricavelmente ligada à autoridade e à inerrância. Charles Hodge percebeu isso quando foi inquirido se a Bíblia continha equívocos históricos e científicos. Ele asseverou que há uma diferença fundamental entre os que os escritores bíblicos pensaram e escreveram em nível pessoal e o que eles escreveram nas Escrituras. Eles podiam crer que o Sol gira ao redor da Terra, mas eles não ensinaram isso na Escritura. A linguagem da Bíblia é a linguagem do cotidiano e é baseada no aparente. Foi usada uma linguagem fenomenológica, como ainda hoje usamos²⁰.

Sobre os erros dos copistas, aqui entra o trabalho do tradutor, que se não é inspirado, deve ser iluminado. Entra, também, o trabalho do exegeta (o pregador ou escritor que extrai as verdades da Bíblia para comunicar aos homens), que se não é inspirado, deve ser iluminado. E a reverência e submissão do crente para com a Escritura para entender bem qual é o seu propósito. A compreensão da verdade divina não inclui apenas a revelação e a inspiração, mas também a iluminação. Isto é necessário de se repetir para que fique bem nítido em nossa mente.

Mas voltemos à linha de argumentação anterior. O que dizer da inerrância, então, se há erros de copistas? A primeira coisa a dizer é que isso não tira a autoridade da Bíblia. Se pedíssemos a uma pessoa para digitar um texto bíblico no computador e a pessoa errasse

¹⁹ Para mais exemplos de erros de copistas, veja o capítulo "A Baixa Crítica do Antigo Testamento" em ARCHER, Gleason. Merece Confiança o Antigo Testamento?. S. Paulo: Edições Vida Nova, 2^a ed., 1979.

²⁰ TENNEY, Merrill (ed.). The Zondervan Pictorial Encyclopedia of the Bible. Grand Raids: Zondervan Publishing House, 2^a ed., 1977, 3^o volume, p. 289. Sobre a linguagem fenomenológica usada ainda hoje: falamos que o Sol se põe, quando não é assim. O movimento não é dele, mas da Terra. Do ponto de vista científico, a linguagem também está errada. O Sol não nasce nem se põe, mas a Terra é que se move.



alguma tecla, o texto sairia com incorreções. Não deveríamos desprezar o trabalho, mas corrigir os erros de digitação (não do texto bíblico). Os copistas não invalidaram a obra inspirada de Deus. O que temos que fazer é entender onde cometeram equívocos e, iluminados pelo Espírito Santo, tentar entender o que Deus disse.

Há três opções no conceito de inerrância. Vejamos cada um deles e busquemos situar-nos aqui.

O primeiro é a inerrância absoluta, que sustenta que a Bíblia é absolutamente correta mesmo quando emite opiniões científicas e históricas que são contraditadas hoje. Nesta postura, os escritores bíblicos tinham a intenção e a possibilidade de oferecer conhecimento científico e histórico exatos. Novamente um exemplo para nosso raciocínio. 2Crônicas 4.2, falando do mar de fundição, diz que seu diâmetro era de 10 cúbitos, enquanto que a circunferência era de 30. Mas a circunferência de um círculo é π (3,14159) vezes o diâmetro. Se o mar de fundição era realmente circular, temos aqui um equívoco bíblico que exige explicação.²¹ Mas os defensores da inerrância absoluta mantêm sua posição e apresentam suas explicações, nem sempre convincentes.

O segundo é a inerrância plena. Basicamente ele segue a mesma linha de *absoluta*, mas diz que o propósito da Bíblia não é prestar informações científicas e históricas, mas quando o faz, está correta. As discrepâncias devem ser entendidas como "referências fenomenais", ou seja, como se apresentam aos olhos humanos. Não são exatas rigorosamente falando, mas como se apresentam aos olhos humanos., como os homens captaram o fenômeno.

O terceiro é a inerrância limitada. Ela também aceita a Bíblia como infalível e inerrante mas em suas doutrinas, no seu discurso sobre Deus. Não a considera como antiintelectual ou obscurantista, mas reconhece que há assuntos empíricos (provados e não de fé), naturais, e assuntos não-empíricos, os revelados. A Bíblia deve ser entendida como um livro de assuntos não-empíricos, isto é, assuntos espirituais, e não um manual de ciência ou de história. Eis o que nos diz Erickson:

A revelação e a inspiração não colocam os escritores acima do conhecimento habitual. Deus não lhes revelou a ciência ou a história. Por conseguinte, nessas áreas, a Bíblia bem pode conter o que chamaríamos de erros. Isso, porém, não

²¹ Este exemplo foi tomado de Erickson, op. cit., p. 80, na sua discussão sobre os conceitos de inerrância aqui alistados.



têm grandes conseqüências. A Bíblia não se propõe a ensinar ciência nem história. Mas dentro dos objetivos para os quais foi dada, a Bíblia é plenamente verdadeira e inerrante.²²

Esta discussão tem boa dose de valor, mas creio que ela é relativa e não absoluta. Discutir a inspiração de letras e palavras bem como tentar ver declarações científicas ou históricas na Bíblia pode desvirtuar seu real sentido para nós. Afinal, esta não é a sua finalidade. Voltamos a este ponto: ela não é um manual de ciência. É necessário reafirmarmos nossa crença na Bíblia como Palavra inspirada de Deus aos homens. Isso é inegociável, como verdade teológica. Não abrimos mão disso. Mas devemos deixar bem claro que seu propósito fundamental é mostrar Deus à humanidade e não cuidar de aspectos periféricos ou secundários. Porque senão correremos o risco de olhar as árvores e não ver a floresta, ou cuidar do varejo e deixar o atacado. A finalidade da Bíblia, como bem nos diz a Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira, é "revelar os propósitos de Deus, levar os pecadores à salvação, edificar os crentes, e promover a glória de Deus"²³. Devemos ter isto sempre em mente. Tentar harmonizá-la com a ciência pode nos trazer um problema maior ainda: a ciência é evolutiva, mutável e recebe novas descobertas. Deus não quer ensinar ciência na Bíblia, mas o caminho da salvação. Afirmações que hoje são sustentadas pelos cientistas, amanhã serão desmentidas, como as de hoje fazem com as de ontem. Teremos que reinterpretar a Bíblia à luz de cada nova descoberta. Estaremos sempre refazendo a doutrina cristã. Por isso, reconhecendo seu campo e seu propósito, sabendo do que ela trata, consideramos uma verdade inicial: *em tudo que ela ensina sobre Deus sua autoridade é última*. Livro algum a supera nem homem algum pode presumir que se colocará acima dela. Mas não devemos fazer ciência com a Bíblia.

4. *Uma formulação teológica da doutrina da revelação especial* - O esquema seguinte é de Hammett²⁴ e o crédito deve lhe ser dado. Ele nos ajuda a entender mais a questão de como nossa doutrina da revelação especial de Deus pode ser entendida:

1º Passo - Os pensamentos na mente de Deus

2º Passo - Os pensamentos na mente do autor >>>> REVELAÇÃO

²² ERICKSON, op. cit., ps. 80-81

²³ Declaração Doutrinária da CBB, artigo I.

²⁴ HAMMETT, John. Apostila Para os Alunos de Teologia Sistemática. North Carolina, apostila não comercial, 1995, p. 22



3º Passo - Estes pensamentos na forma escrita >>>> INSPIRAÇÃO

4º Passo - Coleção completa destes escritos num livro >>>> CANONIZAÇÃO

5º Passo - Cópias e traduções deste livro >>>> RESERVAÇÃO

6º Passo - Os pensamentos de Deus em nós hoje >>>> ILUMINAÇÃO

Não tratamos nesta apostila dos conceitos de canonização (como o Espírito selecionou quais livros deveriam fazer parte da Bíblia) e preservação (como Deus manteve os documentos que deram origem aos livros da Bíblia), porque são temas que fogem ao nosso propósito. Mas preste-se atenção nos conceitos e no que cada um significa.

Podemos confiar em que temos uma Escritura digna de confiança? A resposta é uma só, sem dúvida: sim! Cremos que Deus se revelou a si mesmo, inspirando os homens que escreveram a Bíblia. Cremos que por ação sua, em obra do Espírito Santo, o cânon bíblico foi formado, e que por preservação, tais manuscritos nos chegaram às mãos. Não temos os autógrafos originais, mas a ciência bíblica que trata da canônica (o estudo do cânon) pode nos assegurar que temos hoje traduções de originais antigos e confiáveis. Cremos também que um intérprete, bem capacitado e sob iluminação do Espírito Santo, pode trazer os pensamentos da mente de Deus ao homem contemporâneo. Cremos que uma congregação séria, reverente, buscando conhecer a Palavra de Deus e não apenas buscando um culto agitado, pode ouvir a voz de Deus na Bíblia. Esta é razão pela qual buscamos um estudo sério da Bíblia e procuramos primar por uma apresentação coerente de seu conteúdo.

Encerrando a discussão sobre a Bíblia, mesmo que um pouco fora de contexto em termos de argumentação, que fiquem conosco as palavras de Immanuel Kant: "A existência da Bíblia é a maior bênção que a humanidade jamais experimentou" ²⁵. E é verdade. Sem a Bíblia, quanto de ensino proveitoso este mundo teria perdido!

4. O CRITÉRIO HERMENÊUTICO – Hermenêutica é o nome que dá à ciência da interpretação. Critério hermenêutico é o padrão que vamos usar para interpretar a Bíblia. Vamos estabelecer alguns princípios, desde já, com base no que estudamos.

²⁵ SAYÃO, Luís. Cabeças Feitas - Filosofia Prática Para Cristãos. S. Paulo: Grupo Interdisciplinas Cristão, 2ª ed., 1998, p. 57



- (1) Sendo toda Palavra de Deus, a Bíblia não pode se contradizer. Deus não se contradiz. Quando encontrarmos um versículo que, *aparentemente*, se choca com outro versículo, não temos o direito de jogar um contra o outro. Eles deverão ser interpretados à luz do contexto histórico, cultural, da gramática e do propósito do livro. Esta matéria não é de Teologia Sistemática, mas esta informação deve ser dada. Há pessoas, tolas e que gostam de se colocar sob holofotes, que têm prazer em procurar passagens bíblicas que, aparentemente, contradizem outra. Infantilidade.
- (2) Se Jesus Cristo à revelação final de Deus (relembre Hebreus 1 e 2), ele é a chave hermenêutica para se entender a Bíblia. Lembre-se do que está na página 12: é o Novo Testamento que interpreta o Antigo Testamento. Sem Jesus, a Bíblia não tem sentido. Sem Jesus, a leitura do Antigo Testamento é incompleta. Leia 2Coríntios 3.14-16. Em outras palavras, o que está sendo dito ali é isto: quando um judeu se converte a Jesus, o véu da antiga aliança (o Antigo Testamento) é removido em Cristo. É em Cristo que se pode entender a Bíblia. Ele a reinterpreta. Veja, em Mateus 5.21-22, 5.27-28, 5.31-32, 5.33-34, 5.38-39, como ele afirma sua autoridade sobre a de Moisés. Em 5.43-44 (a lei não mandava odiar os inimigos, mas sim os fariseus e os essênios) como ele afirma sua autoridade sobre a dos líderes religiosos. Toda a Bíblia deve ser entendida à luz da pessoa de Jesus. O Antigo Testamento era uma preparação para ele. O Novo Testamento é a confirmação da vida e ministério dele. Por isso é que o Antigo deve ser entendido à luz do Novo.

5. A DECLARAÇÃO DOUTRINÁRIA DA CBB - ESCRITURAS SAGRADAS -

Transcrevemos, a seguir, o trecho da Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira sobre "Escrituras Sagradas". É o tópico I, o que mostra o entendimento da CBB: o ponto de partida para confecção de seus postulados doutrinários é a Escritura, a Palavra de Deus. O ideal é que o estudante da Bíblia veja cada tópico da Declaração e examine as passagens bíblicas.

A Bíblia é a Palavra de Deus em linguagem humana (1). É o registro da revelação que Deus fez de si mesmo aos homens (2). Sendo Deus seu verdadeiro autor, foi escrita por homens inspirados e dirigidos pelo Espírito Santo (3). Tem por finalidade revelar os propósitos de Deus, levar os pecadores à salvação, edificar os crentes, e promover a glória de Deus (4). Seu conteúdo é a verdade, sem mescla de erro, e por isso é um perfeito tesouro de instrução divina (5). Revela o destino final do mundo e os critérios pelos quais Deus julgará todos os homens (6). A Bíblia é a autoridade única em matéria de religião, fiel padrão pelo qual devem ser aferidas a doutrina e a conduta dos



homens (7). Ela deve ser interpretada sempre à luz da pessoa e dos ensinamentos de Jesus Cristo (8).

- (1) Salmos 119.89, Hebreus 1.1, Isaías 40.8, Mateus 24.35, Lucas 24.44-45, João 10.35, Romanos 3.2, 1Pedro 1.25, 2Pedro 1.21
- (2) Isaías 40.8, Mateus 22.29, Hebreus 1.1-2, Mateus 24.35, Lucas 24.44-45 e 16.29, Romanos 16.25-26, 1Pedro 1.25.
- (3) Êxodo 24.4, 2Samuel 23.2, Atos 3.21, 2Pedro 1.21
- (4) Lucas 16.29, Romanos 1.16, 2Timóteo 3.16-17, 1Pedro 2.2, Hebreus 4.12, Efésios 6.17, Romanos 15.4
- (5) Salmo 19.7-9, Salmos 119.105, Provérbios 30.5, João 10.35, e 17.17, Romanos 3.4 e 15.4, 2Timóteo 3.15-17
- (6) João 12.47-48, Romanos 2.12-13
- (7) 2Crônicas 24.19, Salmo 19.7-9, Isaías 34.16, Mateus 5.17-18, Isaías 8.20, Atos 17.11, Gálatas 6.16, Filipenses 3.16, 2Timóteo 1.13
- (8) Lucas 24.44-45, Mateus 5.22, 28, 32, 34, 39, Mateus 17.5 e 11.29-30, João 5.39-40, Hebreus 1.1-2, João 1.1-2 e 1.14.



Começemos o estudo sobre a doutrina de Deus com uma declaração de Agostinho: "nenhum homem diz 'Deus não existe', a não ser aquele que tem interesse em que ele não exista" ²⁶. A frase do ilustre teólogo do século V tem um sentido bem claro: para ele a dúvida ou negação sobre a existência de Deus tem muito mais base ética do que intelectual. O homem não crê não porque isto seja um absurdo intelectual, uma ofensa à sua inteligência, mas simplesmente porque não quer crer. Declarar a existência de Deus traria implicações éticas. Na maior parte das vezes, segundo Agostinho, a negação da existência de Deus é mais moral do que intelectual. É melhor não crer do que crer, para a pessoa que não quer levar uma vida correta. Dizer que a Bíblia é a Palavra de Deus e viver contrariando-a nas suas atitudes é um contra-senso. Então, é melhor negá-la ou não ligar para ela.

Há uma boa dose de verdade nestas palavras. Mas muitas pessoas gostariam, sinceramente, de crer em Deus e enfrentam dificuldades para fazer assim. O ensino de Freud, por exemplo, amplamente divulgado em sua obra *O futuro de uma ilusão* (que é uma crítica bem dura ao sentimento religioso), é de que Deus é a ampliação da figura paterna. Não foi Deus quem criou o homem, mas este que criou Deus. Não será Deus uma mera personificação dos anseios humanos? O que a Bíblia tem a dizer para provar a existência de Deus? De início, digamos que esta não é a preocupação da Bíblia. Como já foi dito, ela parte do pressuposto de que Deus existe e que seus leitores aceitam tranquilamente este fato. Para ela, negar sua existência é um ato próprio do *nabhal*, que é a palavra hebraica para designar o homem "insensato" de Salmos 14.1. É verdade que o ateísmo do texto é mais de ordem pragmática (conduta) que filosófica (pensamento), mas permanece o princípio. Afinal, é possível ter-se noção da existência de Deus, conforme lemos em Romanos 1.20. A Bíblia não tem a preocupação de provar que Deus exista, mas não impede que se tente fazê-lo. Ao longo da história, a Igreja tentou. Não tendo a preocupação de gastar espaço com este assunto, pois estamos discutindo a pessoa de Deus e não tentando provar sua existência, fiquemos com uma citação de Hammett:

... A Bíblia dá algum apoio às provas cosmológica e teleológica (Atos 17.24-29, Romanos 1.20) e moral (Romanos 2.14-15). Também, há evidência científica e filosófica para a existência de Deus. Esta evidência pode ser usada para fortalecer a fé dos crentes e responder às perguntas intelectuais dos não-crentes, mas não é necessário nem possível provar a existência de Deus. Não é

²⁶ Ib. *ibidem*, p. 56



necessário porque cada pessoa já sabe que Deus existe (Rm 1.20); não é possível provar completamente a existência de Deus porque é questão de fé (Hb 11.6). Crer na idéia de teísmo ou ateísmo é questão de fé. Toda pessoa tem fé em alguma coisa. A existência de Deus não é a questão mental, mas moral: vamos aceitar que Deus existe e que somos responsáveis diante dele? ²⁷

Nas palavras de Hammett está a mesma formulação de Agostinho: crer na existência de Deus implicaria na responsabilidade de viver corretamente diante dele. E isto nem sempre as pessoas estão dispostas a pagar. Como disse Kierkegaard, *saber se Deus existe não é relevante, mas o relevante é saber se Deus é relevante para mim*. A discussão sobre a existência ou não de Deus, que foi muito forte nos anos sessentas, perdeu muito de sua força, atualmente. Eis uma observação nesta linha, feita por Blank:

Há aproximadamente cinqüenta anos, no meio científico, era moda negar a existência de Deus. Hoje em dia, após as últimas descobertas das ciências da natureza sobre a estrutura fascinante do universo, o início do cosmo e os mecanismos complexos da evolução, são os grandes cientistas que, pelo contrário, admitem que Deus deve existir. Encontramos tais declarações com Einstein e Max Planck e, mais recentemente, com J. E. Charon e outros ²⁸.

A seguir, na sua obra, Blank alista algumas declarações de alguns cientistas contemporâneos, declarações bem cuidadas, em que a necessidade de um Ser supremo é mostrada como resposta necessária para o mundo material. Mas mesmo as declarações destes cientistas não podem ser tomadas como absolutas. Deus não é matéria de ciência. Nem da Filosofia. E o máximo que a ciência pode nos dar é um ser criador, e assim mesmo nada nos revelar sobre seu amor e sua revelação, bem como seu propósito para o mundo. E a Filosofia, no máximo pode nos dar uma Razão, um Motor, uma Causa não Causada, mas não um Deus de amor. Pode-se ter, na especulação científica e filosófica, um Deus impessoal, uma causa não causada, mas nunca um Deus de amor e moral, com propósitos definidos para o homem. Isso só a Bíblia pode nos dar. Por isso que as tentativas de provar a existência de Deus nem sempre serão satisfatórias.

Mas, quem ou o que é Deus? Como ele é? Qual é a sua natureza? Todas estas perguntas podem ter muito sentido para o pretendido teólogo, mas a questão que se eleva sobre todas essas é a seguinte: quais as implicações da existência de Deus para nossa vida? A vida de um crente será determinada pelo seu conceito sobre Deus. E muitos dos

²⁷ HAMMETT, op. cit., p. 28

²⁸ BLANK, Renold. Quem, Afinal, é Deus?. S. Paulo: Edições Paulinas, 2^a ed., 1988, p. 11.



problemas da igreja contemporânea decorrem daqui: um conceito muito baixo de Deus, que é visto como um “quebrador de galhos” ou alguém à nossa disposição para resolver qualquer problema nosso. Uma compreensão correta da Divindade, portanto, será fundamental para nossa vida. Por isso, comecemos com esta pergunta: quem é Deus?

1. *Quem é Deus?* - Responderemos com uma citação de Mullins:

Deus é o supremo espírito pessoal; perfeito em todos os seus atributos; que é a fonte, o sustentador, e o fim do universo; quem o guia conforme seu propósito sábio, reto, e amoroso, revelado em Jesus Cristo; quem mora em todas as coisas mediante seu Santo Espírito, procurando sempre transformá-las conforme a sua própria vontade e trazê-las a seu reino ²⁹.

Parece uma definição um pouco longa, e há outras menores do que esta. Bem, se há definições menores, por que, então, optar por esta? Porque ela aborda alguns aspectos relevantes à nossa discussão:

- 1º) O que Deus é em si mesmo,
- 2º) Os atributos de Deus,
- 3º) A relação de Deus com sua criação,
- 4º) O propósito de Deus em Cristo,
- 5º) Deus e a natureza progressiva do Reino,
- 6º) Deus e a obra do Espírito Santo no Reino,
- 7º) O propósito de Deus na consumação do reino.

Esta definição é humana, visando abrir espaço para uma exposição doutrinária a seguir. Mas, o que diz, exatamente, a Bíblia sobre Deus? Como ela o define?

Nas palavras de Jesus, "Deus é espírito" (Jo 4.24). Mais tarde, temos outras palavras de Jesus: "Apalpai-me e vede; porque um espírito não tem carne nem ossos como vedes que eu tenho" (Lc 24.29). Podemos deduzir que Deus não tem corpo, não é matéria, não está limitado ao tempo e ao espaço, que são categorias da matéria. Esta declaração bíblica,

²⁹ MULLINS, Edgar. La Religión Cristiana en su Expresión Doctrinal. El Paso: Casa Bautista de Publicaciones, s/d, p. 218.



apesar de simples e lacônica, é profunda, porque mostra que Deus tem uma dimensão que o homem não tem. O homem *também* é espírito, mas Deus é espírito. Deus, um dia, *foi* carne. O homem é carne. Há grande diferença aqui. “Também” é uma coisa. “É” é outra coisa. “Foi” é uma coisa. “É” é outra coisa.

Uma outra definição bíblica sobre Deus diz respeito ao seu caráter: "Deus é amor" (1Jo 4.8). No relato posterior de João se vê que foi seu amor que o impeliu para a ação de enviar Jesus (1Jo 4.9). Neste sentido, seus atos são motivados pelo seu amor. Mesmo quando se trata de seu juízo, o que o leva a julgar é o seu amor à retidão e à santidade. Com isto se quer dizer que em Deus não há motivação injusta ou maldosa, mas que é seu amor que o leva a agir. Foi por isso que, mais do que apresentar uma definição, Langston declarou sobre Deus: "Esta é a idéia cristã de Deus. Deus é Espírito Pessoal, perfeitamente bom, que em santo amor cria, sustenta e governa tudo" ³⁰.

São poucas as boas definições de Deus. Elas podem nos satisfazer em algum aspecto, mas permanece um ponto: como definir o indefinível? Como um ente limitado (o ser humano) pode definir aquele que é ilimitado (Deus) ? Por isso que não gastaremos muito tempo com este aspecto. Basta-nos o que aqui está.

2. *A transcendência de Deus* - Um postulado teológico inevitável quando se fala de Deus é sua transcendência. O que significa esta palavra esquisita, “transcendência”? Isso significa que Deus está fora dos limites físicos e sensoriais (isto é, dos sentidos). Que não se restringe ao mundo físico, que não pode ser compreendido pelos sentidos, que não está preso ao mundo material. Deus não pode ser visto, tocado, cheirado. Transcendente é aquilo (aquele) que transcende ou ultrapassa a esfera da experiência racional do homem. Esta transcendência divina fica patente nas muitas declarações do Antigo Testamento exaltando a santidade de Deus em contraste com a pecaminosidade humana. Todo o sistema sacerdotal, por exemplo, é uma amostra de como Deus está distante dos homens e é diferente deles. E, na realidade, o sistema sacerdotal, embora instituído por Deus, é praticamente pedido pelo povo, como lemos em Êxodo 20.19: "E disseram a Moisés: Fala-nos tu mesmo, e ouviremos; mas não fale Deus conosco, para que não morramos ". O povo sabia que havia uma distância enorme entre ele e Deus, em

³⁰ LANGSTON, A . B. Esboco de Teologia Sistemática. Rio de Janeiro: JUERP, 5^a ed., 1977, p. 45.



termos de caráter. Mas é em Eclesiastes 5.2 que encontramos isto bem definido: "... porque Deus está no céu e tu estás sobre a terra; portanto sejam poucas as tuas palavras". Há um abismo entre Deus e o homem e isto não é apenas em distância. O que está em foco é a diferença qualitativa entre os dois: Deus é celestial e o homem é terreno. Deus é santo e somos pecadores. É por isso que ele exige santidade do seu povo (Lv 11.44-45 e 1Pe 1.16).

Em termos clássicos pode-se dizer que esta transcendência de Deus se verifica na natureza (ele é à parte dela, não sendo um com ela, sendo ele imaterial) e no espaço (ele não é limitado, estando numa dimensão imaterial e não-espacial). E é isto, a noção de transcendência, que torna a fé bíblica tão distinta das demais. Porque, diferentemente do ambiente cultural em que os hebreus viviam, há uma diferença entre o Criador e a criação. Ele não se confunde com ela, em momento algum. No Egito, o Nilo era uma divindade. Entre os hindus, "tudo é Deus e Deus é tudo", um panteísmo absoluto. Para os hebreus, a Divindade não está no mundo material e sensível. Está acima da natureza. Ele não faz parte dela. E ela não é emanção, uma onda, dele. A matéria também não é divina, foi criada, mas nunca é exaltada como sendo igual ao Criador. Criador e criatura, Criador e criação são distintos. A transcendência de Deus fica bem patente em todo o relato bíblico. Deus é diferente do mundo criado. Deus e uma árvore, Deus e uma vaca, são bem diferentes.

Ajuda-nos a compreender mais esta questão o conceito de "numinoso", de Rudolph Otto. Para definir o elemento sagrado, bem como a sensação do homem diante do sagrado, ele criou este termo, derivado de *numen* e explicou:

Eu uso a palavra numinoso. Se *lumen* pode servir para formar luminoso, *numen* pode formar o numinoso. Falo de uma categoria numinosa como uma categoria especial de interpretação e de avaliação, um estado de alma que se manifesta quando essa categoria é aplicada, isto é, cada vez que um objeto é concebido como numinoso³¹.

Mas, o que é numinoso? O que é *numen*? *Numen* é o termo latino para divindade, e numinoso é tudo aquilo que não pode ser explicado ou entendido racionalmente. *Numen* tem um sentido que ultrapassa o conceito de "divindade". Segundo Brown, "é algo que é bem diferente da perfeição moral. É algo que é 'Totalmente Outro' em relação ao mundo

³¹ OTTO, Rudolph. O Sagrado. S. Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1985, p. 12.



natural"³². Ou seja, Deus é o Totalmente Outro, completamente distinto do mundo natural, quer seja a natureza seja a humanidade.

3. *A imanência de Deus* - Mas a transcendência de Deus não significa que ele não seja, também, imanente. Esta palavra significa, mais ou menos, "estar presente". "Um importante par de ênfases que devemos preservar com toda certeza é a doutrina da imanência de Deus em sua criação e de sua transcendência em relação a ela. Ambas as verdades são ensinadas na Escritura"³³.

Mas como pode Deus ser transcendente e imanente ao mesmo tempo? Não estaremos ficando muito confusos? Parece que as coisas estão se complicando! A definição de imanência nos mostrará que não há choque de declarações. Imanência é a presença de Deus na criação e na história da humanidade. Ele não é um com a criação, mas ele a sustenta. Ele a controla. Nos capítulos 38 e 39 de Jó, ao responder a este, Deus mostra sua atuação na natureza, criando-a e sustentando até mesmo os animais. A imanência não significa panteísmo (idéia segundo a qual Deus e a natureza são uma coisa só), mas significa a presença de Deus no mundo (idéia segundo a qual Deus está *com* a sua criação, embora não esteja *na* criação).

E embora seja o Totalmente Outro de Rudolph Otto, ele é o "Deus que está aqui", nas palavras de Francis Schaeffer. Embora pareça contraditório, podemos dizer que ele está longe, mas, ao mesmo tempo, está perto. "Porque assim diz o Alto e o Excelso, que habita na eternidade, e cujo nome é santo: Num alto e santo lugar habito, e também com o contrito e humilde de espírito, para vivificar o espírito dos humildes, e para vivificar o coração dos contritos" (Is 57.15). Ele é o Deus que pode ser achado. Que está longe, pelo seu caráter de santidade absoluta, mas que está perto, pelo seu caráter de amor absoluto. E a maior proximidade de Deus se verificou em Jesus de Nazaré. A encarnação da Divindade é a prova maior de sua imanência: ele esteve no mundo como matéria.

A imanência de Deus significa que ele não está banido da sua própria criação, impedido de agir nela, mas que está presente e ativo nela. Ele não abandonou o mundo que criou. Ele atua pela natureza e na história dos homens. Um Deus absolutamente

³² BROWN, Colin. *Filosofia e Fé Cristã*. S. Paulo: Edições Vida Nova, reimpressão de 1989, p. 149.

³³ ERICKSON, op. cit., p. 100



transcendente não nos seria de grande valia, porque seria apenas uma força cósmica criadora, seria apenas uma energia impessoal. Poderia nos encher de um sentimento numinoso, isto é, cheio de respeito e até de medo, mas nunca nos encheria de esperança ou de significado. O próprio universo seria desprovido de sentido. Isto de pouco nos serviria. Um Deus absolutamente imanente poderia estar sujeito às mesmas fraquezas, inclusive morais, da criação. Seria igual a nós. E isto também de pouco nos serviria. Logo, transcendência e imanência são, como bem o disse Erickson, um par de ênfases que devemos preservar. Uma boa compreensão da natureza de Deus exige que as entendamos e as ajuntemos. Separá-las ou não compreender a relação entre as duas nos dará um visão equívoca de Deus. As duas não são conflitantes, mas harmoniosas, necessárias.

4. *Os atributos de Deus* - Costuma-se dividir os atributos (ou características) de Deus em dois grupos: os atributos naturais e os morais. Por atributos naturais queremos dizer aqueles que só Deus possui e ninguém mais. São particularidade própria e exclusiva da Divindade. Por atributos morais queremos nos referir àqueles que Deus possui, mas que podem ser encontrados no homem, que é sua *imagem e semelhança*, e exatamente por isso o homem os possui, embora em escala bem inferior. A forma de abordar os atributos de Deus tem variado de teólogo para teólogo. Erickson, por exemplo, prefere usar os termos *atributos de grandeza* em vez de *atributos naturais* e prefere empregar *atributos de bondade* em vez de *atributos morais*. Mas a questão é apenas semântica, e não de substância.

Mas, pode-se falar dos atributos de Deus? Podemos falar de suas características? Para alguns isto seria uma grande pretensão. "Pode o finito descrever o Infinito?" é a pergunta deles. Talvez não possa descrever, mas a tarefa da teologia é tornar a idéia de Deus mais clara à mente humana. É perfeitamente possível falar sobre os atributos de Deus. "Porque Deus é, podemos fazer afirmações fatuais a respeito dele. O método de obter tais afirmações é decisivo para sua verdade. Atributos verdadeiros de Deus são, então, formas do evangelho"³⁴. Descrever, ou pelo menos tentar descrever os atributos de Deus, é encontrar o sentido da própria Bíblia em geral e dos evangelhos, mais detidamente.

³⁴ BRAATEN, Carl e JENSON, Robert. *Dogmática Cristã*, S. Leopoldo: Editora Sinodal, vol. I, 1990, p. 192.



No entanto, isto não é uma tarefa que pode ser feita ou entendida como um ato de dissecar Deus ou colocá-lo num tubo de ensaio. Valham-nos, para que isto fique bem claro, estas palavras de Lutero:

O verdadeiro teólogo não é aquele que chega a ver as coisas invisíveis de Deus, pensando a respeito das coisas criadas; o verdadeiro teólogo é aquele que pensa a respeito das partes visíveis e posteriores de Deus, tendo-as visto nos sofrimentos e na cruz ³⁵.

O que isto significa? Que buscar os atributos de Deus não é um ato de especular sobre o invisível, mas ver sua relação com o mundo criado. Os atributos de Deus nos ajudam a entender o próprio mundo e ver que há nele um sentido moral. Há um sentido no mundo que não faz parte dele, porque um Ser que tem atributos de *grandeza* (nas palavras de Erickson) o criou. O Criador deu significado ao mundo. E isto porque repartiu alguns deles com a criação (repartiu os atributos de *bondade*, ainda segundo Erickson).

5. *Os atributos naturais de Deus* - Alistaremos aqui seis deles, entre outros que são mencionados, variando conforme cada teólogo, e comentaremos cada um, brevemente: onipresença, onisciência, onipotência, unidade/unicidade, infinidade e imutabilidade.

6. *A onipresença de Deus* - Dois equívocos se devem evitar ao falarmos da onipresença de Deus. Um deles é dizer que "Deus está em todos os lugares" e o outro, dizer que "Deus enche o espaço". Aí, corrigidos estes equívocos, poderemos definir bem o que é onipresença. Deus está em todos os lugares? Está Deus dentro de uma lata de lixo? Está dentro do forno de um fogão? Dentro de um congelador? No inferno? Ora, uma das coisas que distinguem o inferno é a expressão que Jesus põe na boca do Pai, a ser dita no dia do juízo: "Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o Diabo e seus anjos" (Mt 25.41). Ou seja, uma das características do inferno é a ausência de Deus. O inferno é, entre tantas outras coisas, um lugar aonde Deus não está.

³⁵ LUTERO, Martinho. Obras Seleccionadas. S. Leopoldo: Editora Sinodal, P. Alegre: Editora Concórdia, vol. I, 1987, p. 39.



A onipresença de Deus não quer dizer que ele esteja em todos os lugares. Não confundamos Deus com os átomos ou com o ar. Quer dizer, sim, que não há lugar onde Deus não possa estar e que não há lugar em que sua graça seja impedida de chegar aos homens. Jonas orou do ventre de um peixe e "falou, pois, o Senhor ao peixe, o peixe vomitou a Jonas na terra" (Jn 2.10). Sua oração foi atendida. A graça de Deus foi ao fundo do mar. Onipresença quer dizer simplesmente que nosso Deus não está limitado ao espaço. Esta é uma categoria da matéria e Deus é espírito. Não existe espaço para Deus. Ninguém o impede. Nada o limita.

Também é equívoca a declaração de que "Deus enche o espaço". Isto porque, como já foi dito, o espaço não existe para Deus. Como bem disse Langston:

Sendo Deus Espírito, não ocupa espaço. Só a matéria ocupa espaço ... A idéia de que Deus está distribuído por todo o espaço, como a atmosfera, é errônea. Tal idéia pertence ao materialismo, e não cristianismo. O espaço não existe para Deus³⁶

Mas o que é, exatamente, a onipresença de Deus? Significa isto: ele age com a mesma facilidade como pensa e como deseja, sem limitação de lugar. Ele não precisa ir a um lugar para agir, pois não há distância para ele. Ele pode agir instantaneamente em qualquer lugar do mundo e em mais de um lugar do mundo simultaneamente. A onipresença de Deus é uma segurança para o fiel: onde quer que seja necessária sua presença ele está lá em toda a sua personalidade. Ele não necessita se dividir nem se desdobrar. O Antigo Testamento nos mostra que havia a crença dos antigos em deuses tribais, regionais, com domínio sobre determinadas jurisdições: "seus deuses são deuses dos montes..." (1Rs 20.23). Por isso Jacó se admirou de lahweh "funcionar" fora de seus "limites geográficos" (Gn 28.16-17). Aliás, esta ingênua crença supersticiosa se vê, ainda hoje, no catolicismo, com os seus padroeiros regionais (cada cidade e cada lugarejo tem seu padroeiro) e se vê, de maneira invertida, na curiosa teologia da "batalha espiritual": cada cidade tem seu demônio. Mas o Deus Pai de nosso Senhor Jesus Cristo é Deus de todos os homens e de todo o universo.

A onipresença de Deus é também um alerta para o fiel. Citamos, a propósito, as palavras de Tillich:

³⁶ LANGSTON, op. cit., p. 50.



Na certeza de que Deus é onipresente, moramos sempre num santuário. Moramos num lugar santo quando nos encontramos até mesmo no lugar mais secular, e o lugar mais santo é ainda secular comparado com nosso lugar no fundo da vida divina. Sempre que somos sensíveis à onipresença divina, se quebra toda a diferença entre o sagrado e o profano. A presença sacramental de Deus é uma conseqüência e uma manifestação real de sua onipresença ³⁷.

Neste sentido, toda a nossa vida é sagrada porque Deus está presente em toda a vida humana. E sua onipresença é um sacramento ou, pelo menos, deveria ser: conferindo-nos graça. Deus não está num prédio chamado de "igreja" numa hora chamada de "culto" e fica lá preso, porque é "sua casa", quando vamos embora. Ele está em nossa vida o tempo inteiro e em qualquer lugar. Não é a construção que chamamos de "igreja" que é sagrada. Todo o universo é sagrado, pois que Deus não fica preso ao prédio, mas está em todo o universo. Isto é muito confortador. Nunca estamos distantes dele nem estamos desamparados. Ele é o Deus que é, mas ao mesmo tempo é o Deus que está. A vida deve ser vivida com seriedade por ser um dom de Deus. E deve ser vivida com seriedade em qualquer lugar, e não apenas num prédio que chamamos de "igreja", pois em qualquer lugar em que estejamos, estamos na sua presença. Devemos ser em casa, no trabalho e na rua o que somos na igreja, pois Deus está em nossa casa, no nosso trabalho e na rua conosco tanto como está na igreja, no momento que chamamos de culto. Podemos orar a ele e ter comunhão com ele em qualquer lugar.

7. *A onisciência de Deus* - Esta característica é uma conseqüência inevitável da onipresença de Deus. Ele é onipresente e onisciente porque presencia tudo. Não há lugar onde alguém se possa esconder dele. Ele vê tudo. "E não há criatura alguma encoberta diante dele; antes todas as coisas estão nuas e patentes aos olhos daquele a quem havemos de prestar contas" (Hb 4.13). Porque vê tudo, ele sabe tudo: "Porque vosso Pai celestial sabe o que vos é necessário, antes de vós lho pedirdes" (Mt 6.8). Neste texto, *sabe* é o grego *oída* que, embora muitas vezes usado com o mesmo sentido de *guinoscôu*, tendo ambos o mesmo sentido de "conhecer", tem, quando diferenciado, o sentido de "nítida percepção mental, conhecimento objetivo" ³⁸. É muito provável que o uso do verbo em Mateus 6.8 não tenha nenhum sentido especial, mas quero chamar a atenção para o fato

³⁷ TILLICH, Paul. *Teología Sistemática*. Barcelona: Ediciones Ariel, vol. I, 1972, p. 356.

³⁸ TAYLOR, William. *Introdução ao Estudo do Novo Testamento Grego*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1968, 3ª ed., p. 317.



de poder ele ser entendido como um conhecimento objetivo, que é pessoal, não de informação, e com o sentido de nítida percepção mental e não uma percepção um tanto incompleta. Deus sabe *tudo* e não algumas coisas e sabe tudo *completamente* e não um pouco de cada coisa.

A onisciência quer dizer que Deus não aprende por observação ou por experiência, mas que simplesmente sabe. Ele não aprende porque não tem o que aprender e ninguém lhe ensina nada. Ele simplesmente sabe. "Todo o presente, todo o passado e todo o futuro estão diante dele. O que Deus sabe, não o *soube* em tempo algum, visto que para ele não existe tempo; não há passado nem futuro - tudo lhe é presente" ³⁹. Ele simplesmente sabe. As trevas e a luz para ele são a mesma coisa (Sl 139.12).

Perguntará alguém: "Deus sabe a cor da minha roupa de baixo?". A pergunta é infantil e mostra uma compreensão inadequada do que está sendo tratado. É até leviana. Sem dúvida ele sabe qual é a cor, mas sua onisciência é mais do que isso: significa que nada se faz sem seu conhecimento.

Mas qual a relação da onisciência com a sua ação? Se Deus sabe que uma pessoa vai ser atropelada amanhã, ao atravessar a Avenida Orozimbo Maia, porque não arranja um jeito de a pessoa não precisar ir à Avenida Orozimbo Maia naquele dia? Conhecer completamente não quer dizer estabelecer as coisas. E não significa que Deus intervirá, cada momento, na nossa vida, para impedir que algo de ruim nos aconteça. A onisciência de Deus não anula o arbítrio humano nem a imprevisibilidade da vida humana. Mas a questão não é tornar o conhecimento absoluto de Deus como um conhecimento detalhista ("ele sabe qual a carta que vou tirar do baralho?"), mas sim que, por ser onisciente, ele é sábio. Conhecendo todas as coisas, ele sabe o que é bom. Sabe o que é melhor. Se ele sabe o que é melhor, o cristão pode descansar nele e entender bem o sentido de Romanos 8.28: "E sabemos que todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo seu propósito". À semelhança de José, no Egito, mesmo com a situação sempre indo de mal a pior, podemos ter como refrão em nossa vida o mesmo que é declarado a respeito de José: "e o Senhor era com José", até que se chega a Gênesis 50.20, onde está a doutrina da Providência divina: "Vós, na verdade, intentastes o mal contra mim; Deus, porém, o intentou para o bem, para fazer o que se vê neste dia, isto

³⁹ LANGSTON, op. cit., p. 52



é, conservar muita gente com vida". Deus nunca pode ser impedido em seus planos (isto é sua onipotência) nem pode ser corrigido neles, como se estivesse errado (isto é sua onisciência – ele sabe não apenas as coisas, mas o que é o melhor).

A onisciência de Deus é fundamental na própria revelação. É verdade que Deus, mais que fatos ou acontecimentos, revelou-se a si mesmo. Já dissemos isso. Mas a revelação se dá num contexto histórico e, embora profecia não seja predição, muito da profecia, que é um elemento constituinte da revelação, traz predição. Isto nos abre o entendimento para termos uma teologia da história ⁴⁰.

A onisciência também responde à questão: "Deus sabia que o homem ia pecar? Se sabia, por que não o impediu?". Deus sabia que o homem ia pecar. Tanto sabia que Apocalipse 13.8 chama a Cristo de "o Cordeiro morto desde a fundação do mundo". Tanto sabia que já havia providenciado o meio de salvação. Tanto sabia que já havia decidido criar a Igreja, pois ele nos escolheu antes da fundação do mundo (Ef. 14). Quanto a impedir, lembremos que o homem é um ente com capacidade de tomar decisões. O Senhor poderia ter feito um homem à prova de queda, mas não haveria moralidade nele. O amor do homem para com Deus não seria uma resposta, mas uma obrigação. E, como disse Kant, "não se ama por decreto". Não se pode obrigar uma pessoa a amar alguém. Seríamos apenas robôs e não pessoas com capacidade de sentir e de tomar decisões.

Dirá alguém que o futuro não existe, por isso Deus não pode saber o futuro. A observação é feita por um ângulo de quem está limitado por realidade temporal. A Bíblia diz que Deus vê o futuro: "Os teus olhos viram a minha substância ainda informe, e no teu livro foram escritos os dias, sim todos os dias que foram ordenados para mim, quando não havia ainda nem um deles" (Sl 139.16). De forma brilhante, mais que ninguém, o Isaías da Babilônia cantou lahweh como o Deus que sabe o futuro e que controla a história das nações: "Quem há como eu? Que o proclame e o exponha perante mim! Quem tem anunciado desde os tempos antigos as coisas vindouras? Que nos anuncie as que ainda não de vir" (Is 44.7). Ele conhece os tempos. Conhece as estações e a vida das pessoas.

⁴⁰ A este respeito, veja minha apostila de Teologia Bíblica do Velho Testamento, onde o primeiro capítulo é exatamente este: a teologia da história. Mesmo sem tratar do assunto exaustivamente, até mesmo porque é uma apostila, abordo esta questão: Deus se vale da história, age nela e muitas vezes anuncia o que vai acontecer e até mesmo o que ele vai fazer.



8. *A onipotência de Deus* - A onipotência de Deus traz consigo dois significados: a onipotência moral, relacionada com ele, e a física, relacionada com a criação. Agora estabeleçamos o sentido de cada uma.

"Se Deus pode tudo, ele pode pecar?", perguntam os desocupados mentais, com suas eternas perguntinhas de algibeira (esperamos que os estudantes da EBD sejam mais sérios nas suas perguntas). A onipotência moral significa que Deus é tão poderosamente moral que não pode pecar. Samuel assim declarou: "Também aquele que é a Força de Israel não mente..." (1Sm 15.29). Até mesmo o curioso Balaão declarou: "Deus não é homem, para que minta.." (Nm 23.19). A questão não é saber se Deus, que pode tudo, pode pecar. Outra vez uso este tom: a pergunta é leviana e mostra um espírito tolo, de querer parecer brilhante. A questão é que seu poder não quer dizer que ele pode fazer o que lhe der na telha, como nós pensamos que seja a possibilidade de quem tem poder. Pensamos em poder dissociado de sabedoria e como capacidade de fazer tudo que nossos instintos pecaminosos desejam. A questão correta é dizer que ele pode nunca pecar porque está acima do erro e do mal. Pecar é fazer o mal. E fazer o mal não significa ter poder. Significa não ter poder. Não significa ser forte e sim ser fraco. Pecar e fazer o mal é ser escravo. De Deus pode se dizer que ele é tão poderoso moralmente que não peca. A idéia de Deus fazer o mal acaba sendo um absurdo pois isto levaria Deus a agir contra sua própria natureza, o que faria dele um ser patético. Ele faz apenas o que lhe dá prazer: "ele faz tudo o que lhe apraz" (Sl 115.3). E o pecado não lhe traz prazer, mas desgosto. Ele faz o que quer, mas ele quer o bem. Sempre.

A onipotência física está relacionada com seu poder criador. "Pela palavra do Senhor foram feitos os céus, e todo o exército deles pelo sopro da sua boca" (Sl 33.6). Ele é o criador do universo o que mostra ter ele um poder incomensurável. O universo é grandioso, mas quem o fez, evidentemente, é maior do que ele, pois o artífice é maior do que a sua obra (Hb 3.3). Mas ele não é apenas o Criador, é também o sustentador do universo. Hebreus 1.3, embora falando do Filho, diz que ele sustenta todas as coisas pela palavra do seu poder. E a ordem do universo é uma evidência do seu poder absoluto.

A onipotência de Deus deve ser entendida também como tendo conexão com a história dos homens e com a vitória final sobre o mal. Para uma Igreja que estava morrendo sob a perseguição do Império Romano dos césores, o Apocalipse, mesmo reconhecendo que ela sofreria ainda mais do que estava padecendo (2.10), pode trazer o brado de triunfo:



"O reino do mundo passou a ser do nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará pelos séculos dos séculos" (11.15). É a onipotência divina que nos faz crer no triunfo final do reino de Jesus e na vitória de Deus sobre o poder do mal: "Então virá o fim quando ele entregar o reino a Deus o Pai, quando houver destruído todo domínio, e toda autoridade e todo poder. Pois é necessário que ele reine até que haja posto todos os inimigos debaixo dos seus pés. Ora, o último inimigo a ser destruído é a morte" (1Co 15.24-26). Esta declaração de Paulo significa que o mundo tem um propósito que é controlado por Deus e que tudo terminará em Deus. Esta atuação de Deus na história evidenciando seu poder absoluto pode ser, entre muitos outros episódios bíblicos, bem ilustrada com Jeremias 32.17: "Ah! Senhor Deus! És tu que fizeste os céus e a terra com o teu grande poder, e com o teu braço estendido! Nada há que te seja demasiado difícil!". A propósito de quê, Jeremias fez tal observação? A propósito da declaração de Iahweh de que Judá, que estava deserta, destruída diante do poder caldeu, ainda seria reconstruída. Quem iria comprar terra em uma nação destruída, em um país abandonado com seu povo tendo sido levado para cativo? Deus manda Jeremias comprar terra, um símbolo de que a nação vai viver. Ele podia fazer a nação reviver. Mais tarde, o próprio Deus declarará ao profeta: "Eis que eu sou o Senhor, o Deus de toda a carne; acaso há alguma coisa demasiado difícil para mim?" (Jr 32.27).

A onipotência de Deus é mais do que brincadeira sobre o que ele pode e não pode fazer. Evitemos ser desrespeitosos com Deus. Reconhecer a onipotência de Deus é reconhecer que ele nunca pode ser frustrado em seus planos. Seu poder é tal que tudo terminará como ele deseja que termine. Para a Igreja este atributo de Deus é outra garantia extraordinária, soando-nos como uma promessa de vida e também como uma garantia de que nosso ministério, como igreja do Senhor, pode ser um ministério triunfante se permitirmos que ele aja em nossa vida. Ele faz a história caminhar para o ponto que ele deseja.

9. *A unidade/unicidade de Deus* – Vamos precisar de um pouco de atenção aqui. Os dois termos não são sinônimos. Unidade quer dizer que Deus é uno. Unicidade quer dizer que Deus é único, singular. E são idéias muito necessárias de se entender. Normalmente os livros de teologia enfocam mais a unidade de Deus, mas aqui falaremos um pouco de sua unicidade, também. Alguns comentaristas falam de unidade quando querem falar de



unicidade. Dizer que Deus é único não é unidade, mas unicidade. Distingamos os dois termos para uma boa compreensão. Começemos, então, por este aspecto, a unicidade de Deus. Sua base está em Deuteronômio 6.4: "Ouve, ó Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor". Em hebraico a expressão é *Shemá Israel, lahweh Eloheinu lahweh Ehâd*. Sobre ela, assim escrevi em outro lugar:

O maior tesouro teológico dos judeus sempre foi a unicidade de Deus, cujo teor está em Deuteronômio 6.4: *Shemá Israel lahweh Eloheinu lahweh Ehâd*. O texto recebeu o nome de *shemá*, por causa da primeira palavra. A *shemá* consiste em apenas quatro palavras hebraicas, de uma profundidade ímpar: *lahweh Eloheinu lahweh Ehâd*, "lahweh Deus Nosso, lahweh Um". O Deus de Israel era único, singular, e não podia ser confundido com nenhum outro. Os judeus guardavam, zelosamente, esta doutrina: a unicidade de Deus⁴¹

O texto de Deuteronômio 6.4 era o primeiro que uma criança hebréia, no tempo de Jesus, aprendia de cor. Ela está para o judeu como João 3.16 está para nós. O judeu piedoso, ainda hoje, a recita duas vezes por dia, de manhã e à noite. Ela significa que há apenas um Deus, lahweh, e que os outros são invenções humanas. A rigor, não existem "outros deuses". A expressão pode ser entendida, mas teologicamente falando, só existe um e não se pode falar de um outro deus. Há um corinho que diz "não há Deus maior, não há Deus melhor, não há Deus tão grande como nosso Deus". O corinho tem letra inadequada. Não há Deus nenhum fora dele. Só ele é Deus. Todos os demais são invenções humanas. Conforme lemos em Jeremias 2.11, Deus nem sequer os considera como se fossem existentes: "Acaso trocou alguma nação os seus deuses, que contudo não são deuses?". A mesma idéia é repetida em 5.7: "pois teus filhos me abandonaram a mim, e juraram pelos que não são deuses".

Por unidade queremos dizer que Deus é uno (isto nada tem a ver com a negação da trindade). Por ser Deus uno queremos dizer que não há um Deus do bem e um Deus do mal. Não há um dualismo, como em muitas religiões orientais. Nem como na umbanda, um "deus" da floresta, uma "deusa" do mar, uma "deusa" das águas doces. Isso é paganismo. Significa, também, que não há uma Divindade em conflito nem em luta em suas partes. A Divindade não pode ser dividida. É uma unidade indivisível. Mesmo tendo a trindade, temos uma unidade porque não há conflito na trindade nem pode ela ser entendida com triteísmo,

⁴¹ No meu livro sobre o Pentateuco, lançado agora, em junho de 2000, pela Juerp.



que significa três deuses em um só. Na Divindade não há conflito de opinião nem choque ou luta por poder.

No Antigo Testamento Deus é tratado por muitos nomes: Elohim, El, Eloah, Iahweh, Adonay, El-Shadday, Elyon, El Elyon, mas não temos uma pluralidade na divindade, como se estes nomes fossem nomes de divindades diferentes. Temos, sim, momentos especiais em que cada nome tem um significado ou em que o uso é meramente acidental. Não é correta também a afirmação que muitos fazem de que Deus, no Antigo Testamento é o Deus da ira, e que no Novo Testamento é o Deus de amor e de perdão. Deus não tem conflitos de personalidades. Quem leia o livro do profeta Oséias verá a extensão do amor de Deus como poucas vezes o Novo Testamento conseguiu mostrar. E, no Novo Testamento, lemos “do furor da ira do Deus Todo-Poderoso” (Ap 19.15).

Da mesma forma, é um equívoco tratar o Pai e Jesus como algumas ilustrações fazem: um rei que quer castigar um criminoso que é fraco e vai morrer com o castigo e o filho do rei vem e toma as chicotadas em seu lugar e assim o criminoso fica inocentado. O Pai é rei inflexível, e Jesus é o filho do rei, bonzinho. Então, Jesus contrariou o Pai e tomou o castigo que deveria cair sobre nós. Esta ilustração é um absurdo. Como é absurda a compreensão de que o Pai nos queria nos ver mortos por sermos pecadores e que Jesus veio para satisfazer sua ira e morreu em nosso lugar. Pensemos nestas palavras de Stott:

Notamos aqui que sempre que o verbo “reconciliar” ocorre no Novo Testamento, Deus é o seu sujeito (ele nos reconciliou consigo) ou, se o verbo estiver na passiva, nós o somos (fomos reconciliados com ele). Deus jamais é o objeto do verbo. Jamais se diz que “Cristo reconciliou o Pai conosco”⁴².

O Pai é o agente da reconciliação porque o Pai é amor, tanto como o Filho e tanto como Espírito o são. Há unidade na Divindade. Não há conflitos nem choque de vontade. Mais disto será tratado na abordagem da trindade e por enquanto o que temos agora é suficiente.

10. *A infinidade de Deus* - Isto significa que Deus é infinito. Isto é, não tem fim. Poderia se fazer esta abordagem mais em nível de eternidade, que ele não teve princípio e não terá

⁴² STOTT, John. A Cruz de Cristo. Miami; Editora Vida, 1991, p. 177.



fim. Mas Langston, de quem tomei emprestada a relação de atributos (como poderia ter tomado de outro, com variações), emprega esta expressão e faz o seguinte comentário:

Deus é onipresente porque não pode haver limites à sua presença; é onisciente porque a sua sabedoria se estende sobre todas as coisas, e é onipotente porque, pelo seu poder, guia e dirige o mundo, que é infinito. É assim que chegamos à idéia da infinidade de Deus e concluímos dizendo: *Deus é infinito*⁴³.

Qual o sentido de se apontar este atributo? É o de dizer que não há limites para ação e presença de Deus. Que sua ação é infinita e a possibilidade de sua presença também é infinita. Na memorável noite de 1969, quando o homem pôs os pés na Lua pela primeira vez, antes da descida do primeiro humano ao nosso satélite, na nave, leu-se o Salmo 8. Um dos astronautas era um diácono de uma igreja batista. Isto foi fantástico! Deus estava sendo invocado na Lua. Ele é infinito em poder, em presença, em ação. Ele pode ser invocado e adorado em qualquer lugar, pois é infinito. Ele não é o espaço, ele não é o mundo criado, mas não é menor que o espaço e o mundo que ele mesmo criou. E creio que melhor definimos esta questão citando as palavras de Berkhof:

A infinidade de Deus é aquela perfeição sua por meio da qual ele fica livre de todas as limitações. Ao atribuí-la a Deus negamos que haja ou possa haver algumas limitações para o Ser Divino ou para seus atributos. Na infinidade se entende que Deus não pode estar limitado pelo universo, pelo tempo-espaço do mundo, ou confinado a uma localidade⁴⁴

11. *A imutabilidade de Deus* - Deve-se fazer uma distinção, aqui, para evitarmos erros de interpretação. Não devemos identificar imutabilidade com imobilidade, fixidez ou passividade. Consideremos estas palavras de Chafer:

Imutabilidade não deve ser confundida com imobilidade. Deus é ativo quando se trata de aplicar seu julgamento justo ao mundo, quando este está agindo fora de seus santos propósitos. Mas seu tratamento com o homem pode ser modificado conforme a situação, e é claro que Deus faz isto na história. Quando sua declaração de juízo não se concretiza, como em Jonas 3.4 e 10, por exemplo, isto não é uma contradição em sua imutabilidade. Significa, simplesmente, que Deus adaptou sua ação à situação humana que mudou⁴⁵

⁴³ LANGSTON, op. cit. p. 54. O itálico é dele.

⁴⁴ BERKHOF, Louis. *Teología Sistemática*. Grand Rapids: TELL, 3ª ed., 1974, p. 69

⁴⁵ CHAFER, op. cit., p. 151.



Além destas palavras de Chafer, acrescento aqui as de Jack Miles: "Deus é constante; não imutável"⁴⁶. Podemos justificar sua argumentação, porque entendo que há uma figura de retórica (de exagero) na palavra de Miles: ele, Deus, não muda sua essência e seu caráter, mas muda planos e modo de agir. Mas em termos de caráter ele é o sempre o mesmo. É constante. Deus, portanto, não se arrepende, porque não tem nada do que se arrepender. Nada fez, nada faz e nada fará de errado. Mas, e as declarações, como em Jonas 4.10, de que Deus se arrependeu? Temos aqui um caso de antropopatia, ou seja, atribuição de sentimentos humanos a Deus para facilitar a argumentação. A linguagem bíblica, principalmente a do Antigo Testamento, não é abstrata, mas simbólica. O hebreu não falava por conceitos, mas por figuras. Uma interpretação literal poderá ser problemática para o bom entendimento da Palavra.

Deus é imutável, como dito anteriormente, porque não muda seu caráter. Deus não muda sua santidade. Deus não muda seu plano geral para a humanidade, embora mude planos particulares quando vê arrependimento de homens e nações sob juízo, por exemplo. Tiago nos diz que em Deus "não há mudança nem sombra de variação" (Tg 1.17). Ele não pode melhorar pois não há como ele vir a ser melhor, posto que já absolutamente é perfeito. E não pode decair porque é absolutamente santo. Sua perfeição absoluta faz com que ele não tenha para onde subir, moralmente falando. E também faz com que ele não tenha como descer, moralmente falando. Ele não pode ser mais santo do que é. Nem pode deixar de ser menos santo do que é.

Ele não muda seu amor, por exemplo: "Pois eu, o Senhor, não mudo; por isso vós, ó filhos de Jacó, não sois consumidos" (Mt 3.6). Não temos um Deus em evolução ou aperfeiçoamento, que está melhorando com o tempo, "aprendendo" a ser Deus, nem mesmo um Deus que, com o tempo, poderá entrar em decadência física ou mental. Temos um Deus de quem diz a Escritura: "Eles perecerão, mas tu permanecerás; e todos eles, como roupa, envelhecerão, e qual um manto os enrolarás, e como roupa se mudarão; mas tu és o mesmo e os teus anos não acabarão" (Hb 1.11-12).

Com as palavras que se seguem, de Thiessen, podemos considerar encerrada a discussão sobre a imutabilidade de Deus:

⁴⁶ MILES, Jack. Deus - Uma Biografia. S. Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 25.



A imutabilidade de Deus se deve à simplicidade da essência de Deus. O homem tem corpo e alma, duas substâncias; mas Deus só tem uma, portanto Ele não muda. Deve-se também à Sua existência necessária e auto-suficiente. Aquilo cuja existência não é causada, por necessidade de sua natureza, tem que existir como existe. Deve-se também à Sua perfeição. Qualquer mudança em Seus atributos O tornaria menos Deus; qualquer mudança em Seus propósitos e planos O tornaria menos sábio, bom e santo. Mas imutabilidade não significa imobilidade. Algumas pessoas parecem pensar que por ser imutável, Deus não pode agir. Sabemos, entretanto, que Deus é imutável e também que Ele age; por isso, as duas coisas devem ser compatíveis⁴⁷

Entendemos o que está se dizendo aqui sobre a imutabilidade de Deus. No entanto, ele muda suas atitudes para com os homens (dependendo de como estes reagem aos seus apelos e advertências). Por isso, sem fazer disso uma questão fundamental, cabem bem aqui as palavras de Miles: "Deus é constante; não é imutável"⁴⁸. Ou seja, ele pode mudar sua maneira de agir (pois é criativo), mas sua essência e seu caráter continuam os mesmos. Ele muda em suas ações, em suas formas de se revelar, no jeito de tratar as pessoas, mas mantém a constância do seu ser e de seu caráter.

12. *Os atributos morais de Deus* - Mantida a forma de dividir os atributos em naturais e morais, tendo visto os naturais, centremo-nos agora nos atributos morais de Deus. São atributos que ele pode repartir com os homens. Isto porque Deus é um Ser relacional e criou um homem relacional. Ou seja, ele se relaciona e criou um homem que se relaciona. Ele mantém relação com o homem e, como reflexo da *imago Dei* (expressão que se usa para designar a imagem de Deus no homem), colocou no homem alguns traços de seu Ser. Alistaremos aqui três dos mais comentados: santidade, justiça e amor. A listagem varia de teólogo para teólogo, mas ficaremos com estes.

13. *A santidade de Deus* - O termo hebraico para "santo" é *qôdesh*, que vem de um radical com a idéia de "cortar, separar". Mas o sentido teológico do termo é bem mais amplo que apenas algo separado, como se Deus fosse somente distanciado e dessemelhado dos homens. A santidade é integrante da essência de Deus e fonte motivadora de seus atos. Geralmente se pensa na santidade de Deus como estando relacionada tão

⁴⁷ THIESSEN, op. cit., ps. 80-61, mantida a sua grafia. Quanto a mim, preferiria dizer que o homem *é* corpo e alma em vez de *tem* corpo e alma, mas respeite-se a citação de Thiessen.

⁴⁸ MILES, Jack. Deus - Uma Biografia. S. Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 25.



somente com seu juízo: sendo santo ele julga os pecadores e os condena, algumas vezes destruindo-os. Este é um conceito de santidade equívoco, como se ela fosse algo negativo para o homem. Deus é santo, mas isto não pode ser visto como a fonte de ameaça e insegurança para os pecadores. Sua santidade é fonte de segurança para o homem, também.

Exemplo disto vemos em Oséias 11.9: "Não executarei o furor da minha ira; não voltarei para destruir a Efraim, porque eu sou Deus e não homem, o Santo no meio de ti; eu não virei com ira". Sua santidade era a segurança de uma não condenação: estava dando sua palavra. A santidade de Deus não é, necessariamente, a condenação e o terror do homem. Pode ser segurança, também.

Sobre a santidade de Deus três afirmações podem ser feitas: 1^a) ele é santo; 2^a) ele quer ser santificado; 3^a) ele comparte sua santidade. Vejamos o que isto significa.

Ele é santo. Isto é tão óbvio em toda a Bíblia que se torna desnecessário o dispêndio de tempo para argumentação do tema. Limitemo-nos, aqui, pois não apenas as muitas declarações bíblicas bem como as teofanias (este é o nome que se dá as aparições de Deus no Antigo Testamento, de forma assombrosa, como a sarça ardente, por exemplo) necessárias para sua revelação já nos mostram isso. Mas fiquemos com o texto de Isaías 6.3, que tem sido mostrado como a declaração tríplice da Escritura sobre a santidade de Deus. Mas não é bem esta a idéia do texto, mostrar o Deus três vezes santo. Como bem disseram Schökel e Diaz, os serafins "entoam um cântico alternado ou um clamor dialogado" ⁴⁹. Um par deles grita "santo", o outro responde "santo" e outro os segue dizendo "santo" e assim continuam sucessivamente. Trata-se do Deus infinitamente santo e não apenas três vezes santo. Isaías compreendeu isto muito bem e é por isso que o seu termo predileto para designar a Deus é "o Santo de Israel." Como disse Motyer: "Na literatura isaiânica, o adjetivo 'santo' (*qadôsh*) é usado para se referir a Deus com mais freqüência do que em todo o resto do Antigo Testamento" ⁵⁰.

Para Strong, a santidade de Deus é o seu maior atributo, porque os demais decorrerão dele. Boa dose de razão tem ele. Porque é santo, Deus é puro, é verdadeiro, é reto, é justo, é amor. Por isso que uma das definições de Deus que vimos, a de Strong e de

⁴⁹ SCHÖKEL, Luís, e DIAZ José. Profetas I - Isaías e Jeremias. S. Paulo: Edições Paulinas, 1988, p. 143.

⁵⁰ MOTYER, Alec. The Prophecy of Isaiah. Downers Grove: InterVarsity Press, 1993, p. 17.



Langston, diz que "Deus é Espírito Pessoal, perfeitamente bom, que em santo amor cria, sustenta e governa tudo". Seus atos são sempre santos. Isso nos basta, por enquanto. E lembrando que sua santidade não é destrutiva para nós, mas segurança: ele sempre agirá bondosamente e nunca como alguém descontrolado.

Ele quer ser santificado. Isto é tão real que, na oração modelo, a do chamada de pai-nosso, Jesus nos ensinou a dizer "santificado seja o teu nome". Se Deus é absolutamente santo, o que significa isso? Significa que "Deus quer ser reconhecido como santo, ser tratado como o único verdadeiro Deus, e manifestar assim por meio dos homens a sua própria santidade" ⁵¹. Ou seja, quando pede para ser santificado, Deus quer ser reconhecido como realmente é. Talvez aqui a palavra do teólogo Strong tenha razão: este é seu maior atributo e ele quer ser conhecido como é na sua inteireza. Não é um qualquer, mas o *numinoso*, o *Totalmente Outro*. Nunca deve ser tratado de maneira leviana nem os compromissos com ele assumidos pelo seu povo podem ser descartados. A punição de Israel foi por nivelar lahweh às pseudo-divindades orientais e, em alguns momentos, até rebaixá-lo, em relação a elas. Ele é singular e requer ser tratado como tal.

Ele comparte a sua santidade. Em Isaías 6 vemos que a santidade que aterroriza o profeta, a ponto de exclamar ele que está perdido, é compartilhada com os homens. Deus toca nos lábios de Isaías o torna santo. Ele chama o povo de Israel à santificação, no Antigo Testamento (Lv 11.44-45), e chama a Igreja de Jesus à mesma atitude, no Novo Testamento (1Pe 1.16). A Igreja é chamada de "nação santa" (1Pe 2.9), título que outrora fora de Israel. A natureza de Deus é compartilhada com seu povo e ele deseja que seu povo, como ele, seja reconhecido como santo. E que seu povo viva como um povo santo.

14. *A justiça de Deus* - Justiça ou retidão é outro atributo moral de Deus. A idéia é de algo colocado diante do fio de prumo e então se verifica que está absolutamente reto, sem desvio algum. O último canto de Moisés tem esta declaração sobre a retidão de Deus: "Ele é a Rocha; suas obras são perfeitas, porque todos os seus caminhos são justos; Deus é fiel e sem iniquidade, justo e reto é ele" (Dt 32.4). Normalmente nosso conceito de justiça é sempre legal, ou seja, de tribunal. Mas em termos teológicos a palavra significa "retidão, fazer (ser) certo".

⁵¹ LEON-DUFOUR, Xavier. Vocabulário de Teologia Bíblica. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2z. ed., 1977, p. 948.



A justiça de Deus é mais do que o ato de trazer castigo aos maus e a aprovação aos bons. É a certeza de que ele sempre fará o que é certo. Isto é necessário de se afirmar porque, para muitos, justiça e amor são incompatíveis. Um Deus justo, que aja como juiz, pensam alguns, não pode ser amor. O equívoco decorre, primeiro, de se pensar em justiça em termos de tribunal. E depois, de presumir que amor significa indulgência. Amor e frouxidão não são a mesma coisa. Um justo tem que ser feroz, pensam alguns. E o amor, pensam ainda, tem que ser bonachão, inseqüente, passando sempre a mão sobre a cabeça das pessoas erradas. Esta é uma concepção muito equivocada dos dois termos. Para os escritores bíblicos, justiça e bondade não significaram conceitos opostos. Lemos no Salmo 145.17: "Justo é o Senhor em todos os seus caminhos, e benigno em todas as suas obras". Justiça e benignidade estão caminhando juntas. Os dois termos hebraicos são *tsedaqah* (justiça) e *hesed* (amor imutável eterno, o amor do pacto). A retidão de *lahweh* está caminhando lado a lado com a sua mais profunda forma de amar. São conceitos paralelos e não colidentes, isto não é, um não colide com o outro.

É necessário ter isto em mente porque, no pensamento de Paulo, exatamente por ser justo é que Deus justificará os homens: "para que ele seja justo e também justificador daquele que tem fé em Jesus" (Rm 3.26). Paulo não apresenta o amor como a fonte da justificação daquele que crê, mas a justiça de Deus. Porque ele é justo, ele justifica. Ele quer tornar os homens, em caráter, iguais a ele.

Por ser justo, Deus deseja que haja justiça nos relacionamentos humanos. O Israel do Antigo testamento pensou que Deus desejasse receber culto mais do que tudo (à semelhança de tantos hoje que enfatizam tão somente o louvor e esquecem a ética). Mas os profetas trouxeram a declaração de Deus, muitas vezes repetida, de que o verdadeiro culto era a prática da justiça. A este respeito, leiamos os textos de Isaías 1.11-17, Amós 5.21-24 e Miquéias 6.8. e guardemos isto: o culto que o Deus Santo mais deseja não é o cântico, mas retidão na nossa vida. Culto não são apenas palavras. Culto é vida. Pode-se louvar a Deus com cânticos, mas ter uma vida que o desonre e, conseqüentemente, não o esteja adorando. A vida vale mais que palavras. É uma pena que em muitos de nossos cultos haja mais ênfase em louvor do que em santidade. Sem santidade o louvor é falso, apenas de lábios. Chega a ser uma ofensa a Deus porque dá a idéia de que ele não conhece o que se passa no íntimo da pessoa.



15. *O amor de Deus* - Este atributo é tão forte que, na maior parte das vezes, é o que mais vem à mente das pessoas quando se fala de Deus. "Deus é amor" é uma das primeiras declarações que nossas crianças aprendem em nossas igrejas.

Deus é amor e não apenas *tem* amor pelos homens. Isto é fundamental. E seu amor não é de palavras, mas de atos. Ele manifestou seu amor: "Deus prova o seu amor para conosco em que Cristo morreu por nós sendo nós ainda pecadores" (Rm 5.8). Seu amor é dadivoso, ou seja, se manifesta em dádiva e não em dádivas de segunda categoria, como bênçãos materiais, mas a dádiva de seu Filho (Jo 3.16). É um amor que é dado aos homens sem que estes mereçam, como lemos em Deuteronômio 7.7: "O Senhor não tomou prazer em vós nem vos escolheu porque fôsseis mais numerosos do que todos os outros povos, pois éreis menos em número do que qualquer outro povo". Ele nos amou e nos ama porque quer. Não é que sejamos merecedores. Não é o nosso mérito. É a vontade dele.

Exatamente porque é amor, Deus deseja que seus filhos sejam amorosos e que vivam em amor uns com os outros, além de amá-lo também. Nossas igrejas privilegiam muito a fé (e a pregação que exalta os sinais e os prodígios exalta muito a fé), mas o apóstolo Paulo é bem claro: "Agora, pois, permanecem a fé, a esperança, o amor, estes três; mas o maior destes é amor" (1Co 13.1). O amor é maior que a fé e é maior que a esperança. O relacionamento ideal da Igreja de Jesus é o relacionamento de amor: "e andai em amor, como Cristo também vos amou, e se entregou a si mesmo por nós, como oferta e sacrifício a Deus, em cheiro suave" (Ef 5.2). Amar a Deus é a maior necessidade da Igreja. A queixa de Jesus à igreja de Éfeso foi esta: "porém uma coisa tenho contra vocês: é que agora não me amam mais como no princípio" (Ap 2.7, Linguagem de Hoje). A igreja tinha firmeza doutrinária, era muito ativa, mas Jesus a advertiu: "Lembrem-se do quanto vocês caíram" (Ap 2. 5). Amar menos era a mesma coisa que cair. E o que ele mais espera da igreja é que ela o ame.

Este amor norteia as ações de Deus e se manifesta em quatro aspectos, que alguns teólogos, por vezes, apresentam como se fossem atributos: bondade, graça, misericórdia e benignidade. O amor de Deus nunca faz o mal, mas é sempre bondoso e sempre se manifesta em bondade para com seu povo. O amor de Deus também se evidencia na sua graça que ele derrama sobre todos os homens. Não é por merecermos que ele nos dá as coisas, mas é por ato de sua graça. Na realidade, não merecemos nada. Sua graça pode ser específica, em alguns pontos, para os que são seus (como a graça da salvação, por



exemplo), mas é geral em outros pontos: ele "faz nascer o seu sol sobre maus e bons, e faz chover sobre justos e injustos" (Mt 5.45). Seu amor se evidencia também em misericórdia, que é uma extensão da bondade. É a sua disposição de perdoar. Ele perdoa os pecados de quem se arrepende e se compadece dos que sofrem, como várias vezes os evangelhos falam do sentimento de Jesus ao ver as multidões desorientadas. Seu amor se manifesta em benignidade, que pode ser entendida como "constância". Sua benignidade, seu *hesed*, "dura para sempre" (Sl 136). É o amor e é a misericórdia presentes todos os dias. Ele não é um Deus instável nem um Deus mal-humorado, mas é sempre fiel, sempre benigno: "Se somos infiéis, ele permanece fiel; porque não pode negar-se a si mesmo" (2Tm 2.13). Sua fidelidade tem a ver com seu caráter, de amoroso, de imutável, de justo e de santo. E não com nossa maneira de agir. Felizmente para nós...



A questão da trindade não é apenas complicada, como também demanda grande reverência em seu estudo. Simplificá-la é não atentar para sua grandeza e profundidade e negá-la somente porque é complexa é uma atitude de pouca sensatez. A crítica mais comumente feita à doutrina da trindade, e elaborada pelos testemunhas de Jeová, é que a palavra não se encontra na Bíblia. É verdade. No entanto, a expressão "salão do reino" também não se encontra na Bíblia e os jeovistas a usam, assim mesmo. Uma coisa é uma determinada palavra não estar na Bíblia. Outra coisa é um conceito estar presente na Bíblia e não haver uma palavra bíblica para mostrá-lo.

Na realidade, até mesmo os cristãos sabem pouco sobre a trindade e pouco se interessam sobre ela. Foi por isso que o teólogo católico Karl Rahner declarou: "Se a doutrina da trindade for considerada falsa, a maior parte da literatura religiosa permanecerá inalterada"⁵². Ou seja, não faria muita diferença para os cristãos, que não a entendem nem se preocupam em entendê-la. Esta ignorância teológica tem trazido muitos absurdos que podem ser notados até mesmo em orações: as pessoas chamam a Jesus de Pai, em oração, e pedem a ele em nome dele mesmo. Chamam a Jesus de Pai e oram em nome da trindade. Outros agradecem ao Pai que morreu na cruz pelos nossos pecados, quando foi o Filho quem morreu. Há até que agradeça ao Espírito santo por ter morrido na cruz! Isto não atrapalha as orações, é óbvio, porque Deus entende o que a pessoa diz, mas traz muita confusão em nossas igrejas. Vamos caminhar um pouco pelo assunto, sem a pretensão de esgotá-lo, mas procurando lançar as luzes necessárias para entendermos tão profunda doutrina. Devemos nos esforçar para compreender o assunto, mesmo que não plenamente. Mas temos que considerar algo:

A doutrina da Trindade é crucial para o cristianismo. Ela se ocupa em definir quem é Deus, como ele é, como trabalha e a forma pela qual se tem acesso a ele. Além disso, a questão da Divindade de Jesus Cristo, que historicamente tem sido ponto de grande tensão, está muito ligada com o conceito de Trindade. A posição que adotamos em relação à Trindade exerce profunda influência em nossa cristologia.⁵³

⁵² SOUSA, Ricardo. "A Trindade, o Pessoal e o Social na Espiritualidade Cristã", in Vox Scripturae, vol. V, no. 1, mar/95, p. 17.

⁵³ ERICKSON, op. cit., p. 128.



Nestas palavras descobrimos que para nutrirmos um conceito correto sobre a pessoa de Jesus Cristo precisamos ter uma boa compreensão da trindade. Na realidade, um conceito adequado da trindade também nos permitirá ter uma pneumatologia (nome pomposo para a doutrina do Espírito Santo) correta. Muitos equívocos sobre a pessoa do Espírito Santo sucedem porque ele tem deixado de ser visto como Deus. Torna-se uma espécie de fio desencapado, dando choque nas pessoas. Ou uma gasolina espiritual para o tanque da fé. No entendimento de alguns, é um sub-Deus. Sem uma conceituação correta da trindade cairemos no unitarianismo, doutrina que ensina que Deus é uma pessoa, apenas. E se assim suceder, teremos que nos descartar da pessoa de Jesus Cristo e não poderemos ter uma cristologia, mas apenas, como faz a teologia da libertação, uma "jesuologia", ou seja, um ensino sobre uma pessoa humana chamada Jesus, mas que não é Deus, apenas uma pessoa que se tornou um modelo de vida. E também nossa fé perderá todo seu sentido. Nós não cremos numa pessoa humana que foi um modelo de vida. O que cremos sobre Jesus fica bem claro em 1Coríntios 15.3-4. Todo o capítulo 15 de 1Coríntios, ao tratar da morte e da ressurreição dos homens aponta para Jesus Ressuscitado como garantia de nossa fé. 1Coríntios 15.13-19 mostram que se nossa fé é no Jesus desta vida, apenas, no homem Jesus, nossa fé é inútil. Deve ser no Cristo que venceu a morte, que é mais que um modelo. É o Senhor da vida e da morte.

1. *Uma definição* - Quando falamos de trindade queremos dizer que *Deus existe como três pessoas em uma essência* ou, ainda, que Deus existe como três pessoas de uma mesma natureza em um relacionamento profundo e dinâmico. Não se torna absurdo pensar na trindade quando lembramos que o Deus revelado na Bíblia é um Deus relacional, ou seja, que se relaciona com a sua criação. Um Deus unitário seria um Deus solitário ou necessitado de sua criação. Isto se observa numa frase do rabino Kushner, em uma obra sua sobre o livro de Eclesiastes: "Deus é Uno, e porque é Uno é totalmente solitário, a não ser que existem pessoas que O amem"⁵⁴. O rabino, ao fazer esta declaração, acertou um tiro no seu próprio pé: seu conceito da Divindade torna-a necessitada da sua criação para se relacionar. Um Deus carente, portanto. Se não houvesse pessoas, ele seria solitário. Ele precisa que as pessoas o amem para não ser um Deus sózinho. Mas um Deus trinitário, como é o Deus revelado na Bíblia e como

⁵⁴ KUSHNER, Harold. Quando Tudo Não é o Bastante. S. Paulo: Nobel, 1a. reimpressão, 1990, p. 32.



nós, cristãos, aceitamos, é suficiente em si. Lembramos das palavras de Jesus: "Agora, pois, glorifica-me tu, ó Pai, junto de ti mesmo, com aquela glória que eu tinha contigo antes que o mundo existisse" (Jo 17.5). Antes da criação, a trindade mantinha comunhão consigo mesmo. Ela é suficiente do ponto de vista de relacionalidade (de manter relações). E este ponto é central para nós: Deus é completamente auto-suficiente e auto-inclusivo (ele se inclui a si mesmo em suas relações e não necessita de outro). Sem a criação, ele se basta, ainda assim. Ele não precisa de nós para existir, mas nós precisamos dele para viver. A trindade é uma resposta complementar ao conceito da auto-suficiência de Deus. Ele é suficiente. Ele se basta a si mesmo. Deus não criou o mundo por causa de sua possível solidão. Antes mesmo da criação, a trindade se relacionava em amor e comunhão. A criação é por causa do amor de Deus. É um amor tão grande que pode se escoar para fora da trindade e se direcionar aos homens e à criação como um todo.

2. *Conceitos errados sobre a trindade* - Há conceitos equívocos sobre a trindade, como veremos, e que devem ser corrigidos logo no início de nossa consideração. Um deles é o que se chama *subordinacionismo*. A idéia vem de Tertuliano . Para ele, Cristo procede da essência de Deus, como os raios procedem do sol, as plantas de suas raízes e os rios de suas fontes. Em sua obra *Advversus Praxean*, ele declarou: "O Pai não é o Filho; ele é maior que o Filho; pois aquele que gera é diferente daquele que nasce; o que envia é diferente do que é enviado" ⁵⁵. Ele empregou a palavra "subordinado" para designar a relação entre o Pai e o Filho, donde vem o termo *subordinacionismo*. Mas devemos a ele o mérito de usar as palavras "pessoa" e "substância" no conceito da trindade: três pessoas da mesma substância. Orígenes, no terceiro século, ampliou este conceito. Embora não formulada nestes termos, muito desta idéia subordinacionista se vê ainda hoje.

Tivemos a posição de Ário, por isso chamada de *arianismo*: O Filho não é da mesma natureza do Pai (*homoousia*). É de natureza similar (*homoiousia*) à do Pai. Ou seja, é parecido, mas não igual. Neste sentido, o Filho teria sido criado (*genetos*) e nasceu (*gennetos*). Com isso, o Filho seria inferior ao Pai. Haveria, de qualquer maneira, uma graduação hierárquica na trindade.

⁵⁵ HÄGGLUND, op. cit., p. 45.



Um outro equívoco é o que se chama de *modalismo*. Esta idéia ensina que a trindade são três modos de Deus se revelar ou de agir. Ora ele agiu como Pai, ora agiu encarnado e ora agiu como o Espírito. É a posição de Sabélio: as pessoas da trindade não seriam, propriamente pessoas, mas seriam manifestações da Divindade. Por isso a posição se chama também *sabelianismo*. Mas o Pai e o Espírito são espírito e houve momentos em que as três pessoas estavam agindo, como no batismo de Jesus: o Filho foi batizado, o Espírito veio em forma corpórea e o Pai falou. E a trindade não são *modos* de Deus agir, mas são pessoas da Divindade.

Um outro é o *hierarquismo*, espécie de *modalismo*, em que as pessoas da trindade são mostradas em escala hierárquica. O Pai idealiza, o Filho cumpre e o Espírito aplica ou executa. Um exemplo desta distorção se vê no título de um livro de um pastor batista que apresenta o Espírito Santo como se fosse o executivo de Deus. O Espírito Santo não é um cumpridor de ordens nem o executivo de alguém. Ele é Deus.

A doutrina da trindade é exatamente esta: Deus existe como Pai, Deus existe como Filho e Deus existe como Espírito Santo. As três pessoas são uma só e não há gradação entre elas. Uma não é superior a outra nem manda na outra. Elas não estão em conflito. O que o Pai quer, isso o Filho quer e o Espírito quer também. Elas têm distinção de funções, mas esta distinção é baseada na diferença de papéis ou de relacionamentos que elas desempenham dentro da trindade e não de valor ou de importância. Creio que a palavra que mais nos ajudaria a entender este ponto de diversidade das pessoas seria a palavra "relacionamento" ou então o desempenho de funções. Mesmo assim, caminharia por aí com muita cautela para evitar derivações que possam surgir do uso dessas palavras. Para que não fiquem quaisquer dúvidas sobre este ponto, confirmemo-lo com as seguintes palavras de Gutzke:

A Trindade é Deus o Pai, Deus o Filho, e Deus o Espírito Santo. Deus o Pai é Aquele que sabe, cuida e quer. Deus o Filho é aquele que sabe, cuida e quer. Deus o Espírito Santo é aquele que sabe, cuida e quer. Cada um deles é uma pessoa distinta das outras duas e, não obstante, os Três são Um.⁵⁶

Esta declaração de Gutzke tem uma advertência para não se cair no triteísmo (a crença em três deuses em um) nem na hierarquização das pessoas da trindade, o que,

⁵⁶ GUTZKE, Manfred. Manual de Doutrinas: Temas Centrais da Fé Cristã. S. Paulo: Edições Vida, 2ª reimpressão, 1995, p. 16.



mesmo explicações conservadores, infelizmente, fazem com certa freqüência. Para corroborar esta idéia, fiquemos com a seguinte citação de Uretta:

Ao nos referirmos a Deus como pessoa, não afirmamos que nele haja 'três indivíduos', um junto do outro e separado do outro, mas somente distinções pessoais de um mesmo dentro da essência divina, que é genérica e numericamente uma só⁵⁷

Na trindade, temos, portanto, uma só essência (o Ser de Deus, imutável) . Nesta essência há três subsistências individuais, mas que não são essências diferentes. São pessoas. Entendo o que se quer dizer com pessoa e sei que o uso é correto e bem conhecido, mas prefiro usar *subsistências*. Para nós, o conceito de pessoa está ligado a algo físico e concreto, o que dificulta nosso entendimento. Se lembramos que o termo se liga a relacionamento, talvez a questão seja mais simples. Três subsistências numa essência quer dizer que as pessoas da trindade se relacionam entre si intimamente, de tal maneira que são uma só pessoa. Mesmo sendo três, elas não apresentam conflito entre si. Um exemplo bem claro disto está em Mateus 28.19: "Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo". A ordem para efetuar o batismo é em nome das três pessoas. É evidente que não se pode dizer que há aí uma formulação teológica da trindade, mas há o ensino de que o batismo é em nome de três pessoas. E aí entramos na questão da pluralidade de pessoas.

3. *A pluralidade de pessoas* - Sendo de fundo teológico judeu, os primeiros cristãos eram marcadamente monoteístas e unitários. Rejeitavam o politeísmo pagão, o emanacionismo gnóstico e o dualismo de Marcião. Expliquemos o que é emanacionismo gnóstico. Depois explicaremos o que é o dualismo de Marcião. Os gnósticos diziam que a matéria era má e que era apenas uma emanção de Deus (isso equivale a dizer que era uma onda de energia, mais ou menos). Se Jesus era matéria, não era divino porque a matéria é má. Então, Jesus era uma emanção, uma onda, uma energia vinda de Deus, e não Deus mesmo. Marcião foi um herege que achava que havia dois deuses, um do Antigo Testamento, sanguinário, e um do Novo Testamento, bondoso. O do Novo Testamento venceu o do Antigo Testamento. Mas, voltando, aos cristãos primitivos: eles tinham, agora, um dado novo: sabiam que Deus havia se feito presente entre os homens

⁵⁷ URETTA, op. cit., p. 62



na pessoa de Jesus Cristo: "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e sem ele nada do que foi feito se fez (...) E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade; e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai" (Jo 1.1-3, 14). O que eles diziam era o seguinte: o homem que estivera com eles, Jesus de Nazaré, era existente antes de tudo. Aquele homem era Deus. Isto era fantástico. Não podiam negar isso! Como formular sua teologia, a partir deste evento? Como equacionar este dado da experiência e da revelação com seu conceito tão fechado da unicidade de Deus? Se Deus era uno e aquele homem com quem eles viveram era Deus, como explicar isto? Tudo que haviam aprendido devia ser revisto! Por isso nem eles mesmo conseguiram explicar a trindade. Era algo novo e eles não tiveram tempo. Mas viram que Jesus era homem e era Deus!

A disputa sobre as pessoas da trindade se estendeu durante três séculos no seio da igreja, com diferentes correntes e tendências. O estudante da EBD interessado em informações mais profundas que aqui não podemos abordar, deve procurar em outras fontes, principalmente nas obras de Hägglund e Kelly, já citadas nesta apostila. Pode achá-las em uma boa livraria evangélica. Para nossa consideração vamos ao Concílio de Nicéia, em 325, quando a questão foi definida. Uma versão, encontrada em Bettenson⁵⁸ traz o seguinte texto:

Creemos em um só Deus, Pai onipotente, criador de todas as coisas visíveis e invisíveis; e em um só Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, gerado pelo Pai, unigênito, isto é, da substância do Pai, Deus de Deus, Luz de Luz, Deus verdadeiro, gerado não feito, de uma só substância com o Pai, pelo qual foram feitas todas as coisas, as que estão no céu e as que estão na terra; o qual, por nós homens e por nossa salvação, desceu e se encarnou e se fez homem e sofreu e ressuscitou ao terceiro dia, subiu ao céu, e novamente deve vir para julgar os vivos e os mortos; e no Espírito Santo.

A declaração do credo de Nicéia ressalta a unicidade de Deus, a existência eterna de Jesus, que é Criador de todas as coisas e afirma, mesmo sem detalhes, o Espírito Santo. A Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira foi muito feliz ao encerrar o tópico II. DEUS, com as seguintes palavras: "Em sua trindade, o eterno Deus se revela como Pai, Filho e Espírito Santo, pessoas distintas mas sem divisão em sua essência". O termo

⁵⁸ BETTENSON, H. Documentos da Igreja Cristã. S. Paulo: ASTE, 1967, p. 55



triunidade também é muito correto e devemos aprender o significado dele: são três pessoas unidas. Elas nunca podem ser separadas uma das outras. Desta maneira, não se pode receber a Jesus hoje e ao Espírito Santo amanhã. Quando Cristo entra em nossa vida, toda a trindade entra. Quem tem Jesus na sua vida tem o Espírito Santo na sua vida.

Com uma visão, mesmo que bastante difusa e também incompleta da trindade, vamos entrar na análise de cada uma das pessoas, agora. Sem dúvida que na particularidade de cada uma delas a doutrina da trindade vai se revelar de forma mais clara ao nosso entendimento. Com a observação de cada unidade, nossa visão da trindade continuará. Aprenderemos um pouco mais sobre ela, porque não esgotamos o assunto com esta unidade. Veremos mais um pouco na medida em que falarmos sobre o Pai, sobre o Filho e sobre o Espírito Santo.



Quando falamos, no início desta apostila, sobre a possibilidade de se ter uma teologia, começamos falando de Deus. Voltamos a falar de Deus, mais uma vez, ao falarmos de revelação, inspiração e iluminação. Continuamos a falar de Deus quando entramos no capítulo sobre a trindade. Agora vamos falar de Deus Pai. Parece que estamos rodando em círculos, mas é fácil de se explicar: é impossível abordar qualquer aspecto da teologia sem falar de Deus, posto que a teologia é, acima de tudo, um discurso sobre Deus. Mas agora nossa abordagem é sobre o Pai. Geralmente, quando falamos de Deus estamos nos referindo a esta pessoa da trindade. Por isso que muitos temos dificuldades ao falarmos sobre a trindade ou para discutirmos as divindades de Cristo e do Espírito Santo. Nossa ênfase neste momento é sobre a primeira pessoa da trindade, esta que nós chamamos de Pai, assim como Jesus no-la revelou. Por incrível que pareça, é difícil encontrar material sobre este assunto, porque até mesmo os teólogos discutem pouco o conceito de Pai, a primeira pessoa da trindade, porque se satisfazem quando falam de "Deus", pensando que assim se abordou a primeira pessoa. Isto é um equívoco. Deus é um termo que deve abranger toda a trindade e não apenas a primeira pessoa. É intrigante que até mesmo homens eruditos como Erickson, Uretta e Mullins façam assim: tomem Deus como se ele fosse a primeira pessoa da trindade. Não têm, em seus escritos, um capítulo sobre o Pai porque pensam que ao falarem da Divindade falaram dele. Isto, repito, é um equívoco, e é também um perigo teológico, pois a Divindade é triúna e Deus não é apenas o Pai, mas também o Filho e o Espírito. Deus não é, portanto, a figura do Pai, mas o termo pode se aplicar às três pessoas da trindade.

Aliás, nosso ponto de partida para conhecer o Pai deve ser a revelação de Jesus. Ele ensinou os fiéis a chamarem a Deus de "Pai". Quando os discípulos lhe pediram que lhes ensinasse a orar, a primeira palavra dita por ele foi "Pai". Ele chamava a Deus de "Pai". Ele nos ensinou a chamarmos a Deus de Pai. É por causa dele que Deus é nosso Pai. Lemos em Mateus 11.27: "Todas as coisas me foram entregues por meu Pai; e ninguém conhece plenamente o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece plenamente o Pai, senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar". Ele nos trouxe a idéia de Deus como Pai e ele nos descortina o Pai.

A primeira pessoa da trindade não é o Grande Arquiteto do Universo, nem o Grande Espírito, nem a Força, nem o Pai das Luzes, como os espíritas o chamam (embora o termo seja bíblico, como Tiago usa). Ele é nosso Pai. Em excelente obra sobre como conhecer a



Deus, Packer faz a seguinte observação: "O que é um cristão? A pergunta pode ser respondida de muitas maneiras, mas a melhor resposta que conheço é que um cristão é alguém que tem Deus como Pai"⁵⁹. Na mesma linha de Packer, está a excelente obra do teólogo luterano alemão Joachim Jeremias, *A Mensagem Central do Novo Testamento*⁶⁰. Para ele, a mensagem que é o eixo hermenêutico do Novo Testamento é a doutrina da paternidade de Deus. Sobre esta obra, fiquemos com a citação de Hammet:

Um sábio alemão, Joachim Jeremias, estudou a cultura e literatura judaica da época de Jesus por quase toda a sua vida e concluiu que é impossível achar a palavra 'pai' usada para Deus nas orações dos judeus nesta época - até Jesus. A ênfase dada à Paternidade de Deus é uma das maiores diferenças entre o Velho Testamento e o Novo Testamento⁶¹.

Este é o grande privilégio do cristão, daquele que pôs sua fé em Jesus Cristo: Deus é seu Pai. Como nos diz João 1. 12: "Mas, a todos quantos o receberam, aos que crêem no seu nome, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus". Só aquele que nasceu de novo pode usar esta expressão em toda a sua plenitude e com plenos direitos. É fato que Deus é Pai de todos os homens porque gerou a todos, mas no sentido de adoção, o termo é restrito aos que crêem. Ao comentar o texto de João 1.12, Chouraqui, saindo de seu notável conhecimento no Antigo Testamento, e entrando no Novo Testamento com a mesma erudição, fez o seguinte comentário: "**O poder. Édoken exousían**: Exprime não apenas o poder, mas o direito, o privilégio, a liberdade, assim como a dignidade de realizar aquilo que todo homem é, isto é, filho de Iahv/Adonai Elohim"⁶². Todo homem é, potencialmente, filho de Deus. Ou, pelo menos, o é em termos de filho por criação. Mas é na aceitação de Cristo que esta potencialidade se concretiza e o homem reencontra a dignidade da filiação ao Pai celestial. É por causa de Jesus que aprendemos que Deus é nosso Pai.

1. *A paternidade de Deus no Antigo Testamento* - No Antigo Testamento, este conceito da paternidade de Deus é um pouco restrito. Deus é Pai de Israel: "Então dirás a Faraó: Assim diz o Senhor: Israel é meu filho, meu primogênito; e eu te tenho dito: Deixa ir: meu

⁵⁹ PACKER, J. L. *O Conhecimento de Deus*. S. Paulo: Editora Mundo Cristão, 1980, p. 183.

⁶⁰ JEREMIAS, Joachim. *A Mensagem Central do Novo Testamento*. S. Paulo: Edições Paulinas, 3ª ed., 1990

⁶¹ HAMMETT, op. cit., 45. Fiz duas correções de erros de Português na citação de Hammet, mas mantive a fidelidade ao seu pensamento.

⁶² CHOURAQUI, André. *A Bíblia - Iohanân (O Evangelho Segundo João)*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997, p. 49



filho, para que me sirva. mas tu recusaste deixá-lo ir; eis que eu matarei o teu filho, o teu primogênito" (Êx 4.22-23). Lemos também em Oséias 11.1: "Quando Israel era menino, eu o amei, e do Egito chamei a meu filho". A nação, como um todo, era filha de Deus. Primeiramente porque devia sua existência a ele e, em grau menor, porque fora adotada por ele. Mas isso é declarado de forma objetiva apenas nestas duas vezes e em Jeremias 3.19 e 31.9. Há mais dez outras citações, mas que não são tão claras assim como estas e a paternidade é mais inferente do que declarada. Assim mesmo, a idéia aparece muito mais por que a nação devia a ele sua origem, do que por ter sido adotada por ele.

Deus não é chamado de "Pai" dos fiéis israelitas, como indivíduos, embora haja esta insinuação: "Como um pai se compadece de seus filhos, assim o Senhor se compadece daqueles que o temem" (Sl 103.13). É, no entanto, uma declaração que mostra mais seu sentimento em relação ao fiel necessitado do que seu padrão contínuo de relacionamento com os homens. Esta postura do Antigo Testamento pode ser entendida à luz do fato de que a sua ênfase é na santidade de Deus, comentam alguns teólogos. Pode ser esta uma das razões, mas não creio que seja a mais forte. A mais forte, me parece, reside no fato de que no Antigo Testamento temos uma ênfase comunitária, onde o trato de Deus é com a comunidade, com o povo, com raça. A ênfase no trato individual é profetizada por Ezequiel, ao falar da nova aliança, e concretizada em Cristo. Aparece de forma mais clara no Novo Testamento. A diferença de trato nos dois pactos, o do Antigo e o do Novo Testamentos, deve ser observada neste contexto.

2. *A paternidade de Deus no Novo Testamento* - É aqui que está a base da doutrina. É a idéia central do Novo Testamento. Logo no sermão do monte, por dezessete vezes, Jesus chama a Deus de "Pai". E por 250 vezes no Novo Testamento, em todos os seus livros, com a única exceção de 3João, o termo está presente. Esta é grandeza do cristianismo sobre todas as demais religiões: ele é a única religião que apresenta o Criador, o maior poder do universo, como Pai. E isso é possível graças a Jesus, que assim o chama por cinquenta vezes nos evangelhos. Uma expressão de Conner nos trará mais luzes nesta observação:

Jesus chamou a Deus de Pai. Este foi seu termo predileto. O Senhor creu na soberania de Deus, porém é significativo que encontrou seu termo favorito para



Deus dentro da idéia de família. Ninguém, até o tempo de Jesus dera um conceito tão claro e definido de Deus como Pai como Jesus o fez. Na literatura grega, Zeus é mencionado, de maneira geral, como pai dos deuses e dos homens. Outras religiões haviam usado o termo, também. Mas Jesus fez três coisas que ninguém mais havia feito: tornou a paternidade a idéia dominante na relação entre Deus e os homens; pôs seu ensino ético na idéia da paternidade aplicada a Deus; e tornou este conceito como algo bem vivo na relação entre o adorador e Deus⁶³

Isso suscitará uma questão: em que sentido Jesus é Filho e o Pai é Pai? Afinal de contas, os dois têm a mesma idade! Melhor dizendo, os dois têm a mesma não-idade, posto que ambos nunca nasceram. Os dois são eternos: "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus" (Jo 1.1). Nem mesmo se pode alegar que Verbo se tornou o Filho quando aceitou um corpo físico e nasceu. Ela já existia antes de assumir forma humana. A Igreja sempre entendeu Jesus como o Filho eterno de Deus. Vamos precisar retornar um pouco à idéia da trindade para tentar lançar um pouco mais de luz sobre a questão. E, mais uma vez, ficamos com as palavras de Hammett:

Eu creio que Jesus sempre tem sido o filho de Deus e que a filiação de Jesus e a paternidade de Deus retratam um relacionamento eterno dentro da Trindade, uma distinção entre a primeira pessoa e a segunda pessoa. Então, a diferença entre as pessoas da Trindade não são as funções diferentes de cada pessoa, mas o relacionamento de cada pessoa à outras duas pessoas. O Pai sempre tem sido o pai, porque esta é a sua natureza. Dentro da Trindade, ele é o Pai. Jesus é o filho, porque esta é a sua natureza. Ele sempre tem tido este relacionamento com o Pai. O papel do Espírito não é tão óbvio. Alguns teólogos enfatizara, a santidade do Espírito e chamaram o espírito o poder santificante na Trindade, mas eu prefiro a idéia de que o Espírito é o vínculo de amor entre o Pai e o Filho⁶⁴.

A idéia de Hammett é que a distinção é relacional, não funcional nem hierárquica. Ou seja, a distinção é de relação, nunca de mando ou de domínio. Seguindo, então, por esta linha, façamo-nos uma pergunta: quais as relações entre o Pai e o Filho? Afinal, os próprios termos indicam uma noção de mando e subordinação, de cuidado e dependência, de um ser o primeiro e o outro ser o segundo. Mas devemos evitar o hierarquismo e o subordinacionismo, como já comentamos ao falarmos sobre a trindade. Cautela e reverência nos ajudarão muito no bom entendimento teológico. O texto de João 5.16-23 pode nos

⁶³ CONNER, Walter. Las Enseñanzas del Señor Jesús. El Paso: Casa Bautista de Publicaciones, sem data, p. 105.

⁶⁴ HAMMETT, op. cit., p. 46.



orientar nesta questão: "Por isso os judeus perseguiram a Jesus, porque fazia estas coisas no sábado. Mas Jesus lhes respondeu: Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também. Por isso, pois, os judeus ainda mais procuravam matá-lo, porque não só violava o sábado, mas também dizia que Deus era seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus. Disse-lhes, pois, Jesus: Em verdade, em verdade vos digo que o Filho de si mesmo nada pode fazer, senão o que vir o Pai fazer; porque tudo quanto ele faz, o Filho o faz igualmente. Porque o Pai ama ao Filho, e mostra-lhe tudo o que ele mesmo faz; e maiores obras do que estas lhe mostrará, para que vos maravilheis. Pois, assim como o Pai levanta os mortos e lhes dá vida, assim também o Filho dá vida a quem ele quer. Porque o Pai a ninguém julga, mas deu ao Filho todo o julgamento, para que todos honrem o Filho, assim como honram o Pai. Quem não honra o Filho, não honra o Pai que o enviou"

Neste texto, alguns dos elementos deste relacionamento são mostrados. Vejamo-los.

O primeiro é a igualdade, como o v. 18 nos mostra. Jesus se fazia igual a Deus, de quem dizia ser seu Pai. Com isso, descobrimos que ambos partilham da mesma natureza. Então, um não é superior ao outro. Quando duas pessoas são iguais, nenhuma é superior ou inferior.

O segundo é a autoridade do Pai, como v. 19 nos mostra. O Filho só pode fazer o que o Pai faz. Por si mesmo, ele, o Filho, nada pode fazer. Em João 6.38, o Filho diz que veio para fazer a vontade do Pai. Em João 15.10 ele diz que guarda os mandamentos do Pai. No nosso entendimento, como humanos que somos, o conceito de autoridade está ligado a domínio e mando. Mas no relacionamento trinitariano e na postura do Pai, sua autoridade sobre o Filho não significa imposição de uma pessoa sobre a outra. Jesus foi um homem completamente livre e, ao mesmo tempo, completamente submisso ao Pai. O Pai não é superior às outras pessoas da trindade, mas tem papéis diferentes dentro da mesma trindade. A autoridade do Pai não é de mando, mas é de relação.

O terceiro é amor, como o v. 20 nos mostra. O Pai ama o Filho. Temos que voltar a este ponto: o atributo de amor do Pai deve ser ressaltado para se evitar o dualismo entre o Pai carrasco e iracundo e o Filho bonzinho e apacador da cólera do Pai. O Pai ama aos homens, mas ama ao Filho. Ter entregue o Filho para morrer na cruz não foi um ato de sadismo, nem um gesto tresloucado, mas sim um ato de amor entre as duas pessoas da trindade e também um ato de amor para com a humanidade. Isso mostra como a trindade



nos ama! O Pai oferece o Filho que ele amam. E o Filho aceita ser separado do pai que ele ama! E o Espírito faz a obra no nosso coração para crermos no amor deles por nós.

A quarta é comunhão, como lemos no v. 23. Quem não honra ao Filho não honra ao Pai. Isto porque o Pai só pode ser corretamente entendido no Filho, pois o Filho é "imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação; porque nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades; tudo foi criado por ele e para ele. Ele é antes de todas as coisas, e nele subsistem todas as coisas" (Cl 1.15-17). O Pai não é uma figura abstrata, um conceito, mas tem sua expressão exata no Filho. Quem deseja saber como é o Pai deve olhar para Jesus, o Filho, porque nele o Pai se revelou. Aliás, se olhássemos mais para Jesus, para sua mansidão e seu jeito amoroso de trata os pecadores, deixaríamos de ver o Pai como alguém zangado e nossas igrejas mesmas tratariam melhor os pecadores. Porque Jesus tratava bem aos pecadores.

4. *Aspectos práticos da paternidade de Deus* - Mas do ponto de vista prático, quais são as implicações, para nossa vida, da paternidade de Deus? Isto não na relação dele com o Filho, mas na relação dele conosco. Em que ela nos diz respeito, além do que foi rapidamente pincelado nas linhas anteriores? Em que nos afeta?

A primeira e maior implicação é a nossa adoção. Num sentido lato, amplo, toda a humanidade é filha de Deus, pois toda a raça veio de um só Criador, a quem deve a vida. É o que lemos em Atos 17.26: "e de um só fez todas as raças dos homens, para habitarem sobre toda a face da terra, determinando-lhes os tempos já dantes ordenados e os limites da sua habitação". A Bíblia ensina o monogenismo, isto é, que todas as raças remontam a um homem (um casal, melhor dizendo), criado por Deus. Mas no sentido de adoção, não apenas de geração e de dever a vida, mas no sentido de dever a vida eterna, filhos de Deus são os que adotam a fé em Jesus Cristo e assim tem este direito. Num sentido restrito, portanto, o conceito de adoção é bem menor. Lemos em João 1.12: "Mas, a todos quantos o receberam, aos que crêem no seu nome, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus". Lemos, também, em Gálatas 4.5: "para resgatar os que estavam debaixo de lei, a fim de recebermos a adoção de filhos". Fiquemos, ainda, com Efésios 1.5: "e nos predestinou para sermos filhos de adoção por Jesus Cristo, para si mesmo, segundo o beneplácito de sua



vontade". Deus é Pai, mas adotivo. Adotou-nos, porque tínhamos outro pai. Éramos filhos da ira, ou seja, filhos do juízo. Assim nos diz Efésios 2.3: "Entre os quais todos nós também antes andávamos nos desejos da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos por natureza filhos da ira, como também os demais.". Em Cristo nós mudamos de Pai. O homem sem Cristo tem o Diabo por pai (Jo 8.44). Assim éramos, mas nossa vida mudou.

A segunda, decorrente da primeira, alude ao caráter que o cristão deve ter. A base para a doutrina da santificação não deve repousar sobre mandamentos ou sobre a busca de poder espiritual, como se vê em muitos ensinamentos ("precisamos de poder") mas sim sobre a questão do caráter que devemos cultivar. Numa de suas polêmicas com os fariseus, Jesus os acusou com muita dureza, declarando-os como filhos do Diabo. Começou a declaração: "vós fazeis o que também ouvistes de vosso pai" (Jo 8.38) e concluiu com 8.44: "Vós tendes por pai o Diabo, e quereis satisfazer os desejos de vosso pai; ele é homicida desde o princípio, e nunca se firmou na verdade, porque nele não há verdade; quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio; porque é mentiroso, e pai da mentira". O princípio que se pode inferir daqui, desta declaração de Jesus, é o filho herda a natureza do pai e faz o que vê o pai fazer. O cristão, adotado pelo Pai, passa a ter como sua preocupação maior exibir o caráter do Pai na sua vida. A vida cristã se torna, então, mais que questão de sentimentos ou de emoções. Torna-se uma busca de imitação do caráter do Pai: "Sede vós, pois, perfeitos, como é perfeito o vosso Pai celestial" (Mt 5.48). Sobre esta questão de sermos exortados à perfeição como nosso Pai é perfeito, escrevi em outro lugar:

O termo "perfeitos" merece explicação. Não significa uma ausência de defeitos. A palavra grega suada é *téleioi*, plural de *téleios*, que pode apresentar vários sentidos: perfeito, adulto, maduro, plenamente desenvolvido. Nos papiros antigos, esse termo era usado para designar a maioridade civil das pesosas, que se tornavam, assim, responsáveis. Era usado também para frutos *maduros* e para mercadorias em *boas condições ou completas* (...) Há um nível de perfeição, de maturidade para Deus, a absoluta. Há também um nível para nós. Evidentemente não se diz que devemos ser como Deus, mas que devemos alcançar o nível que de nós se espera ⁶⁵

A paternidade adotiva de Deus é uma exortação à maturidade do fiel, que deve buscar ter o caráter do Pai, agora. Não é um incentivo ao relaxamento, mas à santidade.

⁶⁵ COELHO FILHO, Isaltino. Tiago, Nosso Contemporâneo. Rio de Janeiro: JUERP, 3^a ed., 1995, p. 25.



Um convertido deseja ser como seu Pai celestial e não apenas receber as bênçãos desse Pai.

A terceira é o destino do fiel. Em uma analogia que soa bastante óbvia, pode-se dizer que a casa do pai é a casa do filho. Por todo o Novo Testamento, em suas referências escatológicas, o destino final do fiel é morar com seu Pai celestial. Vejamos, por exemplo, o texto de 1 Tessalonicenses 4.17: "Depois nós, os que ficarmos vivos seremos arrebatados juntamente com eles, nas nuvens, ao encontro do Senhor nos ares, e assim estaremos para sempre com o Senhor". A certeza do cristão é bem definida: "estaremos para sempre com o Senhor". Esta é uma das maiores promessas que uma pessoa receber, se não é mesmo a maior de todas. Ele tem um lar que é seu destino final, agora. Isso acontece porque aquele que deposita sua fé em Cristo deixou de ser um estranho para Deus. Passou a ser seu filho. A situação do homem sem Cristo foi bem descrita em Efésios 2.12: "estáveis sem Cristo, separados da comunidade de Israel, e estranhos aos pactos da promessa, não tendo esperança, e sem Deus no mundo". Agora, em Cristo, a situação mudou: "Assim, pois, não sois mais estrangeiros, nem forasteiros, antes sois concidadãos dos santos e membros da família de Deus" (Ef 2.19). Ser membro da família de Deus é a garantia não apenas de que receberemos bênçãos materiais (como o anúncio da teologia da prosperidade parece limitar os efeitos da obra de Cristo), mas é também a certeza da vida eterna com o Senhor. Isto é efeito da paternidade de Deus.

A quarta é disciplina. Ela não é incompatível com o amor, como muitas pessoas parecem pensar, mas é uma de suas faces. Se alguém se torna filho de Deus, se o tem como Pai, deve contar com disciplina, que é extremamente necessária para a maturidade cristã. Lemos em Hebreus 12.8: "Mas, se estais sem disciplina, da qual todos se têm tornado participantes, sois então bastardos, e não filhos". É significativo que o termo grego para "disciplina" é *paidéia*, que foi empregado para designar a educação plena do homem grego. A disciplina é essencial para a educação plena do filho de Deus. Isso significa dizer que a vida cristã não é relaxamento, mas inclui a disciplina espiritual, em termos que o apóstolo Paulo muitas vezes figurou como corrida, como luta e até mesmo como uma atitude de desprezo ao próprio corpo. Um atleta que se prepara para correr, um lutador que se prepara a luta, essas figuras trazem consigo a necessidade de disciplina pessoal para se chegar ao propósito final, que é a vitória.



3. A DECLARAÇÃO DOCTRINÁRIA DA CBB SOBRE DEUS PAI

Transcrevemos, a seguir, a Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira sobre Deus Pai. É o sub-tópico 1 (Deus Pai) do tópico II - Deus. Devemos fazer aqui como fizemos no tópico sobre a Bíblia como Palavra Deus. Ver cada afirmação e examinar as passagens bíblicas.

Deus, como Criador, manifesta disposição paternal para com todos os homens (1). Historicamente, ele se revelou primeiro como pai ao povo de Israel, que escolheu consoante os propósitos de sua graça (2). Ele é o Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, a quem enviou a esse mundo para salvar os pecadores e deles fazer filhos por adoção (3). Aqueles que aceitam a Jesus Cristo e nele crêem são feitos filhos de Deus, nascidos pelo seu Espírito, e, assim, passam a tê-lo como Pai celestial, dele recebendo proteção e disciplina (4).

(1) Isaías 64.8, Mateus 6.9 e 7.11, Atos 17.26-29, 1Coríntios 8.6 e Hebreus 12.9

(2) Êxodo 4.22-23, Deuteronômio 32.6-18, Isaías 1.2-3 e 63.16 e Jeremias 31.9

(3) Salmos 2.7, Mateus 3.17 e 17.5, Lucas 1.35 e João 1.12

(4) Mateus 23.9, João 1.12-13, Romanos 8.14-17, Gálatas 3.26 e 4.4-7 e Hebreus 12.6-11



A obra do Filho será tratada mais à frente, em Teologia Sistemática I, com outra apostila, quando fizermos o estudo da doutrina da salvação. Desta maneira estaremos tratando, nesta unidade, exclusivamente da *pessoa do Filho*, observando sua natureza e seu caráter. Sua obra será observada posteriormente.

O que diferencia o cristianismo de qualquer outra religião é a pessoa de Jesus Cristo. Se perguntarmos o que é um cristão, a resposta mais óbvia será: "alguém que crê em Jesus Cristo". Isto porque o cristianismo não é um conjunto de regras nem de valores morais, mas é, basicamente, uma pessoa. Tire-se a pessoa de Jesus do cristianismo e não resta nada mais dele como religião. Um conjunto de bons princípios encontrados em quaisquer religiões e uma relação de pessoas interessantes que viveram vidas inspiradoras. Mas nada mais que isso.

A pessoa de Cristo é absolutamente singular. Nenhum outro homem pode ser comparado a ele. É até covardia fazer isso. Jesus é o maior vulto da história. Nasceu num país obscuro, numa época subdesenvolvida, numa aldeia desconhecida, de pais absolutamente irrelevantes do ponto de vista social. Nunca freqüentou grandes escolas, não teve grandes mestres (na realidade, entrou em choques constantes com os mestres de sua época), não fez uma viagem que fosse maior que 300 km, não deixou uma linha sequer escrita. Escolheu doze homens sem nenhuma expressão social. Um o traiu, dez fugiram e um seguiu de longe para ver o que aconteceria. Terminou rejeitado pelo seu povo, que pediu sua morte. Morto, tudo parecia acabado. Mais um fracassado na história. De repente, começa a se alastrar a notícia de que este homem estava vivo. Seus seguidores foram hostilizados e depois perseguidos e alguns até mesmo foram mortos por causa da declaração absurda que faziam. Mas este homem dividiu a história em antes e depois dele e se tornou o vulto mais importante da humanidade em todos os tempos. Nunca empunhou uma arma, mas conquistou mais vidas que qualquer guerreiro. Se nunca escreveu um livro, mais livros se têm escrito sobre ele do que sobre qualquer outra pessoa. Milhões de pessoas, ao longo da história, morreram por ele e milhões, ainda hoje, em pleno andamento do ano 2.000, morreriam alegremente por ele. Isto o torna absolutamente distinto de qualquer outro vulto da história e torna também o cristianismo uma religião sem rival no cenário religioso mundial. Este cidadão do terceiro mundo de sua época é adorado em todos os mundos e tido como o maior vulto que o primeiro mundo conhece.



1. *A realidade do cristianismo - Cristo* - Quando declarou a instituição de sua Igreja, a pergunta inicial de Jesus foi como vemos em Mateus 16.13: "Tendo Jesus chegado às regiões de Cesaréia de Felipe, interrogou os seus discípulos, dizendo: Quem dizem os homens ser o Filho do homem?". A base para o surgimento da Igreja não foram seus ensinamentos, nem seus milagres nem, ainda, a ética do sermão do monte, mas a sua pessoa. O ponto de partida para estabelecer a Igreja é a pessoa de Jesus. Não é nenhuma questão teológica ou moral. Uma boa observação sobre isto nos vem de Simpson:

O que em religião parece ser um despropósito - a personalidade do pregador - Jesus tomou como sendo sua base de raiz. Dizendo esta mesma verdade em outras palavras: - Jesus orientou os homens para que achassem os dados primários e essenciais do Cristianismo no fenômeno de Sua própria Pessoa.⁶⁶

É necessário, portanto, ter-se uma Cristologia (nome que se dá à parte da teologia que estuda sobre a pessoa de Cristo) correta para se entender bem a fé cristã. É possível errar em muitas doutrinas e permanecer como cristão, mas não se pode errar na Cristologia e permanecer, ainda, como cristão. Na realidade, muitos dos problemas da igreja contemporânea têm surgido exatamente por equívocos na área da Cristologia. Em certo tipo de pregação, Jesus é reduzido a um taumaturgo, seu nome passa a ser um talismã, e ele é um xamã (curandeiro ou possuidor de poderes mágicos, numa tribo). É preciso compreendê-lo bem, portanto, tanto em sua humanidade como em sua perfeita divindade. Porque pode-se cair em erro de dois lados: enfatizando sua divindade em detrimento de sua humanidade ou enfatizar sua humanidade em detrimento de sua divindade. A ênfase adequada nas duas naturezas nos ajudará no entendimento de nossa fé. Devemos sempre lembrar disto: ele é perfeitamente Deus e é, simultaneamente, perfeitamente homem. Se errarmos em algum desses aspectos, erraremos em nossa teologia.

2. *A humanidade de Cristo* - A Igreja cristã sempre declarou, através dos séculos, que Cristo é perfeito Deus e é perfeito homem. Embora o Novo Testamento não tivesse feito uma formulação doutrinária como o Concílio de Nicéia fez sobre sua divindade, ela é afirmada. E sua humanidade, em momento algum, é negada. E sobre sua humanidade podemos fazer algumas observações, com base nas Escrituras.

⁶⁶ SIMPSON, Carnegie. A Vibrante Realidade de Cristo. Sem local, Casa Editora Evangélica, p. 5



(1) *Ele teve nascimento humano* - Lemos em Gálatas 4.4: " Mas, vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido debaixo de lei". Ele não é produto de geração espontânea nem também um ser angelical descido entre nós, mas é um homem, nascido de mulher. Isso levanta, inevitavelmente, uma questão: tendo nascido de mulher ele tinha uma natureza pecaminosa? Alguns teólogos respondem que sim. Um exemplo é Irving de Londres. Segundo Thiessen:

Ele cria na Divindade de Cristo, mas ensinava que na encarnação Cristo assumiu a natureza humana como ela é desde a sua queda, isto é, com sua corrupção inata e predisposição para o mal moral. Afirmava, entretanto, que através do poder do Espírito Santo, ou através da Sua natureza divina, Ele não apenas controlava Sua natureza humana para não se manifestar em pecado de verdade, mas gradualmente a purificou através de lutas e sofrimentos, até que, em Sua morte, Ele extirpou completamente Sua depravação e a reuniu a Deus

⁶⁷

Com algumas poucas modificações, esta posição tem sido sustentada por alguns teólogos. Eles afirmam que a natureza humana de Jesus o impelia para o pecado. Como diz Hebreus 4.15: "Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; porém um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado". Em 2Coríntios 5.21, Paulo fala de Jesus como "aquele que não conheceu pecado". Lemos em 1Pedro 2.22: "Ele não cometeu pecado, nem na sua boca se achou engano". Ele foi sujeito às tentações, mas não temos nenhum indício de que o pecado chegasse a ser uma cogitação em sua vida a ponto de colocar em conflito as naturezas humana e divina. Ele mesmo indagou de seus críticos (não de seus simpatizantes): "Quem dentre vós me convence de pecado?" (Jo 8.46). A simples declaração mostra uma segurança muito grande de quem podia ter a vida examinada pelos adversários. E os adversários tiveram que calar a boca porque não podiam acusá-lo de pecado algum. Isto é fantástico, porque uma das coisas mais fáceis do mundo é criticar a vida alheia. Ver defeitos na vida dos outros é muito fácil. Não conseguiram acusar a Jesus.

Permanece a questão: ele não pecou, mas *poderia ter pecado*? A resposta, embora pareça contraditória, é simples e lógica: ele *poderia* pecar, embora seja certo que não pecaria. Poderia porque era humano. Mas devemos lembrar que o mal é uma impossibilidade moral em Deus e, embora humano, Jesus era Deus. De uma pessoa de

⁶⁷ THIESSEN, op. cit., p. 213.



caráter elevado, dizemos: "Fulano é incapaz de fazer isso...". Pois bem, Jesus não apenas possuía um caráter elevado. Ele era absolutamente elevado em caráter. O mal lhe era uma impossibilidade.

Ele não apenas teve nascimento humano, mas evidenciou plenamente a sua humanidade. Ele teve fome (Mt 4.2-4), teve sede, como evidenciou na cruz e na conversa com a mulher samaritana (Jo 4), chorou por Lázaro, por Jerusalém e por ele mesmo, como lemos em Hebreus 5.7: "O qual nos dias da sua carne, tendo oferecido, com grande clamor e lágrimas, orações e súplicas ao que podia livrar da morte". Segundo Paulo, ele "esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, tornando-se semelhante aos homens" (Fp 2.7). Sua divindade foi, portanto, muito bem contrabalançada por sua humanidade. Tentar usar sua divindade para facilitar a sua vida como humano é ignorar esta declaração paulina. Por ser homem, ele deixou alguns atributos divinos incompatíveis com a humanidade. Ele não era onipresente, mas limitado no tempo e no espaço, como todos nós, humanos. Ele não era onisciente, pois não sabia o dia e a hora de sua segunda vinda (Mc 13.32). E experimentou emoções que a Divindade não experimenta, como medo e angústia, comuns ao homem: "E levou consigo a Pedro, a Tiago e a João, e começou a ter pavor e a angustiar-se" (Mc 14.33).

Esta perfeita humanidade é nossa garantia quanto à questão da salvação. Não fosse ele humano e não vivesse uma vida absolutamente sem pecado, seu sacrifício seria absolutamente sem valor, pois a parte do homem na cruz não estaria sendo cumprida.

(2) *Ele teve desenvolvimento humano* - Sua vida foi normal como a dos demais seres humanos. Em Lucas 2.40 se fala de seu crescimento físico. Também em Lucas 2.52 se diz a mesma coisa. Seu crescimento físico não foi por causa de sua divindade, mas, obviamente por causa de sua humanidade. Deuses não crescem, mas seres humanos sim. No entanto, seu crescimento não era apenas físico, mas também mental, como os dois textos citados nos mostram. Perguntará alguém: "como pode Deus crescer mentalmente?". Estamos tratando de sua humanidade e devemos lembrar que este é exatamente um traço de sua natureza física. O menino Jesus não nasceu como um produto acabado, humanamente falando. Ele cresceu fisicamente. E também cresceu mentalmente. Ele não nasceu com a mentalidade um homem de 30 anos.



(3) *Ele teve os elementos próprios da natureza humana* - Tinha um corpo, como lemos em Hebreus 10.25: "Corpo me formaste". Os evangelhos dão testemunhos abundantes de seu corpo físico. O ensino do docetismo foi de que os sofrimentos de Jesus bem como seus aspectos humanos eram aparentes, imaginários, e não reais. Sendo a matéria uma coisa má, Deus não poderia ter assumido forma física. Mas os testemunhos dos evangelhos e dos apóstolos são pela absoluta corporeidade de Jesus. Lemos na 1ª de João 1.1: "O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos e as nossas mãos apalparam, a respeito do Verbo da vida". Esta corporeidade de Jesus permaneceu até mesmo após sua ressurreição: "Apalpai-me e vede, porque um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho" (Lc 24.39).

Ele tinha emoções, como lemos em Mateus 26.38: "A minha alma está profundamente triste até a morte". Conforme João 13.21, a angústia, uma doença emocional que caracteriza o homem moderno, foi experienciada por ele. Há uma abundância de registros sobre sua natureza humana nos evangelhos e em citações nas epístolas.

(4) *Ele morreu* - Esta é a experiência que une e iguala toda a raça humana, junto com a do nascimento. Todas as pessoas que existem nasceram. E todas as pessoas que nasceram morrerão, a não ser que Cristo regresse em meio à existência delas. Sua morte é central no ensino de toda a Bíblia. Foi profetizada desde o Antigo Testamento, como o trecho de Isaías 53 nos mostra. Em Lucas 24.44 ele mesmo declara que o Antigo Testamento testemunhava dele, incluindo aí sua morte, que é o que ele está explicando aos discípulos: "Depois lhe disse: São estas as palavras que vos falei, estando ainda convosco, que importava que se cumprisse tudo o que de mim estava escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos".

É necessário que, encerrando as considerações sobre sua humanidade, observemos que seu nascimento foi singular. Foi uma concepção virginal. Isto nunca houve antes na história e não houve depois. Lemos em Lucas 1.35: "Respondeu-lhe o anjo: Virá sobre ti o Espírito Santo, e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; por isso o que há de nascer será chamado santo, Filho de Deus". Embora a expressão possa parecer chocante, o que se pode inferir é que ele era filho do Espírito Santo e não de José. Lemos assim em Lucas 3.23: "Ora, Jesus, ao começar o seu ministério, tinha cerca de trinta anos; sendo



(como se cuidava) filho de José, filho de Eli". Isto significa que o Novo Testamento enfatiza muito bem o fato de que ele não era filho de José, mas apenas que se pensava que assim fosse. Sua concepção miraculosa pelo Espírito Santo fez com que sua natureza humana fosse absolutamente íntegra, isto é, perfeita. Com isto dizemos que ele possuía duas naturezas, a humana e a divina, cada qual completa, mas só uma personalidade. Ele não era 50% Deus e 50% homem, mas era 100% Deus e 100% homem, sem que chegasse a 200%. Embora tivesse duas naturezas, tinha ele apenas uma personalidade.

2. *A divindade de Cristo* - A singularidade deste homem se torna mais aguda aqui. Tendo visto sua humanidade é necessário afirmar sua Divindade. Vale a pena começar estas considerações com esta observação de Langston: "Jesus não é homem como Paulo, não é Deus como o Pai, mas é Deus-homem. Nunca o hífen (-) teve tanta significação como aqui, entre estas duas palavras. Ele liga-as e divide-as ao mesmo tempo" ⁶⁸. Esta reivindicação cristã sobre a divindade de Jesus Cristo é fundamental para o futuro e até mesmo a sobrevivência do cristianismo. Isto porque um dos pontos em que a teologia mais se envolverá, nos próximos anos, será a situação dos que não são cristãos, mas que pertencem a alguma das grandes religiões universais. Como podemos dizer que um judeu, que um muçulmano, que um budista não está salvo? Não é isto uma atitude arrogante? Não será Cristo apenas um caminho entre os muitos outros caminhos existentes, em vez de ser o único caminho, como gostamos de apregoar? Esta questão, que tem sido ampliada devido à tolerância cultural do nosso mundo, produto de um processo de globalização que aproxima pessoas de pontos de vistas diferentes, tende a crescer nos próximos anos. Qual é a resposta a esta atitude? A de Hammett me parece muito sensata, num trecho de sua fala sobre a ressurreição de Jesus:

Nossa resposta é baseada na divindade de Cristo, e a realidade da sua cruz e ressurreição na história. Cristo fez alegações que nenhum outro líder religioso fez; alegou ser Deus e o único caminho para a vida eterna. Não é nossa alegação, é a alegação de Cristo, baseado na sua natureza divina e sua obra redentora na cruz ⁶⁹.

Com esta declaração em mente, consideremos alguns aspectos de sua divindade.

⁶⁸ LANGSTON., op. cit., p. 180

⁶⁹ HAMMETT., op. cit., p. 56



(1) *Ele tinha conhecimento de que era Deus* - Jesus não era uma figura patética, sem saber o que era ou quem era. No romance de Arthur Miller, *O Evangelho Segundo o Filho*, Jesus é retratado como se fosse uma figura desorientada que não acredita em si mesmo. Sua declaração em João 8.58 é muito clara, não deixando margem de dúvida alguma: "Respondeu-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo que antes que Abraão existisse, eu sou.". Lembremos, ainda do episódio de Marcos 2.5-11, cujo teor é como se segue: "E Jesus, vendo-lhes a fé, disse ao paralítico: Filho, perdoados são os teus pecados. Ora, estavam ali sentados alguns dos escribas, que arrazoavam em seus corações, dizendo: Por que fala assim este homem? Ele blasfema. Quem pode perdoar pecados senão um só, que é Deus? Mas Jesus logo percebeu em seu espírito que eles assim arrazoavam dentro de si, e perguntou-lhes: Por que arrazoais desse modo em vossos corações? Qual é mais fácil? dizer ao paralítico: Perdoados são os teus pecados; ou dizer: Levanta-te, toma o teu leito, e anda? Ora, para que saibais que o Filho do homem tem sobre a terra autoridade para perdoar pecados (disse ao paralítico), a ti te digo, levanta-te, toma o teu leito, e vai para tua casa". Note-se que Jesus não discorda que perdoar pecados é prerrogativa de Deus. Pelo contrário, aceita isso. E, a seguir, declara os pecados perdoados e diz de si mesmo que ele tem autoridade para assim fazer. Ele chamou para si prerrogativas de uso exclusivo de Deus.

Ele sabia que era Deus e não um outro Deus, mas o Deus de Israel, a quem ele chamava de Pai. Lemos em João 14.11: "Crede-me que eu estou no Pai, e que o Pai está em mim; crede ao menos por causa das mesmas obras". Lembremos, ainda de João 10.30: "Eu e o Pai somos um", e de João 17.22: "E eu lhes dei a glória que a mim me deste, para que sejam um, como nós somos um".

É possível ver nestas passagens que Jesus não apenas tinha conhecimento de sua Divindade como exerceu poderes e prerrogativas divinas. Tinha bastante consciência de quem era.

(2) *O Novo Testamento reitera esta perspectiva de Jesus sobre si mesmo* - O discurso de Simeão, ao tomar o menino Jesus, quando este tinha apenas oito dias de vida, traz alguns elementos muito precisos em conceitos messiânicos: "luz para revelação aos gentios, e para glória do teu povo Israel" (Lc 2.32). Da mesma maneira, a palavra de profetisa Ana, que falou "a respeito do menino a todos os que esperavam a redenção de



Israel" (Lc 2.38). São declarações ainda obscuras e enigmáticas, mas já trazendo em si um conceito de ser alguém especial, acima dos demais. A declaração de João Batista sobre Jesus é muito clara: "No dia seguinte João viu a Jesus, que vinha para ele, e disse: Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo, este é aquele de quem eu disse: Depois de mim vem um varão que passou adiante de mim, porque antes de mim ele já existia" (Jo 1.29-30).

Muitas outras passagens poderiam ser alistadas aqui, mas poderiam tornar este material uma colcha de citações bíblicas. Estas bastam para nosso propósito. O aluno da EBD conhece muitas outras e pode citá-las agora, inclusive. Mas estas são escolhidas dentre as passagens que narram eventos *antes* da ressurreição (embora escritas após a ressurreição). Se as consideramos como fidedignas, temos que entender que refletem uma opinião sobre Jesus *antes* dos eventos que levaram a Igreja a declarar que "esse mesmo Jesus, a quem vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo" (At 2.36).

3. *Os efeitos destas duas naturezas* - Os efeitos desta duas naturezas numa mesma pessoa são razoavelmente óbvios. Três serão citados aqui e comentados, brevemente. Como a perfeita harmonia das duas naturezas de Cristo é a base do conteúdo da fé cristã, perder este fato de vista nos tumultuará em nosso raciocínio teológico. Estes três efeitos nos aqui alistados nos ajudarão na síntese de nossa fé.

(1) *O primeiro é que em Jesus Cristo Deus e o homem estão juntos.* Não é apenas a questão do hífen, mencionada por Langston (veja citação 67). Ou seja, não é que Jesus seja somente Deus-homem, mas ele é Deus e é homem. Um dos temas mais fortes do cristianismo, talvez o mais forte de todos, é a união entre Deus e o homem. À ruptura de comunicação efetuada pelo homem, no Éden, ao esconder-se de Deus, vem a procura divina: "Onde estás?". Não encontramos, na Bíblia, um homem procurando desesperadamente por Deus, tateando no escuro, em busca de alguém escondido. A pergunta de Castro Alves, em "Vozes d'África" ("Deus, ó Deus, onde estás que não respondes?") é uma expressão poética e não teológica. A Bíblia nos mostra, desde o Éden, um Deus que busca se relacionar com o homem, que o procura, que sai ao seu encontro. É assim que João nos mostra o sentido da encarnação: "E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade; e vimos a sua glória, como a



glória do unigênito do Pai" (Jo 1.14). Em Jesus Cristo Deus veio armar sua tenda entre os homens, veio para habitar com eles. Lembremos que o verbo grego aqui empregado é *eskénôsen*, cujo sentido literal é "ele ergueu sua tenda". Em Jesus Cristo Deus fez sua casa para morar com a humanidade. A encarnação é a maior demonstração de Deus em querer morar com os homens. Isto foi bem disto por Feuillet: "A encarnação não é um mito, como a consideravam Bultmann, mas o ponto culminante da história da salvação"⁷⁰. Enquanto que no paganismo oriental o homem é exortado a tentar se elevar para ser como Deus, o cristianismo mostra que o próprio Deus se fez homem. Não é o homem que sobe. É Deus quem desce até nós. Nós nunca poderíamos chegar até ele. Então ele desceu até nós.

Com a encarnação, Deus uniu-se para sempre à humanidade. A partir de Jesus, Deus sabe o que é ser homem não apenas por onisciência, mas agora também por experiência. Mas além disto, com a encarnação temos também um homem que viveu como devemos viver. Jesus viveu uma vida de perfeita comunhão com Deus, como homem algum jamais viveu. Na união de suas duas naturezas temos um Deus que mostra seu desejo de viver com os homens e temos um homem que mostra seu desejo de viver com Deus. A união desejada entre a divindade e a humanidade se completa em sua pessoa. Por isso ele é o cristianismo. Porque o cristianismo é a mensagem de que Deus e o homem podem viver juntos.

Devemos lembrar, nesta linha de raciocínio, que Deus criou o homem à sua imagem e semelhança. A encarnação é uma possibilidade a partir daqui. Se o homem foi criado semelhante a Deus, Deus pode se tornar semelhante ao homem. Lembremos de Hebreus 2.14 e 17: "Portanto, visto como os filhos são participantes comuns de carne e sangue, também ele semelhantemente participou das mesmas coisas, para que pela morte derrotasse aquele que tinha o poder da morte, isto é, o Diabo (...) Pelo que convinha que em tudo fosse feito semelhante a seus irmãos, para se tornar um sumo sacerdote misericordioso e fiel nas coisas concernentes a Deus, a fim de fazer propiciação pelos pecados do povo".

Descobrimos, nestas palavras de Hebreus, que a encarnação é uma necessidade para a mediação entre Deus e os homens. Só um homem perfeito poderia nos apresentar diante de Deus. Acrescento aqui uma observação de Milne:

⁷⁰ FEUILLET, A. *Le Prologue du Quatrième Évangile*. Paris: Desclée du Brouwer, 1968, p. 93.



Pela primeira vez um homem viveu sua vida para a glória de Deus (Jo 12.28 e 17.4). É claro que certas dimensões presentes no caso de Jesus não se achavam presentes em Adão mesmo antes da queda, desde que Jesus era tanto homem *como* a segunda pessoa eterna da Trindade. Todavia, em virtude da realidade da sua encarnação, ele verdadeiramente colocou-se no lugar de Adão e, portanto, como homem normativo, homem com Deus⁷¹

E, olhando agora pelo outro ângulo, o divino: só um Deus poderia pagar o preço de nossa redenção. Para se compreender isto melhor, quero citar um trecho de S. de Diétrich que transcrevi na "Apostila de Teologia do Velho Testamento" ao falar da aliança abraâmica, em Gênesis 15:

O capítulo 15 relata um episódio mais misterioso ainda. Deus conclui com Abraão um verdadeiro pacto, segundo o costume do tempo; era preciso que os dois contratantes passassem entre os animais esparteados; aceitavam assim serem eles mesmos dilacerados como as vítimas, se infringissem seus compromissos. Aves de rapina, símbolo das forças malignas tentam se apoderar dos animais divididos. Abraão as afugenta. Angústia e trevas espessas o envolvem. Deus lhe revela os sofrimentos que se abaterão sobre sua posteridade. Depois, o próprio Deus passa entre os animais partidos sob a forma de uma chama (...) *Deus somente* é o fiador do Pacto firmado. Sua honra está engajada. E, quando a posteridade de Abraão romper o pacto, será o próprio Deus que, em Jesus Cristo, virá substituir a parte faltosa e pagar-lhe o preço da infidelidade. É já a sombra da cruz que desce sobre Abraão nessa noite de angústia⁷²

É o próprio Deus quem paga o preço de nosso pecado e quem efetua a nossa redenção, em Jesus Cristo. É isto que torna a encarnação fundamental à nossa fé. Agora a Divindade e a humanidade podem viver juntos. Sem encarnação, o cristianismo é vazio.

(2) *O segundo é compreender o que a encarnação significou para Deus* - Já mencionei anteriormente que com a encarnação Deus se ligou para sempre à humanidade, pois passou a saber o que é ser homem experiencialmente e não somente por onisciência. A encarnação não afetou apenas a humanidade, mas também a Divindade. Sei que andar por aqui é perigoso, pois poderão me acusar de defender as posições de Whitehead, um pensador que alegava a mutabilidade de Deus. Não é esta a questão. A questão é que (e mais uma vez vamos voltar ao tema da imutabilidade ou constância de Deus) muito de

⁷¹ MILNE, Bruce. Conheça a Verdade - Um Manual de Doutrina Bíblica. S. paulo: ABU Editora, 1987, p. 117.

⁷² DIÉTRICH, S. O Desígnio de Deus. S. Paulo: Edições Loyola, 1977, p. 38.



nosso conceito da imutabilidade de Deus nos vem do motor original, imóvel, de Aristóteles, e não da Bíblia. O membro da igreja pode não conhecer Aristóteles, mas os pensadores cristãos do passado, que deixaram escritos e idéias sobre Deus, conheciam e impregnaram muito de nossa teologia. Imutabilidade se torna, então, fixidez, no conceito de alguns. Definamos bem a questão: Deus não é fixo, mas dinâmico. Tanto que se encarnou. Tanto que falou aos pais de várias maneiras, até, por fim, falar na pessoa de Jesus. Deus é criativo e, se é criativo, muda (não a essência e o caráter) porque cria.

O que estou dizendo é que a encarnação também mudou a Deus. Desdobro o ponto anteriormente comentado. Talvez consiga dizer isto melhor usando uma expressão de Erickson: "*A encarnação foi mais uma aquisição de atributos humanos que uma desistência de atributos divinos*"⁷³. O argumento deste teólogo, tido como conservador, é interessante: a Divindade adquiriu alguma coisa! Adquiriu a humanidade! Se adquiriu algo que não tinha antes, então ela mudou! Na sua argumentação, Erickson cita Filipenses 2.6-7 como a clássica argumentação do esvaziamento, a *kenosis* (palavra grega para "esvaziar"), de Jesus. Mas nos recorda de Colossenses 2.9: "porque nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade". Na sua argumentação, Erickson mostra que a *kenosis* foi que Jesus assumiu a forma de servo e não se apegou a ser igual a Deus. E assim chega à conclusão, que beira o subordinacionismo no trato da trindade: "Apesar de não deixar de ser como o Pai no que diz respeito à natureza, ele se tornou funcionalmente subordinado ao Pai durante o período da encarnação"⁷⁴.

A questão é um pouco complicada, mas pode ser entendida. A encarnação afetou a Divindade que passou a ter a experiência da corporeidade. E afetou a trindade porque uma de suas pessoas se tornou subordinada, mesmo que funcionalmente, à outra. Isto parece militar contra o que foi exposto na unidade sobre a trindade. Mas houver uma boa leitura do que foi e do que está sendo dito, pode-se entender que há duas fases distintas da trindade. Uma é a fase eterna e outra foi a fase humana. Durante a existência humana da segunda pessoa da trindade é inevitável que tenha havido algum tipo de diferença. Porque uma das pessoas da trindade, a segunda (já existente desde a eternidade) assumiu forma material. Isto a tornou limitada porque a matéria não pode estar em dois lugares ao mesmo tempo.

⁷³ ERICKSON, op. cit., p. 305

⁷⁴ Ib, ibidem, p. 306.



Então, uma das pessoas da Divindade-Trindade mudou: naquele dado momento histórico, ela se tornou limitada. Ao mesmo tempo não é, naquele dado momento, mais onisciente, porque não sabia todas as coisas, como o próprio Senhor Jesus declarou sobre si mesmo. Assumindo atributos humanos, ele assumiu a limitação da consciência.

Podemos dizer que a trindade, hoje, está outra vez em sua fase eterna. O relacionamento é, agora, o mesmo de antes da encarnação, mas a Divindade-Trindade tem uma outra diferença, agora. Não apenas sabe o que é ser homem, mas já sabe o que é ter limitações (experencialmente falando) e o que é ser servo, o que é ser humilhado, o que é a dor física, o que é a dor moral. Para o cristão isto é muito confortador. Deus sabe o que é ser como nós somos e sabe o que é passar pelo que passamos.

O que a encarnação significou para a trindade? Evidentemente que não posso falar por ela, mas uma coisa é certa: a encarnação mudou, por momentos, o relacionamento entre as três pessoas e fez com experiências novas e dados novos (como a limitação física e até mesmo a experiência da morte física) fossem provados pelo Infinito (sem limitação) e pelo Eterno (que não pode morrer). A encarnação foi um evento tão profundo que modificou a humanidade, sua história, mas modificou também a Deus.

(2) *O terceiro é que temos agora um sacrifício perfeito* - Sem abordar detalhadamente a questão do sacrifício de Cristo, que é matéria de Teologia Sistemática II, temos que considerar que com a encarnação temos um sacrifício perfeito. Todo o sistema sacrificial do Antigo Testamento aponta numa direção: o sacrifício maior que sucederia no futuro, o da obra de Jesus Cristo. O derramamento do sangue de animais era necessário porque "sem derramamento de sangue não há remissão" (Hb 9.22). Mas o autor de Hebreus reconheceu, com muita propriedade, que os sacrifícios do Antigo Testamento eram incapazes de purificar os pecados. Lembremos, neste contexto, as palavras de Hebreus 10.11-14: "Ora, todo sacerdote se apresenta dia após dia, ministrando e oferecendo muitas vezes os mesmos sacrifícios, que nunca podem tirar pecados; mas este, havendo oferecido um único sacrifício pelos pecados, assentou-se para sempre à direita de Deus, daí por diante esperando, até que os seus inimigos sejam postos por escabelo de seus pés. Pois com uma só oferta tem aperfeiçoado para sempre os que estão sendo santificados".



A encarnação permitiu que o problema do pecado fosse resolvido de uma vez por todas porque agora temos um sacrifício (que é também o sacerdote) perfeito. Este sacrifício não foi oferecido pelo homem, mas pelo próprio Deus, como nos diz João 1.29, relatando as palavras do Batista: "Eis o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo". A Divindade ofereceu uma das pessoas da trindade para resolver o problema do pecado. Isto foi a razão da encarnação. Se pouco se fala sobre ela agora é porque mais se falará à frente.

4. *A DECLARAÇÃO DOUTRINÁRIA DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA* - Eis o que nos diz a Declaração da CBB, em seu tópico II. DEUS , no sub-tópico 2. Deus Filho:

Jesus Cristo, um em essência com o Pai, é o eterno Filho de Deus (1). Nele, por ele e para ele, foram criadas todas as coisas (2). Na plenitude dos tempos ele se fez carne, na pessoa real e histórica de Jesus Cristo, gerado pelo Espírito Santo e nascido da virgem Maria, sendo, em sua pessoa, verdadeiro Deus e verdadeiro homem (3). Jesus é a imagem expressa do seu Pai, a revelação suprema de Deus ao homem (4). Ele honrou e cumpriu plenamente a lei divina e revelou e obedeceu toda a vontade de Deus (5). Identificou-se perfeitamente com os homens, sofrendo o castigo e expiando a culpa de nossos pecados, conquanto ele mesmo não tivesse pecado (6).

Para salvar-nos do pecado, morreu na cruz, foi sepultado e ao terceiro dia ressurgiu dentre os mortos e, depois de aparecer muitas vezes a seus discípulos, ascendeu aos céus, onde, à destra do Pai, exerce o seu eterno sumo sacerdócio (7). Jesus Cristo é o único Mediador entre Deus e os homens e o único e suficiente Salvador e Senhor (8). Pelo seu Espírito ele está presente e habita no coração de cada crente e na igreja (9). Ele voltará visivelmente a este mundo em grande poder e glória, para julgar os homens e consumir sua obra redentora (10).

(1) Salmo 2.7, 110.1; Mateus 1.18-23, 3.17, 8.29, 14.33, 16.16 e 27, 17.5; Marcos 1.1; Lucas 4.41, 22.70; João 1.1-2, 11.27, 14.7-11 e 16.28.

(2) João 1.3; 1Coríntios 8.6; Colossenses 1.16-17



- (3) Isaías 7.14; Lucas 1.35; João 1.14; Gálatas 4.4-5
- (4) João 14.7-9; Mateus 11.27; João 10.30 e 38, 12.44-50, Colossenses 1.15 e 19 e 2.9; Hebreus 1.3
- (5) Isaías 53; Mateus 5.17; Hebreus 5.7-10
- (6) Romanos 8.1-3; Filipenses 2.1-11; Hebreus 4.14-15; 1Pedro 2.21-25
- (7) Atos 1.6-14; João 19.30, 35; Mateus 28.1-6; Lucas 24.46; João 20.1-20; Atos 2.22-24; 1Coríntios 15.4-8
- (8) João 14.6; Atos 4.12; 1Timóteo 2.4-5; Atos 7.55-56; Hebreus 4.14-16; João 10.19-23
- (9) Mateus 20.28; João 14.16-17, 15.26 e 16.7; 1Coríntios 6.19
- (10) Atos 1.11; 1Coríntios 15.24-28; 1Tessalonicenses 4.14-18; Tito 2.13



Deus Espírito Santo é a pessoa da trindade mais comentada em nosso tempo. Ao mesmo tempo, por incrível que possa parecer, é aquela sobre a qual as maiores inconveniências teológicas são ditas. Para os testemunhas de Jeová, ele é apenas a "força ativa de Deus" (aliás, o que seria uma "força inativa"?), deixando de ser uma pessoa. No conceito de muitos grupos neo e baixo pentecostais ele também é visto fora de foco, numa perspectiva estranha, como se fosse uma energia ou um combustível para o ministério. Quando não é visto apenas como um fogo e também pretexto para personalismos teológicos que beiram o messiânico ou a megalomania espiritual. Há muita gente que tem desvios sérios de personalidade e atribui sua esquisitice ao Espírito Santo....

Para alguns outros, o Espírito Santo é apenas um figurante da Divindade e se torna esquecido em seus estudos. Thiessen, em sua obra citada algumas vezes nesta apostila, por exemplo, não tem um capítulo sobre a terceira pessoa da trindade. Sem dúvida uma posição estranha. O Espírito é uma pessoa e, dentre muitas, pelo menos três evidências desta declaração são alistadas aqui.

1. *A Bíblia aplica atributos pessoais ao Espírito Santo* - Ela nunca o mostra como uma força ou algo impessoal. Atribui a ele cinco características próprias de uma pessoa: pensar, sentir, querer, consciência própria e direção própria. Muitos versículos poderiam ser aqui alistados, mas para evitar tornar este trabalho uma colcha de citações bíblicas, empregamos um para cada característica.
 - (1) *Pensar* - Lemos em Atos 15.28: "Porque pareceu bem ao Espírito Santo e a nós não vos impor maior encargo além destas coisas necessárias". O Espírito tem opinião, isto é, ele pensa. Coisas e força ativa não pensam.
 - (2) *Sentir* - Lemos em Efésios 4.30: "E não entristeçais o Espírito Santo de Deus, no qual fostes selados para o dia da redenção". O Espírito pode ser entristecido, tem sentimentos. Coisas e força ativa não têm sentimentos.
 - (3) *Querer* - Lemos em Atos 16.6: "Atravessaram a região frígio-gálata, tendo sido impedidos pelo Espírito Santo de anunciar a palavra na Ásia". Ele impediu os missionários de irem em uma direção. Ao mesmo tempo, para que não pense que ele é apenas um impedidor, ele mostra seu querer chamando pessoas para a obra missionária. Lemos, ainda, fugindo ao propósito de só citar um só versículo bíblico para cada afirmação, em Atos 13.2: "Enquanto eles ministravam perante o Senhor e



jejuavam, disse o Espírito Santo: Separai-me a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado". Coisas e força ativa não têm querer.

(4) *Consciência própria* - Isto significa ter noção de si mesmo e ter propósito. Sobre seu propósito, já comentamos no item anterior. Sobre ter ele consciência própria, de sua existência, as passagens que o mostram falando, planejando, exortando e consolando mostram isso. Ele existe e age como quem existe. Coisas, força ativa e animais não têm consciência própria, noção de existência.

(5) *Direção própria* - Isto significa ter rumos definidos, querer algo e encaminhar-se na direção do que deseja. Lemos em Romanos 8.27: "E aquele que esquadrinha os corações sabe qual é a intenção do Espírito: que ele, segundo a vontade de Deus, intercede pelos santos". O Espírito tem intenções. Coisas e força ativa não as têm.

2. *A Bíblia atribui ao Espírito Santo atos próprios de uma pessoa* - Não são apenas atributos, como alistados acima, mas atos próprios de uma pessoa., que só uma pessoa pode desempenhar. Vejamos algumas características:

(1) *O Espírito fala* - Já vimos o texto de Atos 13.2, por exemplo. Mas fiquemos com outro, para termos mais evidências. É o texto de Apocalipse 12.7: "Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas. Ao que vencer, dar-lhe-ei a comer da árvore da vida, que está no paraíso de Deus". Coisas e força ativa não falam, só pessoas.

(2) *O Espírito geme* - Lemos assim em Romanos 8.26: "Do mesmo modo também o Espírito nos ajuda na fraqueza; porque não sabemos o que havemos de pedir como convém, mas o Espírito mesmo intercede por nós com gemidos inexprimíveis". Sobre esta característica, vale a pena uma citação de Langston:

Conheci um homem que ficou muito triste quando perdeu seu único filho. E tão grande lhe era a dor que não conseguia falar nem chorar. Ele demonstrava a dor de coração com gemidos, mas gemidos exprimíveis. Mas a intercessão do Espírito vai além, porque é feita com gemidos inexprimíveis. Que intercessão poderosa!⁷⁵

⁷⁵ LANGSTON, op. cit., p. 256



Coisas não gemem. Energia não geme. Força ativa não geme. Nem mesmo se preocupam com os outros!

(3) *O Espírito tem ofícios que só uma pessoa pode ter* - Ele é consolador, o ensinador, o recordador, o convencedor e o testemunhador. Estes ofícios estão alistados nos capítulos 14 a 16 de João, aonde encontramos as cinco declarações de Jesus sobre o Espírito. Estes ofícios exigem personalidade. Coisas não podem consolar. Podem servir de consolo, mas não podem consolar porque não agem. Não ensinam nem recordam nem testemunham. Só uma pessoa. Pode fazê-lo.

3. *A Divindade do Espírito Santo* - Mas o Espírito não é apenas uma pessoa, mas a pessoa do próprio Deus. Uma citação de Davidson, em sua *Theology of the Old Testament*, nos aclarará neste ponto: "O Espírito do Senhor é o próprio Senhor *dentro* dos homens, como o Anjo do Senhor é o Senhor *fora* dos homens".⁷⁶ Fica claro que o Espírito Santo é chamado de Deus, nas Escrituras. Por exemplo, lemos em Isaías 6.8-9: "Depois disto ouvi a voz do Senhor, que dizia: A quem enviarei, e quem irá por nós? Então disse eu: Eis-me aqui, envia-me a mim. Disse, pois, ele: Vai, e dize a este povo: Ouvis, de fato, e não entendeis, e vedes, em verdade, mas não percebeis". Vejamos agora esta passagem em Atos 28.25-26: "E estando discordes entre si, retiraram-se, havendo Paulo dito esta palavra: Bem falou o Espírito Santo aos vossos pais pelo profeta Isaías, dizendo: Vai a este povo e dize: Ouvindo, ouvireis, e de maneira nenhuma entenderéis; e vendo, vereis, e de maneira nenhuma perceberéis". Observe-se que *lahweh*, em Isaías, é o Espírito Santo, em Atos. A primeira e a terceira pessoas da trindade são identificadas na aplicação que o Novo Testamento faz do Antigo. O mesmo procedimento sucede no uso que Hebreus 10.15-16 faz de Jeremias 31.33-34.

Outro episódio clássico é o de Ananias e Safira, como lemos em Atos 5.3-4: "Disse então Pedro: Ananias, por que encheu Satanás o teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo e retivesses parte do preço do terreno? Enquanto o possuías, não era teu? e vendido, não estava o preço em teu poder? Como, pois, formaste este desígnio em teu coração? Não mentiste aos homens, mas a Deus". É bem conhecida a declaração em que Pedro diz que mentir ao Espírito Santo é mentir a Deus.

⁷⁶ CRABTREE, Asa. Teologia do Velho Testamento. Rio de Janeiro: JUERP, 4ª ed., 1986, p. 67.



A Divindade do Espírito Santo não é apenas por identificações ou associações de textos ou declarações identificando-o como sendo Deus. A Bíblia atribui a ele atos que são prerrogativas divinas. Vejamos algumas delas:

- (1) *O Espírito é criador* - "Envias o teu Espírito, e são criados; e assim renovas a face da terra" (Sl 104.30). O Espírito é Criador.
- (2) *O Espírito é criador pessoal* - "O Espírito de Deus me fez, e o sopro do Todo-Poderoso me dá vida" (Jó 33.4). Jó reconhece um criador pessoal.
- (3) *O Espírito é onisciente* - É verdade que temos aqui mais um atributo que uma prerrogativa, mas para fins de raciocínio estamos no mesmo caminho. Lemos em 1Coríntios 2.9-11: " Mas, como está escrito: As coisas que olhos não viram, nem ouvidos ouviram, nem penetraram o coração do homem, são as que Deus preparou para os que o amam. Porque Deus no-las revelou pelo seu Espírito; pois o Espírito esquadrinha todas as coisas, mesmos as profundezas de Deus. Pois, qual dos homens entende as coisas do homem, senão o espírito do homem que nele está? assim também as coisas de Deus, ninguém as compreendeu, senão o Espírito de Deus".
- (4) *O Espírito é onipresente* - Seguimos na mesma linha do tópico anterior, mas permanece o argumento empregado, pois que caminhamos na direção de mostrar como Deus e o Espírito têm atributos ou prerrogativas idênticos. Lemos assim em Salmos 139.7-10: " Para onde me irei do teu Espírito, ou para onde fugirei da tua presença? Se subir ao céu, tu aí estás; se fizer no Seol a minha cama, eis que tu ali estás também.. Se tomar as asas da alva, se habitar nas extremidades do mar, ainda ali a tua mão me guiará e a tua destra me susterá".
- (5) *O Espírito pode ser blasfemado* - Não está em foco, agora, a questão do que é a blasfêmia contra o Espírito Santo, mas no contexto desta questão temos um argumento a mais pela divindade do Espírito. Lemos em Mateus 12.31-32: "Portanto vos digo: Todo pecado e blasfêmia se perdoará aos homens; mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada. Se alguém disser alguma palavra contra o Filho do homem, isso lhe será perdoado; mas se alguém falar contra o Espírito Santo, não lhe será perdoado, nem neste mundo, nem no vindouro". Para aqueles que negam o Espírito como sendo uma pessoa, vendo-o como uma força ou como uma energia ou até mesmo como um simples atributo de Deus, valem as palavras de Winslow:

É simplesmente inacreditável o ponto de vista do escritor bíblico: todo tipo de pecado contra todo o caráter de Deus, particularmente contra seu caráter moral, podem ser perdoados, mas uma blasfêmia contra um simples atributo não será perdoado⁷⁷.

⁷⁷ WINSLOW, Octavius. The Work of the Holy Spirit. London: The Banner of Truth Trust, 2^a ed., 1971, p. 15.



Daí segue Winslow argumentando pela personalidade divina do Espírito Santo. Ele é uma pessoa e é uma pessoa divina. Não pode ser um simples atributo ou, ainda, simplesmente a força ativa ou o poder de Deus. Teria mais moralidade que o próprio Deus pois pecar contra ele seria algo sem perdão e pecar contra Deus seria algo perdoável. A explicação viável é por sua personalidade divina.

4. *O Espírito Santo no Antigo Testamento* - A existência e a ação do Espírito Santo estão bem claras por todo o Antigo Testamento. Pessoalmente, não creio que a melhor tradução para Gênesis 1.2 seja a que diz que "o Espírito de Deus pairava sobre as águas". Parece-me que a melhor tradução é a da Bíblia de Jerusalém: "um vento de Deus pairava sobre as águas". E uma boa observação sobre este texto é a que segue: "Não se trata aqui do Espírito de Deus e de seu papel na criação. Esta será a obra da 'palavra' de Deus (vv. 3s) ou de sua 'ação' (vv. 7, 16, 25-26)" ⁷⁸. Partilho da opinião dos exegetas (nome que se dá aos estudiosos da Bíblia que buscam entender plenamente o sentido das palavras) mais recentes de que *ruah*, em Gênesis 1.2 deve ser traduzido por "vento" do que por "Espírito", mas fica-me evidente que isto não impede ver a atividade do Espírito por todo o Antigo Testamento.

Independente da ação do Espírito, algo que fica bem claro é que seu relacionamento com os homens é restrito a poucas pessoas. Ele não é de todos, no Antigo Testamento, mas se relaciona apenas com uma classe restrita de pessoas. Eis alguns desses casos:

(1) *O Espírito dado a uma classe de trabalhadores* - Foi dado a uma classe de trabalhadores braçais, para produção de artesanato do tabernáculo, como vemos em Êxodo 36.1: " Assim trabalharam Bezalel e Aoliabe, e todo homem hábil, a quem o Senhor deu sabedoria e entendimento, para saberem exercer todo ofício para o serviço do santuário, conforme tudo o que o Senhor tem ordenado". Entende-se que a habilidade manual excepcional destes dois homens foi uma concessão do Espírito Santo. Sua atividade entre os homens era episódica e não era geral, como se nota.

⁷⁸ BÍBLIA DE Jerusalém, nota de rodapé *in loco*.



- (2) *O Espírito vindo sobre guerreiros* - O Espírito também capacita os guerreiros para a luta, como no caso de Jefté: "Então o Espírito do Senhor veio sobre Jefté, de modo que ele passou por Gileade e Manassés, e chegando a Mizpá de Gileade, dali foi ao encontro dos amonitas." (Jz 11.29)
- (3) *O Espírito vindo sobre lutadores* - Na mesma linha do tópico anterior, o Espírito capacitava para batalhas, como se vê no caso de Sansão. Normalmente se pensa que sua força descomunal procedia tão somente de seus cabelos. Na realidade, os cabelos eram o sinal externo mais notável do voto de nazireu. Tê-los cortado significou que o último vínculo do voto fora quebrado (os demais já o tinham sido). Mas a força de Sansão vinha do Espírito, como se lê em Juízes 14.6 e 19 e 15.14. Por fim, "o Senhor" (lahweh) se retirou dele (16.20). Além de associar lahweh com o Espírito, o episódio de Sansão mostra que o revestimento de indivíduos era um traço marcante da atuação do Espírito.

Este aspecto é reforçado no seguinte: o Espírito era dado aos sacerdotes e aos profetas, mas não era dado ao povo. Lemos assim em Números 11.29: "Moisés, porém, lhe disse: Tens tu ciúmes por mim? Oxalá que do povo do Senhor todos fossem profetas, que o Senhor pusesse o seu espírito sobre eles!". O Espírito não vinha sobre todos, por isso que Moisés desejava que assim fosse.

Um trecho um tanto longo, mas extremamente proveitoso, nos vem da autoria de Landers e é transcrito a seguir, ajudando-nos nestas considerações:

Duas características destacam a operação do Espírito Santo no Velho Testamento. Em primeiro lugar, o Espírito desceu em dados momentos, para uma obra específica, mas não habitava continuamente em seu povo. Os profetas falavam pelo Espírito, proferindo suas mensagens, pelo menos em algumas ocasiões, em momentos extáticos. O êxtase tem uma longa história, e alguns experimentavam o Espírito do Senhor em êxtase, tanto no Velho como também no Novo Testamento. Não existe, porém, no Velho Testamento, a atuação constante do Espírito em seu povo; assim como Espírito descia, ele depois voltava. Em segundo lugar, o Espírito operava através de líderes, mas não através de todo o povo. O profeta recebia sua mensagem do Espírito. Os juízes e reis recebiam sua unção do Espírito do Senhor e, assim, tinham



legitimidade para liderar. Deus operava através de Israel, seu povo eleito, e ungia com seu Espírito os líderes do povo.⁷⁹

Uma observação da presença do Espírito Santo no Antigo Testamento mostra que sua atuação está em quatro áreas:

- (1) *Como criador e sustentador da vida* - Mesmo traduzindo *ruah*, em Gênesis 1.2 como "vento", Salmo 104.30 nos possibilita esta compreensão: "Envias o teu fôlego (*ruah*), e são criados; e assim renovas a face da terra.". Lemos também em Jó 33.4: "O Espírito de Deus me fez, e o sopro do Todo-Poderoso me dá vida.:. Ele é criador do mundo e dos homens. . Mesmo a tradução de *ruah* como "vento", como me parece ser a melhor tradução, a idéia do Espírito como criador permanece. Veja-se esta citação de Hammett: "Sem sopro, a vida não é possível. O Espírito é o sopro de Deus e a fonte de todo sopro. Por isso, o Credo Niceno chama o Espírito 'o Senhor e Doador da vida'".⁸⁰
- (2) *Profecia e transmissão da revelação de Deus* - O Espírito falava aos profetas e lhes transmitia a mensagem de Deus, como lemos em Ezequiel 2.1-2: "E disse-me: Filho do homem, põe-te em pé, e falarei contigo. Então, quando ele falava comigo, entrou em mim o Espírito, e me pôs de em pé, e ouvi aquele que me falava". Também lemos em Isaías 61.1: "1 O Espírito do Senhor Deus está sobre mim, porque o Senhor me ungiu para pregar boas-novas aos mansos; enviou-me a restaurar os contritos de coração, a proclamar liberdade aos cativos, e a abertura de prisão aos presos". Como pudemos verificar no estudo da transmissão da verdade divina, envolvendo revelação e inspiração, a ação do Espírito é fundamental para tal propósito.
- (3) *A capacitação de pessoas para fins específicos* - Isso foi comentado anteriormente e podemos nos dispensar de mais detalhes por ora. É mencionado novamente em conexão com a quarta área, que nos projetará no Novo Testamento.

⁷⁹ LANDERS, John. Teologia dos Princípios Batistas. Rio de Janeiro: JUERP, 3^a ed., 1994, p. 70. Na realidade, todo o capítulo do livro de Landers, alusivo ao Espírito Santo, intitulado "O Espírito Santo em cada crente", é excelente e deveria ser lido com atenção por todo estudante de Teologia.

⁸⁰ HAMMETT, op. cit., p. 60.



(4) *A criação da esperança messiânica* - Outra atividade do Espírito é a criação da esperança messiânica. Não é de se estranhar, posto que o próprio Messias, Jesus de Nazaré, declarou sobre o Espírito: "Ele me glorificará; porque receberá do que é meu, e vo-lo anunciará" (Jo 16.14). Outra palavra de Jesus cabe neste contexto: "esse (o E. Santo) dará testemunho de mim" (Jo 15.26). Há um excelente trabalho de Crabtree sobre a doutrina da promessa, no Antigo Testamento ⁸¹. Depois de mostrar que todo o Antigo Testamento gira ao redor de uma promessa, que se inicia em Gênesis 3.15, Crabtree mostra que a idéia chegou ao Novo Testamento. E comenta ele:

Assim seguindo a orientação do Mestre, os escritores apostólicos notaram, em primeiro lugar, que o *ensino messiânico do Velho Testamento é principalmente o desenvolvimento duma só promessa (eppagelía)* (...) De fato as escrituras do Novo Testamento constituem uma exposição do cumprimento da doutrina, em todas as suas ramificações, na Pessoa de Jesus Cristo. ⁸²

Este olhar para o futuro, em busca da concretização da grande promessa de Deus aos homens, promessa que se concretiza com a vinda do Messias, na plenitude dos tempos, é obra do Espírito Santo. A descrição do reino futuro do Messias, em Isaías 11, é um exemplo disso. Num quadro bucólico e idílico, inspirado pelo Espírito, o reino messiânico é apresentado de tal maneira que desperta um profundo desejo por sua instalação.

Estas atividades do Espírito, como Criador, como Revelador, como Capacitador, como Inspirador da Esperança Messiânica, todas elas são encontradas nos cinco ditos de Jesus sobre o Espírito, em João 14 a 16, que serão comentados, de maneira sucinta, mais à frente. Parecem mostrar a área de atuação desta pessoa da trindade. Mas, fiel ao desejo de não hierarquizar nem funcionalizar as pessoas, insisto no verbo "parecem".

4. *A democratização do Espírito Santo* - É no Novo Testamento, no entanto, que a plena democratização do Espírito Santo sucede. Se na antiga dispensação ele era de uma elite, restrito a poucas pessoas e a poucos momentos, a promessa é que no futuro ele seria de todos os fiéis e em todos os momentos. É este o sentido da profecia de Joel,

⁸¹ Refiro-me ao seu livro Os Profetas e a Promessa, editado pela Casa Publicadora Batista, em 1947. É uma pena que não tenha havido reedição e até mesmo a circulação deste livro não tenha sucedido como deveria. É uma jóia perdida.

⁸² Ib. *ibidem*, p. 57. O itálico é de Crabtree.



como lemos: "Acontecerá depois que derramarei o meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, os vossos anciãos terão sonhos, os vossos mancebos terão visões; e também sobre os servos e sobre as servas naqueles dias derramarei o meu Espírito. E mostrarei prodígios no céu e na terra, sangue e fogo, e colunas de fumaça. O sol se converterá em trevas, e a lua em sangue, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor. E há de ser que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo; pois no monte Sião e em Jerusalém estarão os que escaparem, como disse o Senhor, e entre os sobreviventes aqueles que o Senhor chamar" (2.27-32). Toda a linguagem cósmica mostra ser um evento escatológico e messiânico em que o Espírito Santo, a terceira pessoa da trindade, estaria ativamente em plano de destaque. Isto deveria suceder após a vinda do Messias, porque era sobre ele que o Espírito deveria repousar de maneira incomum, como nunca antes. Tal ensino fica bem claro: *os quatro evangelistas narram a vinda do Espírito, em forma visível, sobre Jesus, quando do seu batismo*. É um dos raros casos de coincidência de assuntos nos quatro evangelhos, inclusive em João, o evangelho não-sinótico. Fiquemos com o texto de Mateus: "Batizado que foi Jesus, saiu logo da água; e eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito Santo de Deus descendo como uma pomba e vindo sobre ele" (Mt 3.16).

Os evangelhos registram a vinda do Espírito, de maneira nunca anteriormente sucedida, no ministério de Jesus. Isto sucedeu para que houvesse as condições de cumprimento de Joel 2.28-29: "Acontecerá depois que derramarei o meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, os vossos anciãos terão sonhos, os vossos mancebos terão visões; e também sobre os servos e sobre as servas naqueles dias derramarei o meu Espírito". No dia de Pentecostes, Pedro afirmou que essa profecia havia se cumprido. O Messias tinha vindo, realizara um ministério no poder do Espírito, prometera o Espírito à sua Igreja (Jo 14.16) e agora cumpria o prometido. O Espírito Santo agora, no Novo Testamento, não é mais de uma elite e sim de todos: filhos e filhas (jovens e descendência, seja qual for o sentido), anciãos e até os servos, que eram ignóbeis.

A vinda do Espírito no dia de Pentecostes marca o início da Igreja como instituição, como organização. Idealmente, a Igreja está no coração de Deus na eternidade, como lemos em Efésios 1.4: " como também nos elegera nele antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis diante dele em amor". Mas, funcionalmente, sua existência está em Atos 2. Com isso quero dizer que a Igreja é a comunidade do Espírito Santo. O que



caracteriza a Igreja é que *toda ela é composta de gente que tem o Espírito Santo*. O perigo, aliás, de se dissociar a conversão do batismo com o Espírito consiste em apresentar a Igreja como se fosse uma instituição onde o Espírito está parcialmente presente. Sendo ela a comunidade do Espírito e tendo vindo ele morar no homem quando de sua conversão, toda ela é morada do Espírito (por Igreja estou me referindo à totalidade dos salvos, os verdadeiramente salvos, e não às pessoas num rol de membros ou a uma construção, ou, ainda, a uma denominação).

6. *A missão do Espírito Santo* - Mas qual é, exatamente, a missão do Espírito Santo nos dias de hoje? Precisamos nos deter aqui porque há muita confusão sobre essa matéria. A melhor resposta é a que nos vem do ensino pessoal de Jesus aos discípulos, falando sobre o Espírito, antes de sua morte. Ele está mais abalizado para falar do Espírito do que qualquer outra pessoa. Há cinco declarações suas sobre o assunto, no texto de João 14 a 16.:

1a) 14.16-20;

2a) 14.26-28;

3a) 15.26-27;

4a) 16.7-11;

5a) 16.12-15.

Vejamos um pouco sobre cada uma delas, que são chamados de "As cinco declarações de Jesus sobre o Espírito Santo".

A primeira traz o seguinte teor: "E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Ajudador, para que fique convosco para sempre, a saber, o Espírito da verdade, o qual o mundo não pode receber; porque não o vê nem o conhece; mas vós o conheceis, porque ele habita convosco, e estará em vós. Não vos deixarei órfãos; voltarei a vós. Ainda um pouco, e o mundo não me verá mais; mas vós me vereis, porque eu vivo, e vós vivereis. Naquele dia conhecereis que estou em meu Pai, e vós em mim, e eu em vós." "Ajudador" ou "Consolador" (tradução mais conhecida que, necessariamente não é a melhor só por isso) é o grego paráclito. É o mesmo termo de 1João 2.1 e que ali foi traduzido por "advogado". Significa "chamado para estar ao lado". Em 1 João, Jesus é nosso paráclito junto ao Pai. Aqui, o



Espírito é o paráclito junto a nós. Viria para estar ao nosso lado, como "Ajudador" (VR) ou "Consolador". Esta é sua primeira missão, no discurso de Jesus: consolar ou ajudar a Igreja, na ausência dele. Ele está ao lado dos crentes, caminhando com eles.

A segunda diz o seguinte: " Mas o Ajudador, o Espírito Santo a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto eu vos tenho dito. Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; eu não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize. Ouvistes que eu vos disse: Vou, e voltarei a vós. Se me amásseis, alegrar-vos-íeis de que eu vá para o Pai; porque o Pai é maior do que eu".

O ministério do Espírito, neste contexto, é triplo: *representar Jesus* ("em meu nome"), *ensinar* ("ensinará"), e *recordar* ("fará lembrar"). É o Espírito como ensinador. Pela primeira vez, na discussão, ele é chamado de "Espírito Santo". No 1o dito, foi chamado de "Espírito da verdade". Agora, de "Santo". Sua missão aqui é a de um Ensinador. Ele ensina os crentes a conhecerem mais de Jesus.

A terceira nos diz isto: "Quando vier o Ajudador, que eu vos enviarei da parte do Pai, o Espírito da verdade, que do Pai procede, esse dará testemunho de mim; e também vós dareis testemunho, porque estais comigo desde o princípio". No 3o. dito, o Espírito é testemunha. Este é o tema, agora. O Espírito é Testemunhador. Ele e os discípulos testemunhariam de Jesus. "Dará testemunho de mim" é uma expressão que merece ser pensada. A linguagem é de tribunal e mostra a missão do Espírito junto ao mundo. Ele não dá testemunho de si, mas de Jesus. Chama a atenção para a Jesus. Não que haja hierarquia entre a segunda e a terceira pessoas da trindade. Há harmonia entre as três. Em 14.16, por exemplo, o Pai envia o Espírito. Em 16.7, é o Filho quem envia. Aqui, o Filho envia, mas procede do Pai. Estão em harmonia, mas devemos ressaltar este ponto: o Espírito não se glorifica e sim a Jesus. Há hoje glorificações do Espírito, mostrando Jesus como coadjuvante. A Igreja Universal do Reino de Deus não tem Jesus como seu tema central. Seu símbolo é uma pomba (o Espírito) dentro de um coração (o sentimento). O objetivável da fé, a pessoa histórica de Jesus e sua cruz, passam a plano inferior. O Espírito não é inferior, mas tem uma missão: testemunhar de Jesus. A igreja onde o Espírito trabalha é aquela que está testemunhando de Jesus junto ao mundo.

Uma questão deve ser levantada: como o Espírito testemunha ? Em 16.14 lemos: "Ele me glorificará, porque receberá do que é meu, e vo-lo anunciará". Neste texto, dois aspectos de como ele testemunha são mostrados: 1o) glorificando o Filho. A igreja cheia do Espírito é



aquela em que Jesus está sendo glorificado. Isto porque o Espírito não chama atenção sobre si, mas sobre a pessoa do Filho. 2o) anunciando aos crentes. Ele capacita para compreender mais de Cristo. A igreja cheia do Espírito está sendo despertada para a pessoa de Cristo e ele está sendo cada vez mais real na vida da membresia. Quando qualquer outra pessoa é glorificada na Igreja que não seja a pessoa de Jesus, aí está havendo um equívoco. Quando o pastor aparece mais que Jesus, quando alguém tem tanto poder que se fala mais dele do que de Jesus, isso não é obra do Espírito Santo.

A quarta tem o seguinte teor: "Todavia, digo-vos a verdade, convém-vos que eu vá; pois se eu não for, o Ajudador não virá a vós; mas, se eu for, vo-lo enviarei. E quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo: do pecado, porque não crêem em mim; da justiça, porque vou para meu Pai, e não me vereis mais, e do juízo, porque o príncipe deste mundo já está julgado". Preste-se atenção na expressão "convencerá o mundo". Observa-se neste dito uma tríplice missão de convencimento: do pecado, da justiça e do juízo. O termo "convencer" quer dizer: mostrar ao mundo que ele está errado. A tríplice missão do E. Santo, neste contexto, é mudar a mente dos homens. Ele é o Convencedor.

Outra expressão a se notar aqui é "do pecado". Mas qual pecado? Há tantos! A resposta é simples: o pecado de não crer no Filho. O evangelho de João ressalta a incredulidade dos judeus. Vejam-se os textos de : 5.38, 6.36, 8.21-24 e 8.46. O Espírito, neste ensino de Jesus, trabalha no coração das pessoas para que elas reconheçam que são pecadoras e creiam. Crer em Jesus é obra do Espírito (1Co 12.3). E a maior obra que o homem pode fazer é crer: "Perguntaram-lhe, pois: Que havemos de fazer, para praticarmos as obras de Deus? Jesus lhes respondeu: A obra de Deus é esta: Que creiais naquele que ele enviou" (Jo 6.28-29).

Atente-se, ainda, para o versículo 10: "da justiça". O termo é de tribunal: ser defendido e absolvido. O mundo o condenou, mas o Espírito mostraria ao mundo que ele era Justo: "Mas vós negastes o Santo e Justo, e pedistes que se vos desse um homicida" (At 3.14). Os incrédulos reconheceriam isto: "Ora, o centurião e os que com ele guardavam Jesus, vendo o terremoto e as coisas que aconteciam, tiveram grande temor, e disseram: Verdadeiramente este era filho de Deus" (Mt 27.54). A obra do Espírito Santo é a de levar as pessoas a confessarem Jesus como Filho de Deus. Por isso que a conversão do pecador é obra dele.



Vejamos, por fim, o verso 11, em três expressões bem ricas de conteúdo teológico : "Do juízo ... príncipe deste mundo... julgado". O foco, agora, é Satanás. É ele o príncipe deste mundo, em oposição a Cristo, como podemos ler em João 12.31 e 14.30 e 2Coríntios 4.4. Ele, no entanto, já está julgado por Cristo, como podemos ler em Atos 10.18 e 1João 3.8. O Espírito Santo revelaria o sentido da morte de Jesus aos homens, e mostraria a derrota e condenação do príncipe deste mundo. "Julgado" é o termo grego *kekritai*, que tem um aspecto judicial e punitivo. Neste sentido, o Espírito mostra que o ministério de Jesus também é de julgamento, como podemos ler em Mateus 12.41 e 23.33, Marcos 12.40 e Lucas 10.13-16, mas sempre, nestes textos, como algo a suceder no futuro. É João que nos mostra que é algo a acontecer no futuro: "Não vos admireis disso, porque vem a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz e sairão: os que tiverem feito o bem, para a ressurreição da vida, e os que tiverem praticado o mal, para a ressurreição do juízo" (5.28-29), mas que já está decretado: "E o julgamento é este: A luz veio ao mundo, e os homens amaram antes as trevas que a luz, porque as suas obras eram más" (3.19) e "Quem crê no Filho tem a vida eterna; o que, porém, desobedece ao Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus" (3.36). Esta é outra missão do Espírito, acalmar a Igreja: ela é Militante, mas será Triunfante. Há derrota para o príncipe deste mundo e seus seguidores. Os dias deles estão contados. Neste sentido ele enche a Igreja de esperança de sua vitória final. Ele a ajuda a vencer.

Chegamos à quinta, por fim. "Ainda tenho muito que vos dizer; mas vós não o podeis suportar agora. Quando vier, porém, aquele, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá o que tiver ouvido, e vos anunciará as coisas vindouras. Ele me glorificará, porque receberá do que é meu, e vo-lo anunciará. Tudo quanto o Pai tem é meu; por isso eu vos disse que ele, recebendo do que é meu, vo-lo anunciará". Trata-se agora do Espírito como Condutor. Ele conduz a Igreja para dentro da Verdade de Jesus.

Esta última declaração de Jesus sobre o E. Santo permite entender que haveria mais revelação. Pela terceira vez, este é chamado de "Espírito da verdade". Ele revelaria a verdade. Mas devemos começar pelo versículo 12: "tenho muito que vos dizer". Esta expressão endossa o restante do Novo Testamento. Ele não dissera aos discípulos tudo o que deveria ter dito. Por quê? A resposta está ainda no versículo 12: : "não podeis suportar". "Suportar" é o verbo grego *bastazô*, que é o mesmo termo traduzido por "lançava" em 12.6



(*ebastazô*). Não havia, humanamente falando, como depositar ou lançar mais coisas na mente deles. Eles não podiam absorver mais nada! Já fora algo fantástico o que sucedera com eles: o Eterno entrou no tempo e o Infinito entrou no espaço, na pessoa daquele homem diante deles! Isto seria suficiente para estonteá-los. Aquele camponês era o Deus de seus pais! Hoje compreendemos mais que eles e julgamos normal o que estava sendo dito por Jesus, diariamente, a eles. Isto porque temos uma revelação completa que nos permite ver além do que eles viam, e temos o Espírito Santo que nos descortina as verdades dele, do Senhor Jesus. Para eles, era muito pesado. Ele diria mais tarde, pelo E. Santo.

Mas como e onde o Espírito diria essas coisas sobre Jesus, que Jesus agora não podia falar mais? A resposta é esta: O E. Santo disse essas coisas ao escrever a Escritura: "Porque a profecia nunca foi produzida por vontade dos homens, mas os homens da parte de Deus falaram movidos pelo Espírito Santo" (.2Pe 1.21). Notamos, aqui, a missão do Espírito: guiar os discípulos (v. 13) e glorificar a Cristo (v. 14). Duas vezes aparece a expressão: "receberá do que é meu" (14,15) e duas vezes "vo-lo anunciará" (14,15). Ele anuncia o que recebeu e que é de Cristo. Não traria uma nova revelação, mas simplesmente o que tiver ouvido. É a perfeita testemunha de Jesus. Continua o ministério de Jesus, revelando seus ensinamentos e palavras. Ele conduz a Igreja dentro da palavra e dos ensinamentos de Jesus. Ele endossou o Novo Testamento.

7. *O batismo no Espírito Santo* - Entramos agora numa das questões mais discutidas dentro do ministério do Espírito. Na teologia pentecostal, o batismo no Espírito é uma segunda bênção, distinta do que eles chamam de primeira, que é a salvação. Algumas modificações têm ocorrido dentro da teologia pentecostal, no entanto. Tempos atrás, o jornal da Assembléia de Deus de Cascares, Rio de Janeiro, declarou que o batismo no Espírito pode ou não ser acompanhado de línguas e que pode ser entendido como plenitude do Espírito.⁸³

Uma observação de Hammett nos esclarecerá, neste ponto:

O batismo com (ou no ou do) Espírito é um assunto polêmico, especialmente por causa das diferenças entre os pentecostais e outros evangélicos. De fato, só há sete versículos que ligam as palavras batismo e Espírito: Mateus 3.11, Marcos 1.8, Lucas 3.16, João 1.33, Atos 1.5 e 11.16 e 1 Coríntios 12.13. Os primeiros seis se

⁸³ Não tenho mais o referido jornal, pois que um colega que o tomou emprestado não o devolveu. Para efeitos de confirmação bastaria procurar junto ao ministério de Cascares pelos exemplares antigos.



referem a promessa que Jesus batizaria com o Espírito, que foi cumprida no dia de Pentecostes (veja Atos 1.5: "vós sereis batizados, dentro de poucos dias").⁸⁴

É significativo que, com tão escassos versículos, tenhamos tanta dissensão doutrinária neste ponto. É difícil uma análise desapaixonada da questão até mesmo porque ao redor dela se construíram denominações e sistemas doutrinários por inteiro e, é infelizmente que digo isto, até mesmo impérios econômicos. Mas tentemos analisar o assunto.

Tentar uma repetição do evento de Pentecostes é um tanto problemático. Até mesmo os mais ferrenhos pentecostais reconhecerão que não necessitam de línguas como que de fogo para serem batizados com o Espírito. Ou seja, não esperarão a repetição dos sinais de Atos 2 na íntegra. Mas esperarão, alguns deles, as línguas extáticas (as de Atos não foram extáticas, isto é, produto de êxtase) e proclamarão que as falam, como conseqüência do batismo. Foge ao nosso objetivo aqui, mas salta aos olhos que as igrejas pentecostais de hoje não falam as línguas de Atos 2, mas as de 1Coríntios 14. Melhor dizendo, seriam igrejas coríntianas e não pentecostais pois que em Atos tivemos uma língua que era entendida e em Corinto uma que não era entendida, a ponto de se necessitar de intérprete. Em Atos 2 não houve intérprete, as línguas falaram aos homens e houve conversão. Em 1Coríntios necessita-se de intérprete, as línguas falam a Deus e não há conversão, mas edificação. Aliás, segundo Paulo, os incrédulos teriam uma péssima imagem de uma igreja falando línguas. Como sucede em cultos pentecostais hoje. Mas a questão não é essa. A questão é determinar onde está o batismo no Espírito Santo. Os batistas entendemos que está no momento da conversão e que, após esta, há não apenas uma segunda bênção, mas dezenas de bênçãos, produto de nossa comunhão com Deus, que podem nos dar uma profunda experiência espiritual de enchimento e de crescimento. Afinal, Efésios 5.18, que nos diz "e não vos embriagueis com vinho, no qual há devassidão, mas enchei-vos do Espírito", está na voz passiva contínua: *sede enchidos continuamente*. A experiência de revestimento do Espírito Santo não é única, dissociada da conversão, mas deve ser uma constante em nossa vida e isso como conseqüência da conversão.

Como conseqüência da conversão porque, das sete associações entre "batismo" e "Espírito Santo" mencionadas por Hammett (reveja a citação 84), apenas 1Coríntios 12.13 é um versículo declarado após o evento, pode ser tomado como uma exegese do evento: "Pois

⁸⁴ HAMMETT, op. cit., p. 60



em um só Espírito fomos todos nós batizados em um só corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos quer livres; e a todos nós foi dado beber de um só Espírito". Neste texto, fica bem claro que o batismo no Espírito é um aspecto da conversão e sucede indistintamente com todos os cristãos, e, mais ainda, que o dom de línguas não é uma evidência do batismo.

Mas tentemos analisar o assunto mais um pouco, biblicamente. Encontramos quatro momentos no livro de Atos com a indicação do batismo no Espírito Santo.

O primeiro está em Atos 2, quando o Espírito vem sobre a igreja judaica de Jerusalém. O segundo está em Atos 8.14-17 quando os samaritanos são agregados à igreja. Só receberam o Espírito quando Pedro e João, representantes da igreja judaica, chegaram até eles para imposição de mãos. Agora, samaritanos e judeus, inimigos antigos, são membros do mesmo corpo, como 1Coríntios 12.13 afirma. O terceiro está em Atos 10, com o batismo no Espírito Santo de Cornélio e sua casa. Agora entram os gentios na Igreja. A rejeição dos judeus aos gentios era tão grande que Deus precisou, primeiro, dar uma visão a Pedro por três vezes, para que não rejeitasse o que Deus havia santificado (Cornélio, representativo dos gentios). E Pedro precisou se justificar perante a igreja de Jerusalém porque havia batizado um gentio. Depois da explicação é que a igreja judaica se convence, porque o mesmo dom que ela recebera os gentios haviam recebido: "Ouvindo eles estas coisas, apaziguaram-se e glorificaram a Deus, dizendo: Assim, pois, Deus concedeu também aos gentios o arrependimento para a vida" (At 11.18).

O quarto e último episódio está em Atos 19.1-6, envolvendo remanescentes do Antigo Testamento, podemos dizer, fiéis do Antigo Testamento. Paulo perguntou a eles se haviam recebido o Espírito Santo e lhe responderam que nem sabiam da sua existência. Em seguida, lemos em 19.3: "Tornou-lhes ele: Em que fostes batizados então? E eles disseram: No batismo de João". A palavra de Lucas em 19.4-5 é significativa: "Mas Paulo respondeu: João administrou o batismo do arrependimento, dizendo ao povo que cresse naquele que após ele havia de vir, isto é, em Jesus. Quando ouviram isso, foram batizados em nome do Senhor Jesus. Havendo-lhes Paulo imposto as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo, e falavam em línguas e profetizavam". Esses homens não eram cristãos, não haviam sido batizados em nome de Jesus, e receberam o batismo que anunciava que o Messias viria. Eram santos do Antigo Testamento. Devemos lembrar, neste contexto, que João Batista, que os batizara (ou algum de seus discípulos), foi o último profeta da linhagem e estirpe dos profetas do Antigo



Testamento: "A lei e os profetas vigoraram até João; desde então é anunciado o evangelho do reino de Deus, e todo homem forceja por entrar nele" (Lc 16.16).

Com o batismo destes homens se fecha o ciclo: todos os grupos possíveis foram inseridos na Igreja. A partir de então, a única referência a batismo no Espírito Santo é a de 1Coríntios 12.13, que diz que todos fomos batizados no Espírito. O assunto é absolutamente omitido nas demais epístolas. Seria muito estranho que uma doutrina que secundasse a conversão (e em alguns segmentos recebe mais ênfase que a conversão) fosse tão olvidada no restante do Novo Testamento.

Mais alguns outros aspectos sobre o Espírito Santo poderiam ser acrescentados aqui e o deixarão de ser, como os seus dons, a capacitação do cristão, o impulso para evangelização e missões. Na realidade, um semestre de estudos sobre o Espírito Santo seria necessário para uma boa análise. Da mesma forma necessitaríamos de um semestre somente sobre Cristologia. Nossa passagem por aqui, portanto, é rápida e o aluno deve buscar suplementar com leituras e pesquisa o pouco aqui exibido.

8. A DECLARAÇÃO DOUTRINÁRIA DA CBB - DEUS ESPÍRITO SANTO

Assim nos diz o item II.3 da Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira, intitulado "Deus Espírito Santo":

"O Espírito Santo, um em essência com o Pai e com o Filho, é pessoa divina (1). É o Espírito da Verdade (2). Atuou na criação do mundo e inspirou os homens a escreverem as Escrituras Sagradas (3). Ele ilumina os homens e os capacita a compreenderem a verdade divina (4). No dia de Pentecostes, em cumprimento final da profecia e das promessas quanto à descida do Espírito Santo, ele se manifestou de maneira singular e irrepetível, quando os primeiros discípulos foram batizados no Espírito, passando a fazer parte do Corpo de Cristo que é a Igreja. Suas outras manifestações, constantes no livro Atos dos Apóstolos, confirmam a evidência de universalidade do dom do Espírito Santo a todos os que crêem em Cristo (5). O batismo no Espírito Santo sempre ocorre quando os pecadores se convertem a Jesus Cristo, que os integra, regenerados pelo Espírito, à Igreja (6). Ele dá testemunho do pecado, da justiça e do juízo (8). Opera a regeneração do pecador perdido (9). Sela o crente para o dia da redenção final (10). Habita no crente (11).



Guia-o em toda a verdade (12). Capacita-o para obedecer à vontade de Deus (13). Distribui dons aos filhos de Deus para a edificação do Corpo de Cristo e para o ministério da Igreja no mundo (14). Sua plenitude e seu fruto na vida do crente constituem condições para a vida cristã vitoriosa e testemunhante (15)".

- (1) Gênesis 1.2, Jó 23.13, Salmo 51.11, 139.7-12, Isaías 61.1-3, Lucas 4.18-19, João 4.24, 14.16-17, 15.26, Hebreus 9.14, 1João 5.6-7, Mateus 28.19
- (2) João 16.13, 14.17 e 15.26
- (3) Gênesis 1.2, 2Timóteo 3.16 e 2Pedro 1.21
- (4) Lucas 12.12, João 14.16-17,26, 1Coríntios 2.10-14 e Hebreus 9.8
- (5) Joel 2.28-32, Atos 1.5 e 2.1-4, Lucas 24.49, Atos 2.41, 8.14-17, 10.44-47, 19.5-7 e 1Coríntios 12.12-15
- (6) Atos 2.38-39 e 1Coríntios 12.12-15
- (7) João 14.16-17 e 16.13-14
- (8) João 16.8-11
- (9) João 3.5 e Romanos 8.9-11

UM LEMBRETE: Considerando a complexidade deste assunto e o fato de ser ele pretexto para divisões em muitas igrejas, deixo um versículo bíblico e uma recomendação de cinco livros de excelente conteúdo, em Português, que devem ser estudados por quem queira mais profundidade no assunto (e espero que todos queiram). O versículo é Judas 19: "Estes são os que causam divisões; são sensuais, e não têm o Espírito". O Espírito Santo não divide igrejas. O que as divide é a carnalidade humana.

Os cinco livros são:

1. HARBIN, Byron. *O Espírito Santo na Bíblia, na História, na Igreja*. Rio de Janeiro: JUERP, 1995. O Dr. Harbin foi meu orientador no mestrado da Faculdade Teológica Batista de S. Paulo.
2. MCCONKEY, James. *O Triplo Segredo do Espírito Santo*. Rio de Janeiro: JUERP, 2ª ed., 1973.
3. CRANE, James. *O Espírito Santo na Experiência Cristã*. Rio de Janeiro: JUERP, 1978.
4. GRAHAM, Billy. *O Espírito Santo*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1980.
5. BRUNER, Frederick. *Teologia do Espírito Santo*. S. Paulo: Edições Vida Nova, 1983.



O assunto agora é *Eclesiologia*, ou seja, “a doutrina da igreja”. O que é uma igreja? Há diferença entre igreja e Igreja? Para que serve uma igreja?

As respostas a esta pergunta serão as mais variadas possíveis, dependendo da visão de cada um. Nossa *eclesiologia* prévia, a da igreja onde fomos criados, direcionará muito da resposta. Mas, via de regra, talvez exatamente por causa dessa nossa *eclesiologia* prévia, nosso raciocínio se encaminha ou para um prédio ou para uma determinada instituição religiosa. No entanto, para uma visão correta do fenômeno “igreja” precisamos nos cingir o mais possível ao ensino das Escrituras, evitando tanto quanto possível a visão denominacional ou de grupo. Já sabemos que muitos dos nossos conceitos teológicos são determinados, em grande parte, por nossa visão denominacional e por conceitos pessoais. Entendemos alguma verdade de uma maneira e justificamo-la com a Bíblia. E muitas outras vezes colocamos na Bíblia o que queremos que ela diga, em vez de tirar dela o que devemos dizer. Na presente unidade, nossa preocupação não é mostrar o modelo batista ou o modelo de alguma denominação em particular, mas os padrões bíblicos que nos ajudarão a entender o que é a igreja. Uma análise do modelo batista de igreja deve vir num estudo mais específico de *Eclesiologia Batista* ou *Administração Eclesiástica*. Não será a nossa meta, agora. Importa-nos aqui, neste momento, esta questão: o que a Bíblia entende ser “igreja”?

1. DEFININDO IGREJA

Vamos empregar o termo *igreja* para a instituição local e *Igreja* para o evento teológico. Fazemos uma distinção com estas palavras. De início temos que reconhecer que o Novo Testamento não conhece algo como Igreja Católica, Igreja Presbiteriana ou Igreja Batista. Nunca usa a palavra “Igreja” para designar uma denominação ou uma instituição. Não existe, no Novo Testamento, a Igreja (no sentido denominacional). Existem igrejas, no sentido de comunidades locais ou Igreja, no sentido geral, da comunidade universal, militante ou a ideal, dos remidos em todos os lugares. Isto não significa que o conceito de denominação esteja errado. É apenas um desenvolvimento na história do cristianismo, em que, ao redor de alguns princípios e doutrinas, algumas igrejas se agruparam. Outras mais nasceram ao redor de lideranças personalistas, ou seja, em torno de indivíduos. Se a essência de “Igreja” foi mantida na denominação ou nestes grupos, esta atitude pode ser uma forma lícita de propagação do evangelho. O erro sucede quando se colocam as



estruturas denominacionais acima do ensino bíblico. Neste sentido, a forma passa a valer mais que o conteúdo. Precisamos ter algo em mente: as denominações, todas elas, inclusive a nossa, são criações humanas. Ou seja, a Igreja Tal (como denominação) é uma organização humana, mas a "Igreja de Jesus Cristo" esta é de origem divina. Com isto não queremos dizer que as denominações são mundanismo, mas sim que são atos de homens. Pode ser que, em muitas vezes, até mesmo por orientação divina, mas devemos ter em conta que o Novo Testamento não faz a apologia ou a promoção de nenhuma delas em particular. Deus as usa e seu nome é glorificado nelas porque elas fazem da gloriosa igreja universal de Jesus. Mas nenhuma está prescrita nas páginas do Novo Testamento. E, se alguma delas reclama para si esta indicação neotestamentária, está exagerando em suas reivindicações. Como batistas podemos pensar que nossas doutrinas são as que mais se aproximam do Novo Testamento, mas dizer que as igrejas do Novo Testamento eram igrejas batistas será um exagero que raiará a falta de bom senso.

O termo para *igreja*, no Novo Testamento, é *ecclesia* (eklesia). Ocorre 119 vezes nos escritos neotestamentários⁸⁵. Quando nossas bíblias trazem a palavra *igreja* é esta a palavra que estão traduzindo. Tem pelo menos quatro sentidos:

1º) em três vezes, o sentido do termo é clássico, sem nenhuma implicação religiosa. As três vezes estão em Atos 19. Nos versículos 32 e 41, indica um agrupamento de pessoas. No versículo 39, indica uma assembleia reunida para fins judiciários. Neste sentido, *ecclesia* significa um grupo de pessoas reunidas para uma finalidade jurídica. O significado comum, não religioso, é este mesmo: um agrupamento social para decisões que envolvem suas vidas.

2º) em duas vezes, o termo é essencialmente judaico, traduzindo o termo hebraico *qahal*. A idéia hebraica contida em *qahal* é de um grupo de pessoas chamadas para alguma finalidade. Neste sentido, *ecclesia* significa um grupo de pessoas reunidas para um propósito comum. O significado é o mesmo anterior, mas a diferença é que não tem o escopo do sentido do grego comum e sim está retratando uma situação cultural judaica. E foi buscar o correspondente exato na cultura grega.

⁸⁵ GROBER, Glendon. Doutrina Bíblica da Igreja. Rio de Janeiro: JUERP, 5ª ed., 1987, p. 10. Na sua obra, Teologia dos Princípios Batistas, Landers declara que o termo aparece 114 vezes (p. 80)



3º) mas o uso majoritário da palavra é para um grupo de pessoas reunidas num determinado local. Das 119 vezes, o termo tem este sentido em, pelo menos, 85. O conteúdo da palavra aqui é claramente de igreja local, como em 1Coríntios 1.2, onde lemos: "à igreja de Deus que está em Corinto....". O termo alude aos crentes em Cristo que moravam na cidade de Corinto. Significa "os crentes de uma comunidade local", portanto.

4º) em quase vinte vezes, o sentido é difuso, bem amplo, tendo a idéia universal, como "a igreja de Deus", parecendo indicar um sentido mais amplo que o de igreja local. Mas um estudo cauteloso não invalida o sentido de local. Em Efésios e Colossenses, principalmente, o sentido parece ser universal, mas nunca de uma denominação. Refere-se à totalidade do povo de Deus, como em Efésios 3.10: "para que, agora, a multiforme sabedoria de Deus seja manifestada por meio da igreja, aos principados e potestades nas regiões celestes".

Podemos resumir isto da seguinte maneira: o Novo Testamento fala de "igreja" como um grupo de pessoas reunidas em uma determinada cidade e, em sentido mais amplo, como um povo, o povo de Deus, em todo o mundo. Não hierarquiza igrejas, colocando uma como "mãe" e as outras como "filhas"⁸⁶ (linguagem que implica em mando de uma e dependência de outra, em superioridade de uma sobre a outra), nem fala delas como uma instituição. Como já tenho dito, não existem "igreja mãe" e "igreja filha", mas existem apenas "igreja coirmãs", pois todas estão em pé de igualdade. A maior igreja, numericamente falando, e a igreja mais rica, financeiramente falando, valem tanto quanto a menor e mais pobre. O termo é sempre usado para designar gente, povo, e para nunca tijolos e bancos. Igreja não é, pois, um prédio, embora chamemos nossos prédios de culto e educação religiosa de "igreja". No sentido teológico, "igreja" é o povo de Deus. Não é errado chamarmos o lugar onde nos reunimos de "igreja" pois o termo ficou com este uso

⁸⁶ Infelizmente, entre os batistas, esta terminologia vem sendo empregada para designar uma igreja que organiza outra. A organizadora é chamada de "igreja mãe" e a organizada, de "igreja filha". Tal emprego dos termos é um equívoco teológico. As igrejas batistas não são mães nem filhas uma das outras, mas são coirmãs. Quando uma igreja batista organiza outra, ela não tem uma igreja filha, mas tem uma igreja irmã. O conceito de "igreja mãe" é católico: Roma é a mãe de todas as outras igrejas, porque manda nelas. O termo cabe bem em um sistema em que uma igreja é superiora, hierarquicamente falando, às outras. É como o termo "sede" ou "templo central", comum na linguagem assembleiana. Uma igreja batista que tem congregações não é a sede, é a igreja, somente. Nem é o templo central, é igreja somente. O Novo Testamento só conhece igreja como igreja, sem adjetivos. O próprio termo "congregação", que usamos, é, do ponto de vista teológico, incorreto. Toda igreja local é uma congregação.



popularizado, aceito e entendido. Mas será sempre conveniente termos isto em mente, em nosso estudo: o que o Novo Testamento está dizendo?

2. OS TERMOS BÍBLICOS PARA IGREJA

Já se disse que igreja é *eclesia*, termo encontrado no Novo Testamento grego e que corresponde ao termo hebraico *qahal*. Mas, o que significavam, exatamente, estes dois termos?

Qahal tem o sentido de congregação ou ajuntamento. No Salmo 26.5, onde se lê “odeio o ajuntamento de malfeitores”, temos “odeio o *qahal*”. Chouraqui traduziu como “odeio a assembléia dos malfeitores”. Observe-se que o termo é tão amplo que alude, neste texto específico, a pessoas más e não a uma comunidade religiosa. É simplesmente gente reunida, uma assembléia de pessoas, como, em nosso contexto, uma reunião de condôminos ou de sindicalizados, diríamos em nosso contexto.

Em outras ocasiões, *qahal* alude a um grupo reunido para propósitos específicos, como em 2Crônicas 20.5, onde é traduzido por “congregação”.

Em 25 vezes o termo se refere a um ajuntamento local para culto, como se pode ler em Salmo 22.22 e 40.9.

O uso majoritário, porém, é o ajuntamento solene do povo de Israel perante o Senhor. Em 77 vezes fala de Israel ajuntado como nação. E em sete, como todo o Israel.

Isto posto, pode-se dizer que *qahal* significa:

1. a assembléia de Israel como propriedade de Deus, um povo do Senhor.
2. o povo, nunca dissociado de seu contexto de tempo e espaço. Ou seja, não é usado abstratamente, como se faz hoje: “a Igreja”, mas o povo, numa lugar e num momento.
3. no período intertestamentário, o ajuntamento local para fins de culto.

Vejamos, então, *eclesia*, no sentido do grego clássico:

1. é usado para designar uma assembléia ou grupo
2. pessoas com certas qualificações



3. um grupo com certa forma de organização
4. um grupo com processos democráticos (na Grécia, usava-se para o povo em assembléia para decisões, como hoje chamaríamos, de eleições ou de plebiscitos).
5. o termo designava uma assembléia de pessoas autônomas, independentes de outras.

É razoável pensar que o Novo Testamento adotou o termo exatamente por causa do seu sentido. Ou, pelo menos, influenciado pelo seu sentido: um grupo de pessoas, com certas qualificações (salvas por Cristo), com certa de organização (reúne-se, adora a Deus, envia missionários, como em Atos 13.2, efetua batismos, celebra a ceia e resolve problemas doutrinários, como em Atos 15). Parece não haver dúvidas que, com o conceito de *qahal* em mente, os escritores do Novo Testamento, de cultura judaica, foram buscar o termo grego correspondente.

3. DEFININDO IGREJA

Parece que agora, com estes elementos, já podemos tentar uma definição bíblica da igreja. Em termos negativos, podemos dizer que igreja não é uma denominação ou uma rede de templos. Em termos positivos, podemos ficar com uma definição do teólogo Conner, que é muito boa:

Uma igreja é fundamentalmente uma congregação de pessoas que foram unidas a Deus por uma experiência da graça salvadora de Cristo e foram ligadas em união pelo Espírito Santo, adorando a Deus e crescendo em comunhão uns com os outros.
⁸⁷

Nesta definição, Conner assimilou muito bem os sentidos diversos de *qahal* e de *eclesia*. Em meu material de Eclesiologia, empregado no Seminário Teológico Batista Equatorial, defini igreja como

um grupo de pessoas que encontrou a Deus na pessoa de Cristo, foi salva por ele e com ele se comprometeu a viver dentro dos seus princípios.

⁸⁷ Anotei esta definição de Conner para um estudo com um grupo de missionários, mas perdi a referência. Dos quatro livros que tenho de Conner, em nenhum deles encontrei a citação. Mantenho-a como dele porque assim a anotei e porque não é minha.



Estas duas definições nos ajudam a ver que, acima de tudo, Igreja é o agrupamento de salvos por Jesus e que aceitou viver seus padrões. Isto deve abrir nossos olhos para algo: o que há de mais importante na Igreja, depois de Deus, óbvio, são as pessoas. Sem elas não há Igreja. Conseqüentemente, para o bom andamento da Igreja e das igrejas precisamos investir em pessoas. Igreja é gente e não tijolo. Há obreiros que são muito bons em construção de templos. Mas são negligentes em lidar com pessoas, em treiná-las, pregar para elas, aconselhá-las e desenvolvê-las. O maior investimento que uma igreja pode fazer é em gente e não em patrimônio material. Isto não significa que o patrimônio material deve ser descuidado, mas sim que o que torna uma igreja em igreja é gente e que quando os crentes são bem cuidados, alimentados, doutrinados e orientados em sua vida espiritual, a igreja tem mais condições de cumprir seu propósito.

Podemos entender isto melhor quando analisamos a obra de Getz, *Igreja: Forma e Essência*, principalmente no capítulo "Por que a igreja existe?"⁸⁸. A argumentação de Getz segue nesta linha: a comunidade de discípulos ficou com duas tarefas, neste mundo, sua edificação e a proclamação do evangelho. Qualquer definição de Igreja precisa levar em conta este aspecto, de sua dupla tarefa: ela cuida de si mesma e se dirige ao mundo. Uma boa definição da igreja envolve estes dois aspectos. O aspecto teológico de Igreja tem ficado subordinado, em muito, ao aspecto burocrático e institucional, o que é lamentável. Perde-se a essência da igreja em troca da forma. Isto desfigura o conceito, por completo.

Reconheço que as definições apresentadas, a de Conner e a minha, trazem um problema: as igrejas pedobatistas (que batizam crianças, praticando o batismo infantil, por aspersão) não são igrejas, então? Se Igreja é uma comunidade que teve a experiência da graça salvadora de Jesus Cristo, uma igreja que batize crianças não será Igreja? "O movimento landmarquista afirmou categoricamente que essas greis são sociedade, e não propriamente uma igreja"⁸⁹. Uma criança de dois meses não tem a experiência da graça salvadora, mas isso não invalida o fato de que aquela comunidade é a Igreja. Afinal, numa igreja que exija o batismo após profissão de fé (o que supõe que a pessoa teve a experiência da graça salvadora de Cristo) há muitas pessoas também perdidas. Isso não invalida aquela igreja como sendo Igreja.

Voltando um pouco à questão de definição, gostaria de citar Chafer:

⁸⁸ GETZ, Gene. *Igreja: Forma e Essência*. S. Paulo: Edições Vida Nova, 1994.

⁸⁹ LANDERS, op. cit., p. 82



No Novo Testamento, a Igreja inclui todas as pessoas regeneradas desde o dia de Pentecostes até o arrebatamento (1Co 15.52) e que foram ligadas entre si e unidas a Cristo pelo batismo do Espírito (12.12-13). Cristo é a cabeça do corpo (Ef 1.22-23). A Igreja é o santo templo para habitação de Deus (2.21-22), e é uma com Cristo (5.30-32). A Igreja é descrita como uma virgem casta esperando pelo esposo (2Co 11.2-4)⁹⁰.

Chafer está falando de Igreja no sentido universal, a Igreja de todas as épocas, em todos os lugares, que alguns chamam, inadequadamente, de "Igreja Invisível". (nós somos visíveis e fazemos parte desta Igreja). Ele se refere à totalidade dos salvos por Cristo em todos os tempos. Este é outro sentido do termo Igreja, além do local (igreja) e do evento teológico (Igreja). É sentido universal em época e não apenas em espaço territorial, como dizemos: "A Igreja do século XX". Tenha-se isto em mente, também.

4. QUANDO SURTIU A IGREJA?

Várias teorias são levantadas quanto ao surgimento da Igreja. Eis algumas das mais conhecidas:

1. no Éden (segundo Calvino).
2. quando Jesus chamou os doze. Esta posição eu abordo, particularmente, em "O Embrião da Igreja", que é um capítulo de meu livro *Como Sua Igreja Pode Transformar o Mundo*.
3. quando Jesus ordenou aos discípulos que batizassem.
4. quando da instituição da Ceia, sendo ela a substituta de Israel, que nasceu com a páscoa.
5. quando da grande comissão.
6. no dia de pentecostes; neste sentido, os ministérios da igreja e do Espírito Santo seriam coincidentes.
7. em Atos 2, quando vemos as atividades típicas de uma igreja, como adoração, proclamação e batismos.

⁹⁰ CHAFER, Lewis. Systematic Theology. Vol. 2., Wheaton: Victor Books, 1988, p. 234.



Uma boa interpretação é ver a Igreja como existente desde a eternidade, como lemos em Efésios 1.4: "como também nos elegeu nele antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis diante dele em amor". Ou seja, a igreja existia em forma ideal já na eternidade, no coração de Deus. Isto é, em potência. E, funcionalmente, passou a existir a partir do dia de pentecostes. Isto é, como ato. Nesta linha de interpretação, a Igreja vem, idealmente, desde a eternidade e, em termos funcionais, surge em Atos 2, quando os discípulos, sem a presença física de Jesus, têm a responsabilidade de levar seus ensinamentos. Agora, ela está materializada e cumprirá sua missão na história, na experiência dos homens.

A relevância desta interpretação é que ela mostra que Igreja não é uma aventura nem uma especulação. Tampouco é algo criado por pessoas inescrupulosas para dominar o mundo ou arrancar dinheiro dos incautos. É um projeto que surge no coração de Deus desde a eternidade e se concretiza no mundo com a missão de Jesus Cristo. Igreja é, portanto, algo sério, relevantíssimo, e deve ser encarada e trabalhada com a maior seriedade possível. Cuidar de uma igreja local não é ter um emprego, mas estar encaixado dentro do plano de Deus, com a mais alta responsabilidade. Uma pessoa que lidera qualquer atividade na igreja deve se entender como quem cuida da execução do plano de Deus neste mundo. Isto porque a igreja é a expressão visível da Igreja.

A Igreja é o povo de Deus, herdeira e sucessora da eleição de Israel. Ela substitui Israel no propósito de Deus. Lemos assim em Mateus 21.43: "Portanto eu vos digo que vos será tirado o reino de Deus, e será dado a um povo que dê os seus frutos". O reino foi tirado de Israel e dado à igreja. Em 1Pedro 1.1 ela é chamada de "peregrinos da dispersão", título anteriormente concedido a Israel. Em 1Pedro 2.9-10, quatro títulos que eram de Israel lhe são atribuídos: geração eleita, sacerdócio real, nação santa e povo adquirido. Compare estes títulos com Êxodo 19.6 e Isaías 43.20-21. Ela foi chamada das "trevas para a sua maravilhosa luz", como Israel fora chamado do Egito (Os 11.1). Israel era o projeto e a Igreja, a consecução. Israel foi o rascunho e a Igreja veio a ser o modelo definitivo. Deus não tem dois povos. Só um. O povo de Deus é a Igreja.

No entanto, não se deve pensar em uma Igreja "pré-cristã" ou, ainda, na "Igreja do Velho Testamento". Alguns gostam de se referir à comunidade de Israel, no Antigo Testamento, como se fosse "a Igreja judaica". O termo é inadequado. Valham-nos aqui as palavras de Conner: "A igreja não é uma instituição pré-cristã ou extra-cristã. Surgiu da



missão e da obra redentoras de Cristo Jesus" ⁹¹. Neste sentido ela é extremamente singular. Forsyth, um dos grandes teólogos da cruz, declarou o seguinte: "a igreja de Cristo é o mais grandioso e mais refinado produto da história humana ... a maior coisa do universo" ⁹². Sim, é isso exatamente por causa da obra de Jesus Cristo. Ele fez surgir a Igreja! A Igreja existe porque Jesus existiu, historicamente, e cumpriu uma obra histórica. Só existe Igreja por causa da obra de Jesus Cristo.

5. A BASE TEOLÓGICA DA IGREJA

A base teológica da Igreja está em Mateus 16.13-19. É o conhecido texto da confissão de Pedro, que tem o seguinte teor: "Tendo Jesus chegado às regiões de Cesaréia de Felipe, interrogou os seus discípulos, dizendo: Quem dizem os homens ser o Filho do homem? Responderam eles: Uns dizem que é João, o Batista; outros, Elias; outros, Jeremias, ou algum dos profetas. Mas vós, perguntou-lhes Jesus, quem dizeis que eu sou? Respondeu-lhe Simão Pedro: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo. Disse-lhe Jesus: Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que to revelou, mas meu Pai, que está nos céus. Pois também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela; dar-te-ei as chaves do reino dos céus; o que ligares, pois, na terra será ligado nos céus, e o que desligares na terra será desligado nos céus".

A questão capital, que vai desenvolver a idéia de Igreja, é esta: *quem é Jesus Cristo?* Isto nos alerta para o seguinte: nenhum indivíduo pode ser cristão ou ser da Igreja sem responder a esta pergunta, crucial. Só se pode ser Igreja pela fé em Jesus Cristo. Ninguém já nasceu como membro da Igreja de Deus. É algo que uma pessoa se torna pela fé na pessoa de Jesus. Uma luta dos dissidentes da Reforma, onde estavam nossos ancestrais na fé, foi esta: a Igreja é composta de pessoas salvas, que puderam responder a esta pergunta com uma apropriação pessoal da obra e da pessoa de Jesus.

Mas analisemos o texto. O diálogo faz de Pedro o primeiro cristão. E Jesus reconhece que foi o Espírito Santo quem revelou aquela verdade a Pedro. E surge aqui, na

⁹¹ CONNER, Walter. Doctrina Cristiana. El Paso: Casa Bautista de Publicaciones, s/d, p. 305.

⁹² Citado em STOTT, John. Ouçã o Espírito, Ouçã o Mundo. São Paulo: ABU Editora, 1997, p. 244.



sua resposta, a pergunta: quem é a pedra? Várias teorias são aventadas e registramos aqui as mais comuns:

1. segundo Agostinho, Jesus apontou em duas direções. Quando disse “tu és Pedro”, apontou para Pedro. Quando disse “sobre esta pedra”, apontou para si. Fica um pouco difícil ver isto no texto. Necessitaríamos de uma testemunha ocular que registrasse esta atitude. E não há. Na realidade, esta interpretação pode soar mais como uma desculpa para evitar que a Igreja Católica use o texto para tentar justificar-se como a Igreja que foi fundada por Jesus do que um emprego correto do texto. É uma hermenêutica pouco honesta.

2. a pedra é a confissão de Pedro. À semelhança dele, cada cristão confesso seria uma pedra que faria o alicerce da Igreja.

3. a fé de Pedro. A fé em Jesus como o Cristo, Filho de Deus, é a pedra que sustém a Igreja até hoje.

4. Pedro mesmo. Pessoalmente, fico com esta teoria. Pedro como pessoa, como crente, e não como chefe. Ele é representativo e não um indivíduo solitário na sua fé. Ele falou pelo grupo, tornou-se o primeiro cristão, mas sua resposta não faz dele um segundo Cristo, um capataz de Cristo. E para entendermos mais sobre a questão, comparemos Mateus 16.19 com 18.18: "Em verdade vos digo: Tudo quanto ligardes na terra será ligado no céu; e tudo quanto desligardes na terra será desligado no céu". Esta palavra que foi dirigida a Pedro, como indivíduo é dirigida agora à Igreja como um todo. Ou seja: o que foi dado a Pedro foi dado à Igreja como um todo. Isto significa dizer que Pedro não foi papa nem teve uma autoridade especial sobre os demais. Na leitura de Gálatas 2.11 ("Quando, porém, Cefas veio a Antioquia, resisti-lhe na cara, porque era repreensível") se ver como Paulo o repreendeu publicamente. O primeiro papa, historicamente, foi Leão I, e o papado poderia ser datado em 445, com a palavra de Valentiniano III, de que o que bispo de Roma falava era lei para todos. Mas a Igreja de Constantinopla teve o mesmo direito concedido à Igreja de Roma. A Igreja Instituição (com dois Il mesmo) se dividiu, com esta decisão, em dois blocos. Pedro é representativo da Igreja por ser o primeiro a confessar Jesus como o Cristo de Deus, mas não que qualquer igreja que ele tenha pastoreado se tenha tornado mãe de todas as demais ou que ele tivesse autorização de passar este domínio a seus sucessores.



6. A MISSÃO DA IGREJA

Qual é a missão da Igreja? Mesmo sabendo que alguns dizem que é a evangelização ou missões, respondo numa palavra, sem pestanejar: a missão da Igreja é a adoração. E socorro-me, mais uma vez, com Conner:

A principal obrigação, portanto, de uma igreja, não é o evangelismo, nem missões, nem beneficência; é a adoração. Adoração a Deus em Cristo devia estar no centro das demais coisas que a igreja realiza. Adoração é a moral real de toda a atividade da igreja. Entretanto não devia ser a adoração com o intuito de manter atividade. Nesse caso a adoração torna-se secundária, e a atividade a coisa principal. Deus deve ser adorado por causa da sua pessoa e não por causa daquilo que pode fazer por nós. Adoração é o reconhecimento por parte do homem do mérito de Deus, não por causa do homem mas por causa de Deus. O cristianismo moderno em toda a sua extensão tem sido demasiado propenso a subordinar Deus ao homem. Nossas igrejas têm sido modeladas de acordo com o padrão de uma corporação de negócios organizadas para terem eficiência em seus negócios. A voz de Deus tem se perdido no tumulto da maquinaria e no barulho da organização. A igreja moderna tem vendido a sua alma por causa da eficiência. Vamos à igreja ouvir uma 'pessoa dinâmica' que, do púlpito, antes estimula os seus irmãos a levar ao fim um programa, em vez de ouvir a voz de Deus falando-nos das realidades eternas. Nossos seminários teológicos preparam homens para serem administradores de igreja, em vez de pregadores da Palavra. O ministro moderno dedica-se às reuniões de comissões e aos jantares oferecidos nas igrejas.⁹³

É fácil entender o que está sendo dito. A Igreja existe em função de Deus e não do mundo. No céu não haverá perdidos para evangelizar, mas haverá Igreja porque no céu haverá Deus. Ela existe por causa de Deus e não dos perdidos, torno a repetir. Isto define bem a missão da igreja em termos verticais, que é a prioritária. Esta missão é necessária para que ela cumpra sua tarefa dupla, de auto-edificação e de proclamação. Evito as distinções que alguns fazem de "missão" e "função" por não ver diferença entre os dois termos. Para mim, a igreja tem uma missão: viver em função de Deus. Com isso, ela se capacita para uma dupla tarefa. Se alguém achar que "missão" e "tarefa" são sinônimos,

⁹³ CONNER, Walter. O Evangelho da Redenção. Rio de Janeiro: JUERP, 2ª ed., 1981, p. 228. Seguindo a pista de Conner, escrevi "Quando a Igreja troca a Teologia pela Tecocracia", que foi publicada na Revista Teológica, do STBSB, no. 17, da nova fase. Meu alerta é que as igrejas batistas estão sendo mais instituições do que casa de Deus. Temos mais um programa para tocar do que um Deus para adorar. Os tecnocratas dão uma agenda para a Igreja. Os teólogos devem ensinar a Palavra à Igreja. O aspecto institucional está prevalecendo sobre o aspecto teológico. Talvez isto explique porque muitas de nossas igrejas estão vazias e as pessoas preferiram igrejas sem nenhuma educação religiosa, sem estrutura organizacional eclesial nenhuma, mas que lhes dá duas horas de culto. No meu entendimento, entre os batistas, a instituição está se tornando cada vez mais sufocadora da igreja.



responderei que pode ser. Tanto quanto missão e função. Semântica por semântica, fico com a minha e trato do meu raciocínio. Aliás, o próprio Conner que prefere o termo "função", usa o termo "obrigação" para designar o que é mais importante na vida da Igreja.

Neste sentido, em termos horizontais, a missão da Igreja é lidar com gente. Ela serve a si e ao mundo. Para isto, a Igreja é uma comunidade que deve crescer. Leiamos o texto de Efésios 4.11-16. Observe que, na Igreja, cada um tem o que fazer, beneficiando os outros. A igreja é uma comunidade onde as pessoas interagem umas com as outras e servem umas às outras. Nosso povo deve ser ensinado a ver igreja da seguinte maneira: não é “o que a igreja pode fazer por mim?”, mas “o que posso fazer pela igreja?”. O serviço aos outros é a motivação horizontal da Igreja. E o modelo de serviço nos foi dado pelo próprio Senhor Jesus Cristo, como vemos em Marcos 10.45 e como ele nos ensinou no episódio em que lavou os pés dos discípulos, tarefa que era designada aos escravos. Fiquemos com o texto de João 13.14-15: “Ora, se eu, o Senhor e Mestre vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns aos outros. Porque eu vos dei exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também”. A igreja é uma comunidade que aprende a serviço mútuo, a solidariedade: “Confessai, portanto, os vossos pecados uns aos outros, e orai uns pelos outros...” (Tg 5.16) e “Levai as cargas uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo” (Gl 2.2) são suas declarações bíblicas que nos ajudam a entender esta verdade. A vida na igreja não deve ser de competição, mas de solidariedade.

Neste aspecto de missão horizontal, a Igreja também se dirige ao mundo. Ela é enviada ao mundo: “Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo” (Jo 17.18). Ela se dirige ao mundo com a mensagem de Cristo crucificado, poder de Deus para salvação de todo aquele que crê. Como lemos em Atos 2.37-40 e 3.19, ela chama os homens a se arrependerem de seus pecados e a confessarem Jesus Cristo como Salvador. Ela anuncia os atos de Deus propondo reconciliação em Cristo e chama os homens a se reconciliarem com ele.

A missão da Igreja, entenda-se, então, tem duas dimensões. Uma, vertical, na direção de Deus, é a prioritária. Outra, a horizontal, na direção dos homens, secundária, leva-a ao serviço mútuo e à evangelização, serviço social, ação social, etc. Digo que a vertical é a prioritária porque só ela pode fazer isso. Serviço social, assistência social, beneficência, educação, qualquer ONG pode fazer. Adorar a Deus só a verdadeira Igreja



pode fazer. E, quando adora a Deus ela tem força para se dirigir ao mundo. Sem adoração, sem comunhão, a Igreja nada é. "Sem mim, nada podeis fazer" (Jo 15.5).

7. FIGURAS DO NOVO TESTAMENTO PARA A IGREJA

O Novo Testamento usa algumas figuras bem elucidativas sobre igreja, às quais devemos atentar. Já vimos os termos *qahal* e *eclesia* e eles nos ajudaram na nossa compreensão. Há outros termos, porém, que nos ajudarão a entender mais o que é igreja. Eles trazem uma carga conceitual consigo e vale a pena examiná-los.

1. Povo de Deus - É o conceito dominante de igreja no Novo Testamento. No Antigo Testamento, por causa de Israel, a idéia de um povo de Deus é muito forte. Israel girava ao redor de três verdades: um Deus, um povo e uma terra. A Igreja gira ao redor de três verdades: um Salvador, um povo e uma pátria celestial (Hb 11.16). Das três verdades do Antigo Testamento, permanece o conceito de povo como o único imutável, já que o próprio conceito de Deus foi mudado por Jesus como vimos no tópico "Deus Pai". Israel era povo porque Iahweh era seu pai (Êx 4.22-23). Um povo, nos tempos do Antigo Testamento, remontava a um ancestral comum. A Igreja, como Israel, remonta a um ancestral comum.

No Novo Testamento, o termo mais comum para Deus usado por Jesus é "Pai". É o termo da oração modelo. A Igreja é o povo que tem a Deus como Pai, por causa de Jesus Cristo. Ele ensinou os homens a chamarem a Deus de "Pai". Não apenas ensinou como tornou isto possível. Sobre isto pode-se voltar à doutrina da paternidade de Deus e ler-se mais.

2. Corpo de Cristo – Leiamos os textos de 1Coríntios 12.12-31 e Efésios 4.1-16 e vejamos como eles mostram a Igreja como corpo. A figura necessita ser explicitada. Não é mística, mas funcional: mostra interdependência e complementaridade. Num corpo, os membros são dependentes uns dos outros e se complementam. A Igreja é um grupo de pessoas que deve viver em solidariedade e não isoladas, umas das outras. Veja-se, principalmente, 1Coríntios 12.27.

3. Templo e sacerdócio - O pastor não é um sacerdote, no sentido de ter uma autoridade espiritual diferente da dos demais. Todos os crentes o são. Todos têm a função do sacerdote: podem acessar a Deus diretamente, interceder por si e pelos outros. Quanto à



palavra templo, o Novo Testamento nunca a usa para uma construção. Sucede o mesmo com o termo santuário. Alguns chamam o salão de cultos de “santuário”, o que é resquício do Antigo Testamento e do judaísmo. No Novo Testamento, o termo “santuário” é aplicado sempre a gente. E nunca a um lugar. O lugar onde o santuário de Deus, as pessoas, se reúne, se chama salão de cultos. Veja-se 1Coríntios 3.16 e 6.20. Nós é que somos a casa de Deus (Hb 3.6). No Novo Testamento, Deus não habita em construções (At 17.24), mas em pessoas. Esta é a glória dos fiéis do Novo Testamento: Deus não habita em prédios, mas neles. Devemos guardar isto bem. No cristianismo, o sagrado não é um lugar nem uma construção. Isto é idolatria. No cristianismo, sagrado são as pessoas porque é nelas que o Espírito Santo mora.

4. Servo - O termo é riquíssimo e no Antigo Testamento designava alguém escolhido por Deus para uma missão, o *ebhed lahweh*, como diz o texto hebraico. Vejam-se, principalmente, os cânticos do Servo, na segunda parte de Isaías. Nestes textos, o conceito, que era de Israel (49.3), vai se pessoalizando e se aplica a uma pessoa, em 52.13 a 53.12. É, claramente, um indivíduo. Jesus se viu nos cânticos do Servo (veja Lucas 4.16-21). O primeiro servo, Israel, falhou. Pecou no deserto. Não confiou e pediu pão. Jesus foi ao deserto e não pediu pão, como Israel o fez. A Igreja é a comunidade do segundo Servo. Ela está no mundo para fazer a vontade de Deus.

5. Noiva - A figura do casamento entre Israel e lahweh é bem clara em Oséias. Nos escritos paulinos e no livro do Apocalipse, a idéia é aplicada à Igreja. Ela é a noiva, aquela que deve esperar o noivo, que lhe deve ser fiel, viver em expectativa de sua chegada e confiante na sua palavra.

Tudo isto nos permite ter uma visão teológica mais ampla do que seja a Igreja. E, a partir daqui, construir nossa concepção eclesiológica de forma mais bíblica e mais abalizada. O assunto está longe de ser esgotado. E a reflexão sobre Igreja necessita ser feita com muito mais intensidade. Na minha percepção, uma das grandes falhas da Reforma foi exatamente na área eclesiológica. O modelo de Igreja estatal, herdado do catolicismo, permaneceu na mente dos reformadores. Alguém disse que "Lutero saiu do catolicismo, mas o catolicismo nunca saiu de Lutero". Neste sentido de visão de Igreja, o catolicismo nunca saiu de Lutero, de Calvino e de Zuínglio. O conceito bíblico de igreja ainda precisa ser muito trabalhado. Não temos o conceito de Igreja Estatal, mas temos o conceito de Igreja Institucional. No fim temos a mesma coisa, se pensarmos que alguns sociólogos e



futurólogos prevêem um mundo dominado não por nações, mas por instituições, por conglomerados econômicos.

Pudemos, assim, compreender um pouco do que seja a Igreja de Jesus, sua essência, sua missão, e como deve ser seu procedimento diante de Deus, entre seus membros e diante do mundo. Não é um trabalho exaustivo, mas uma visão panorâmica do ensino do Novo Testamento. Partindo daqui, o estudante interessado em conhecer mais, poderá adquirir alguns livros e ampliar seus conhecimentos. A Igreja é um fenômeno riquíssimo, muito amplo, bastante profundo, e a reflexão sobre ela nunca será esgotada. Por isso, a seguir, após a Declaração Doutrinária da CBB, alistamos uma bibliografia básica que ajudará o estudante a aumentar seus conhecimentos sobre tão importante assunto.

8. DECLARAÇÃO DOUTRINÁRIA DA CBB - IGREJA

Assim nos diz o item VIII - IGREJA, da declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira.:

"Igreja é uma congregação local de pessoas regeneradas e batizadas após profissão de fé. É nesse sentido que a palavra 'igreja' é empregada no maior número de vezes nos livros do Novo Testamento (1). Tais congregações são constituídas por livre vontade dessas pessoas com a finalidade de prestarem culto a Deus observarem as ordenanças de Jesus, meditarem nos ensinamentos da Bíblia para a edificação mútua e para a propagação do evangelho (2). As igrejas neotestamentárias são autônomas, têm governo democrático, praticam a disciplina e se regem em todas as questões espirituais e doutrinárias exclusivamente pela Palavra de Deus, sob a orientação do Espírito Santo (3). Há, nas igrejas, segundo as Escrituras, duas espécies de oficiais: pastores e diáconos. As igrejas devem relacionar-se com as demais igrejas da mesma fé e ordem, e cooperar, voluntariamente, nas atividades do reino de Deus. O relacionamento com outras entidades que sejam de natureza eclesial ou outra, não deve envolver a violação de consciência ou o comprometimento da lealdade a Cristo e sua Palavra. Cada igreja é um templo do Espírito Santo (4). Há também no Novo Testamento um outro sentido da palavra 'igreja' em que ela aparece como a reunião universal dos remidos de todos os tempos, estabelecida



por Jesus Cristo e sobre ele edificada, constituindo-se no corpo espiritual do Senhor, do qual ele mesmo é a cabeça. Sua unidade é de natureza espiritual e se expressa pelo amor fraternal, pela harmonia e cooperação voluntária na realização dos propósitos comuns do reino de Deus (5)."

- (1) Mateus 18.17, Atos 5.11 e 20.17 e 28, 1 Coríntios 4.17, 1Timóteo 3.5, 3João 9, 1Coríntios 1.2 e 10.
- (2) Atos 2.41-42
- (3) Mateus 18.15-17
- (4) Atos 20.17 e 28, 6.3-6, 13.1-3, Tito 1.5-9, 1Timóteo 3.1-13, Filipenses 1.1, 1Coríntios 3.16-17, Atos 14.23 e 1Pedro 5.1-4
- (5) Mateus 16.18, Colossenses 1.8, Hebreus 12.22-24, Efésios 1.22-23, 3.8-11, 4.1-16 e 5.22-32, João 10.16 e Apocalipse 21.2-3.

BIBLIOGRAFIA

- COELHO FILHO, Isaltino Gomes. *À Igreja Com Carinho*. 2ª ed. S. Paulo: Exodus Editora.
- COELHO FILHO, Isaltino Gomes. *Sua Igreja Pode Transformar o Mundo*. S. Paulo: Exodus Editora.
- HORREL, Scott. *Ultrapassando Barreiras*, 2 volumes. S. Paulo: Vida Nova
- MENDES, Naamã. *Igreja, Lugar de Vida*. Venda Nova: Editora Betânia.
- STEUERNAGEL, Valdir (org.). *A Missão da Igreja*. Belo Horizonte: Missão Editora
- STOTT, John. *Ouçã o Espírito, Ouçã o Mundo*. S. Paulo: ABU Editora, 1997.
- SHELLEY, Bruce. *A Igreja: O Povo de Deus*. S. Paulo: Edições Vida Nova, 1984